



3 1761 07500665 0







Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

O REGIME
DAS
RIQUEZAS

(ELEMENTOS DE CHREMATISTICA)

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS



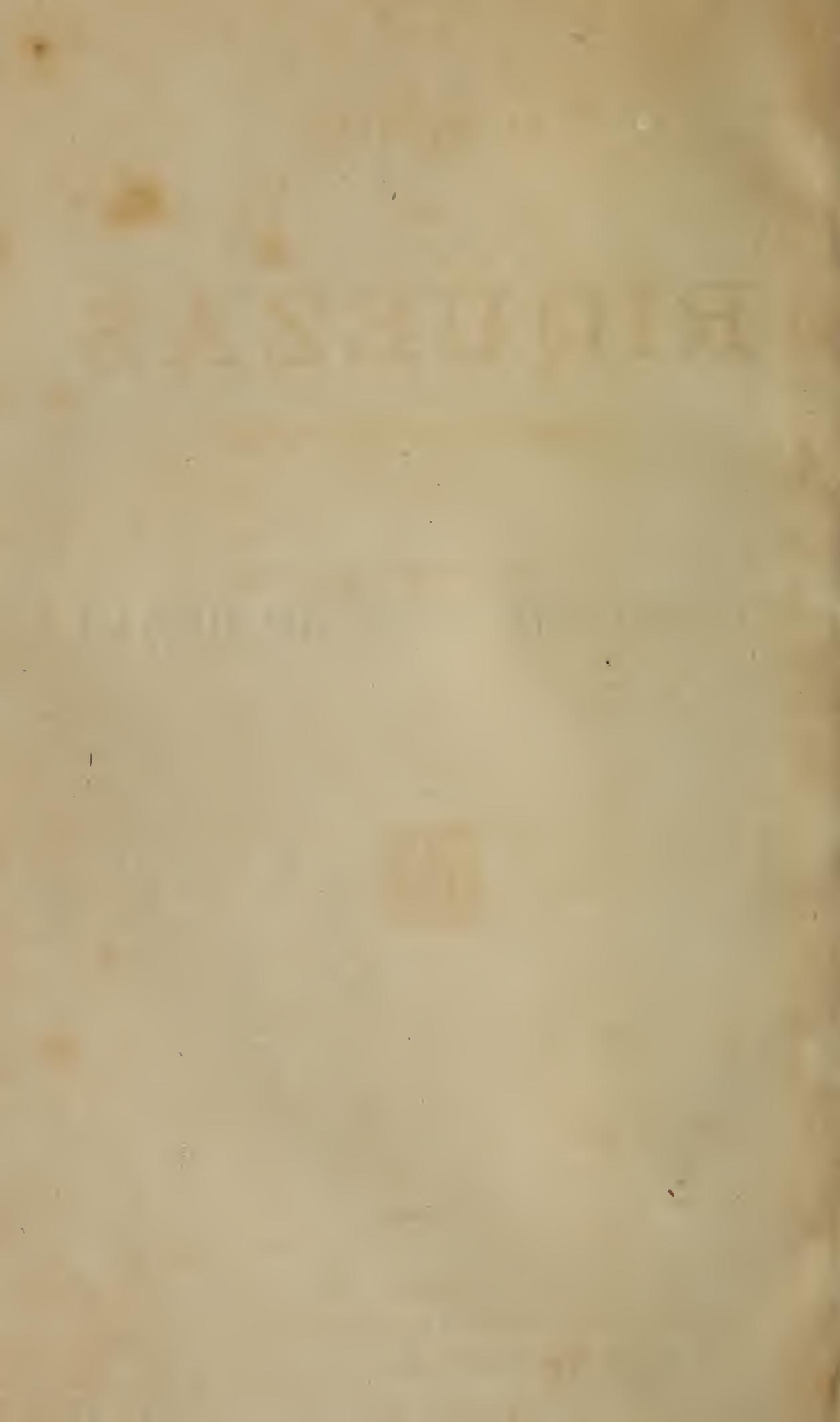
LISBOA

Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

Musa
Impressa
e Estampas

O REGIME DAS RIQUEZAS



O REGIME
DAS
RIQUEZAS

(ELEMENTOS DE CHREMATISTICA)

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS

J. P. Oliveira Martins
Abil. 1834



LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR

50, 52 — Rua Augusta, — 52, 54

HB
179
P6
045



INTRODUÇÃO

Foi Aristoteles o inventor do termo Chrematistica — sciencia das riquezas. Esta expressão, restaurada em nossos dias com um valor mais analytico, deve emparelhar com a de Economia-politica, ou social, no estudo systematico dos phenomenos da producção, consumo e distribuição da riqueza.

Chrematistica e Economia são especies diversas: a primeira é uma sciencia abstracta, a segunda uma sciencia concreta ou uma arte de applicação. Uma expõe a theoria da formação das riquezas, a outra as regras reguladoras da sua distribuição politica. Estão entre si como a phisiologia e a medicina, como a jurisprudencia e o governo das nações, ou como a mathematica e a engenharia. Uma é estavel por ser abstracta; a outra variavel, nas suas regras, com a variação indefnida das condições, do genio, dos estados e da idade das sociedades.

A indistinção das duas especies, mais commum do que devera ser, produz as confusões e contradicções das escholas e dos escriptores economistas. Incluindo no termo Economia-politica duas noções distinctas e irreductiveis, uns, discipulos de Say, chegam a reclamar para esta disciplina um lugar no quadro das sciencias naturaes; emquanto os allemães em geral a collocam no dominio da juris-

prudencia ou da politica — não fallando nos que, negando-lhe fóros de sciencia, a consideram apenas um ramo de administração, e até um genero de «litteratura indigesta».

Surge, pois, n'este caso a mesma questão proposta na linguistica: é uma sciencia natural? é uma sciencia social? Os phenomenos da linguagem e os da riqueza, fundando-se em propriedades naturaes zoologicas — a falla e a aquisição, — só porém se propoem socialmente. Se, todavia, em vez de formularmos o problema d'este modo inadequado, perguntarmos se os phenomenos da linguagem e os da riqueza são naturaes ou racionaes, animaes ou humanos, poderemos então responder que em ambas as disciplinas os ha das duas naturas. E' esse o criterio da distincção logica entre Chrematistica e Economia.

A primeira trata dos elementos e condições phisicas, se assim se póde dizer, da producção, do consumo, e até da distribuição tal como espontaneamente se daria em estados não-sociaes. A segunda occupa-se da influencia das leis e principios constitucionaes da sociedade sobre uma distribuição, não já anarchica, mas subordinada ás necessidades da cohesão e do progresso social, notando a acção reflexa d'essas leis e principios sobre o regime da producção. A primeira é pois natural, phisica ou statica; a segunda é artificial, racional, social — *domestica*: de *oikos*, casa, Economia.

N'este livro occupamo-nos da primeira e não da segunda; do mesmo modo que, na obra precedente, estudámos os principios da jurisprudencia e não o systema pratico das instituições adequadas ao nosso tempo. E se além procedemos objectiva ou inductivamente, indo buscar aos fastos remotos da humanidade os elementos constitucionaes das

suas idéas, tambem aqui os pediremos á mesma fonte, em vez de os procurar na dialectica ou na mathematica, seguindo as lições recentes de um Cournot ou de um Jevons.

A esses, comtudo, se deve a distincção entre Chrematistica e Economia, principio de uma fecundidade e de um alcance ainda hoje pouco apreciados; principio gravissimo, mórmente n'uma epocha em que o desenvolvimento da riqueza e a idade positiva do pensamento dão aos problemas chamados sociaes, aos problemas da distribuição politica, a primazia sobre todos os antigos problemas religiosos e juridicos. Tocqueville observou, com a sua extrema sagacidade, que as revoluções não surgem por via de regra quando os povos se acham afogados na profundidade da miseria, mas sim quando uma relativa melhoria de circumstancias lhes consente comparações e ambições que os incitam. Não é esta a condição actual do proletariado europeu?

Não ha pois, nem momento mais adequado para derimir os problemas da riqueza, nem occasião em que seja mais urgente fixar os elementos scientificos de uma disciplina sobre que tanto e tão abstrusamente se tem divagado. Assentar as questões nas suas bases verdadeiras é meio caminho andado para as decidir; enunciar nitidamente um problema é quasi resolvel-o.

Trata-se de saber por via de que mudanças nas condições de producção, ou nas relações commerciaes, os preços baixam, sobem ou se nivelam? ou como se repartem as perdas e os lucros entre proprietarios, operarios e empregarios? Eis o fôro da Chrematistica. Para o da Economia é mister fazer intervir, no concurso combinado dos motivos espontaneos, os motivos psychologicos e juridicos,

principios que alteram a essencia das cousas, pois os homens não se limitam a querer saber o que essas cousas *são*, pretendendo com motivo que *sejam* d'aquelle modo que a sua consciencia e a sua moral lhes indicam.

Ora os motivos juridicos apresentam no systema do seu desenvolvimento e até no conjuncto das suas aberrações uma variabilidade indefinida; e, que sejam illusões ou verdades, o facto é que o homem obedecerá sempre aos movimentos do seu pensamento moral—n'isso consiste a sua soberania. Ninguém supponha, portanto, que, ainda quando se chegasse a saber com rigor tudo o que diz respeito ao regime abstracto da riqueza, se teriam resolvido todos os problemas economicos. Nem quando a estatistica viesse justificar as previsões da theoria, mostrando que se queimou mais carvão, se comeu mais carne, se fiou mais algodão; nem por isso haveria a certeza de que o povo se sentisse mais feliz, mais instruido e até mais opulento. A riqueza—não no sentido abstracto em que temos usado a palavra, mas n'esse sentido pratico em que equivale a bem-estar pessoal—é uma impressão inteiramente relativa. Eu, hoje, consumindo n'um dado tempo o equivalente a um moio de trigo, posso, e com fundamento, considerar-me mais pobre do que um de meus avós de ha seculos que consumisse apenas o equivalente de um alqueire. O bem-estar de cada um sente-se, não pela sua importancia intrinseca, mas sim pela relação em que se encontra com o bem-estar alheio.

Ninguém póde contestar que o mundo enriquece, e mais do que parte alguma do mundo a área occupada pela raça aryana. Maravilha o catalogo das conquistas da humanidade accumuladas dè desde a primeira invenção humana—o fogo. Eis ahi o do-

minio da Chrematistica. Mas é tambem facto que em parte alguma do mundo se ouvem clamores maiores contra a miseria da condição do proletariado, do que n'esta Europa em que todavia a condição do trabalhador é incomparavel com a dos escravos da Asia perante os quaes o operario europeu é um «fidalgo». Que devemos inferir d'aqui? Em primeiro lugar a relatividade essencial da idéa de bem-estar: n'um convento de franciscanos a mendicidade era uma *riqueza* commum. Em segundo lugar, a influencia da psychologia e da jurisprudencia, das idéas religiosas e juridicas, na sua variedade e no seu desenvolvimento, sobre o regime da distribuição. Eis o dominio da Economia.

A Chrematistica precede a Economia, como todos os factos naturaes precedem os sociaes, no sentido de que são a condição, o principio, e como que o *lugar* onde se dão os phenomenos collectivos humanos. Póde tambem dizer-se que a precede no tempo, pois, se abstractamente se não concebe economia sem sociedade constituida, praticamente vê-se que não existe um regime economico digno de tal nome senão quando nas sociedades começa a esboçar-se a redacção das leis. Até então ha trabalho, exploração e troca — não ha ainda officinas, nem moeda, nem instituições economicas. Por isso este livro que, por um lado, se propõe a determinar as leis naturaes da formação da riqueza, pretende pelo outro pintar a existencia ainda espontanea, primitiva ou pre-historica dos povos, encarrados como seus inventores.

Definida, porém, n'uma sociedade a idéa da justiça, e creadas as instituições, creada com ellas a Economia, seguir-se-ha que seja licito alterar ou inverter a ordem natural ou espontanea das cou-

sas? Sem duvida, mas só dentro de certos limites; porque a civilisação define, mas não inventa: *ex nihilo, nihil*. A Economia actua sobre a Chrematistica; as instituições juridico-economicas influem sobre os elementos naturaes da riqueza, como a engenharia faz aos campos quando tem de traçar um caminho ou um canal. Com o nivel e o metro, o engenheiro observa as pendentes naturaes, e elimina as elevações com a enxada e a polvora, ou galga os rios e os valles com aterros e viaductos: de uma linha accidentada, abstrae uma inclinação normal — raras vezes ha horisontaes.

Essa horisontalidade ideal é na sociedade a Igualdade: é o criterio e o desiderato. E' a ambição summa do engenheiro e a do estadista. E' para onde o mundo inteiro gravita, levado nas azas puras da razão. Sendo a idéa essencial da jurisprudencia na democracia, como deixará de ser o criterio fundamental da Economia? Se só na egualdade póde haver consciencia da nossa dignidade de pessoas, como haverá fóra d'ella o sentimento do nosso bem-estar? Por isso, no ponto de vista economico e não chrematistico, a sociedade mais rica é aquella em que a condição das pessoas é relativamente mais proxima; embora haja outras sociedades que tenham conquistado mais em riqueza natural, mas que a tenham distribuido menos equitativamente.

A conquista ou exploração da riqueza natural é o que caracteriza a Chrematistica; a socialisação por via das leis que tornam essa riqueza em bem-estar de cada um e de todos como povo, é o que caracteriza a Economia. Taes são as relações das duas sciencias, se porventura este nome convém tambem á segunda. Tal é a dependencia d'èsta com referencia á primeira. Não haverá, porém, uma de-

pendencia inversa? Não se dará uma acção reflexa do regime economico sobre a actividade chrematistica? Dá, sem duvida, e isso nos leva a entrar n'outra ordem de considerações.

Tratando da jurisprudencia, ao estudarmos as instituições primitivas, vimos como na sociedade desaparece a liberdade dos individuos — liberdade que não póde confundir-se com a independencia e o isolamento do estado primitivo — logo que se obliteram os vinculos da solidariedade e o criterio da egualdade. Só no seio da egualdade o homem póde ser livre: só no mesmo seio póde ser rico. Sempre que as sociedades, portanto, esquecem o valor e o alcance das instituições normalisadoras da distribuição, desaparece o sentimento do bem-estar, expressão pessoal pratica da riqueza. Em sociedades assim desvinculadas, povos abandonados á anarchia do individualismo juridico e economico, succede haver pessoas extremamente poderosas, livres e ricas — mas á custa de outras pessoas demasiadamente submettidas, fracas e pobres. Dá-se logo como que um regresso aos estados primitivos quasi naturaes; e ao mesmo tempo que, segundo a historia nol-o mostra, vem da anarchia politica a dissolução das nações, vem tambem da anarchia economica a destruição da propria riqueza conquistada durante seculos. A exploração chrematistica desordenada consome n'um dia os bens de muitos annos; um homem com o seu luxo devora o pão de muitas familias; certa industria com a sua avidez o vestuario vegetal das montanhas, distribuidor das aguas, sanificador dos ares; e, apoz a serie indefinida das desordens organicas,

vém os cataclysmos das revoluções, quando coincide a crise das duas correntes parallelas da anarchia, destruir as obras e alastrar de ruinas as cidades, soltando ao vento os cabellos de chammas dos incendios devastadores e os clamores estrepitosos das explosões.

D'este modo, por uma acção reflexa, a ordem ou a desordem economica influem nos movimentos naturaes da Chrematistica. Assim tambem a ordem ou a desordem juridica actuam sobre o desenvolvimento social das nações. Vimos n'outro livro o alcance dos erros praticos e theoreticos: outro tanto veremos n'este. As conquistas assolam, escravizando e empobrecendo; tambem as theorias falsas influem, deprimindo as nações social e economicamente.

Não é agora opportuno, nem sequer já necessario, mostrar o erro das doutrinas que, exagerando o principio da cohesão social, feriam com effeito o desenvolvimento natural da riqueza com intervenções abusivas de uma authoridade protectora. A Cidade-do-sol e todas as chimeras communistas de que se inspirou a politica monarchico-imperial do occidente europeu nos seculos que precederam immediatamente o nosso, caíram para sempre perante a critica. Mas os novos doutores da lei, virando a pagina, crearam uma outra cidade-do-sol, uma outra chimera, ao avesso da anterior, oppondo a uma theoria de oppressão uma theoria de anarchia, e ás harmonias sonhadas de uma ordem artificial as harmonias suppostas de uma ordem natural. Ao individualismo na jurisprudencia devia corresponder a negação de uma jurisdicção economica e essa defeza exclusiva da espontaneidade a que na eschola se chama Livre-cambio. Juristas e economistas concebiam como antithese a liberdade

e a authoridade, sem poderem conceber ainda que só na ordem social, cujo criterio é a egualdade, póde existir liberdade. A esta confundiam-na com a independencia e o isolamento, á authoridade com a tyrannia e o abuso — de que, sem duvida alguma, bastante haviam soffrido. Dos seus sentimentos e dores fizeram doutrinas.

Hoje que taes males passaram, cumpre-nos a nós a tarefa de dissipar as illusões que os produziram. O materialismo na philosophia, o individualismo na jurisprudencia, o livre-cambismo na economia, são aberrações coevas e correlativas. A natureza não tem harmonias porque é inconsciente: a harmonia é o som claro da harpa da razão humana. Paraphraseando uma locução celebre, se nos disserem que «Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in *natura*», respondemos tambem, como o grande philosopho: «Nisi ipse intellectus». Com effeito, invocar as leis *naturaes* para contradizer as da nossa consciencia humana, é suppor a esta consciencia uma origem sobrenatural, transferindo-a para uma esphera inteiramente vasia ou inconcebivel. Tambem a nossa consciencia é natural, tambem entram no dominio da natureza as concepções abstractas do nosso espirito — fructo maduro de uma semente que veiu germinando, crescendo e florescendo atravez da Creação inteira. Isso a que uma philosophia cega chama com desdem invenções ou artificios, é a prova eminente do raciocinio, e o documento de faculdades falliveis, por certo, mas sem as quaes nós homens jámais seriamos quem somos.

Dizem-nos, mais ou menos por estas palavras, que o ideal que a economia politica prosegue nas suas applicações é substituir uma structura traçada sobre *leis naturaes* a uma structura que até agora

não buscou senão falseal-as e violental-as em detrimento de uns e em beneficio de outros: a anarchia natural estabelecerá por si só, independentemente, essa harmonia que ambicionamos! Em astronomia, allegam, não se trata de saber se seria melhor que o sol ficasse mais perto da terra; em chimica não se trata de investigar se o acido carbonico e o oxydo de carbone são gazes desagradaveis que não deveriam existir; ninguem se lembrou ainda de tornar Newton responsavel pela queda das telhas na cabeça dos transeuntes!

N'estes axiomas, mais ou menos pittorescamente expressos, se resume, parece-nos, o systema completo do radicalismo economico nosso contemporaneo. Deixaremos á perspicacia do leitor a refutação? Não se está vendo como se confunde a Chrematistica e a Economia? Não ocorre logo que o estabelecimento puro d'essas *leis naturaes* não póde deixar de determinar um regresso ao estado tambem *natural* ou selvagem em que ellas vigoravam exclusivamente, e d'onde a sociedade emergiu instituindo vinculos de cohesão, e submettendo á disciplina da egualdade a anarchia da independencia primitiva? Não ocorre que essa adoração das *leis naturaes* condemna a historia inteira? que condemna o cirurgião quando conserva a vida a um mutilado, e o engenheiro quando fura de lado a lado uma montanha ou galga um valle com um viaducto? que condemna todas as artes, de toda a especie, e a civilisação inteira que não é outra cousa mais do que a somma das nossas invenções e artificios?

Quererá isto dizer que não ha limites á arte humana? Não; ainda que, ao observarmos as maravilhas de toda a especie, desde as obras mais arrojadas até ás combinações mais subtís dò credito e da circulação, é mistér reconhecer que a capaci-

dade inventiva da intelligencia humana excede cada dia o que na vespera se lhe suppunham limites absolutos. Só ha com effeito dois impossiveis ao homem: supprimir a morte e negar os axiomas abstractos da razão.

Uma philosophia erronea, eis a primeira causa de erro das theorias radicaes economicas do nosso tempo; um methodo subjectivo e por isso deficiente, eis a causa da impressão de tédio que produzem frequentemente as discussões interminaveis, os acervos de subtilezas e argucias que, inventando uma nova especie de escolastica, trouxeram para a litteratura economica o stygma de «indigesta». Buscar a theoria de factos de ordem collectiva, como são os da producção e distribuição da riqueza, n'uma psychologia individual, já de si contestavel no seu modo de proceder, é duas vezes falso.

Um diz que o circulo inteiro da Economia-politica está inscripto n'estes tres actos: necessidade, esforço, satisfação — ou, por outra, desejo, trabalho e riqueza ou prazer. Mas, se o desejo e o prazer são sentimentos pessoaes e relativos, como poderá collocar-se n'elles a substancia ou materia da sciencia? O desejo de muitos, senão de quasi todos, leva á ociosidade, em vez de levar ao trabalho, e o prazer do franciscano era a pobreza. *To maximise pleasure*, como dizia Stanley Jevons, ou satisfazer as nossas necessidades com o minimo esforço, póde por ventura ser o motivo essencial dos factos chrematisticos? Não, porque a invenção da riqueza, phénomeno primitivo, espontaneo e inconsciente, não póde ter como causa um fim pensado e deliberado: a philosophia de um systema de actos differe da theoria scientifica d'esses actos. Para os explicar scientificamente é mistér um principio constante e organico.

Quando os economistas dão o *prazer* como nucleo theorico á sciencia da riqueza, procedem como psychologos e como philosophos, e de ambos os modos inadequadamente. Individualistas-utilitarios, ou materialistas, ou sensualistas, incluem-se mais ou menos consciamente no corpo de escholas cujos principios já rapidamente apreciámos, e, além de prejudicarem o estudo com o methodo, avariam a sciencia com a introdução de principios philosophicos errados.

Não é mistér grande esforço de pensamento para reconhecer que os factos economicos satisfazem simultaneamente as necessidades de ordem individual e collectiva, e que essas necessidades são frequentemente antagonicas. Se o *prazer* só póde conceber-se no fôro do individuo, d'onde procede toda a sciencia que attende á sociedade? E se o prazer, como já dissemos, não tem em si nada de constante, nem existe como cousa determinadamente absoluta, e tanto póde sentir-se creando, como destruindo riqueza: como é que n'essa impressão subjectiva e relativa ha de estar o principio da sciencia — a gravitação d'esta especie de astronomia?

Variando de individuo para individuo com o temperamento, variando de classe para classe com ess'outro temperamento ou genio que a educação dá aos homens, variando de povo para povo com as idiosincrasias ethnicas, variando de momento para momento com os estados evolutivos da sociedade: como póde ser constante e identica a Utilidade ou o Prazer? E se o não é, nem o póde ser, comò faremos d'elle o nucleo ou principio de uma sciencia? Eis ahí o erro a que levou, de um lado o methodo subjectivo ainda predominante no pensamento dos mais recentes economistas, do outro o

predomínio das theorias philosophicas utilitarias e individualistas.

Estabelecida a distincção indispensavel de Chrematistica e Economia, e sephor dos motivos que impellem espontaneamente os homens como individuos juridicos, será facil ao leitor determinar os principios organicos das duas sciencias, ou da sciencia e da arte, em que é mistér dividir o acervo de conhecimentos colligidos até aqui sob o nome de Economia-politica. Esses principios ou motivos não podem ser fundamentalmente diversos nas duas especies parallelas dos phenomenos que estudámos na obra anterior e dos que estudamos n'esta. Riqueza e propriedade são factos correlativos; adquirir e apossar-se, obedecem ao mesmo principio. Qual? A expansão, o alargamento da personalidade e a sua sancção pelo uso das cousas: eis ahi a gravitação da astronomia chrematistica. Este instincto organico é para os seres voluntarios como a extensão para a materia: uma propriedade essencial. E como todos os animaes, e não só o homem, são voluntarios, a chrematistica abrange animaes e homens: tambem o castor e as abelhas e as formigas, e as aves construindo os seus ninhos — todos esses obedecem ás leis chrematisticas, apropriando a si e utilizando-se das cousas sobre que imperam com a sua vontade. Por isso, rectificado assim o principio organico da sciencia, podemos, com effeito, dizer da Chrematistica, repetindo as palavras de Jevons, que o seu methodo é tão seguro e demonstrativo como o da cynematica ou statica e até quasi tão evidente por si como os elementos de Euclides.

Estudando as instituições, vimos o caracter racional ou moral, caracter sui-generis que o homem imprime ás suas sociedades distinguindo-as das

animaes. Manifesta-se ahi um principio absolutamente novo na Creação, uma faculdade dynamica sem antecedentes — principio e faculdade cujos caracteres seria ocioso definir de novo. Se a qualidade e quantidade de vontade que o homem tem em si é superior á dos animaes irracionaes, e por isso o homem, ainda como animal, excede a todos, sobrelevando em importancia o systema dos seus actos chrematisticos ao dos de qualquer outra especie, alargando incomparavelmente a área da sua influencia, estendendo o dominio da sua expansão voluntaria, multiplicando os instrumentos e processos de enriquecimento com as invenções do cambio, do commercio, do credito, da viação, etc.; se a qualidade e quantidade de força voluntaria é muito maior, não está n'isso, a nosso vêr, a differença essencial.

Formadas sociedades humanas, estabelecidas instituições e commercio, esse principio racional que é a alma do gremio dos homens reage desde logo sobre a vontade pessoal, e do mesmo modo que *moralisa* o amor, a posse e o combate, intervem na distribuição dos bens adquiridos, ou em via de o serem, moralizando tambem a riqueza. Em que principio, senão n'este, se funda a legislação das heranças, a repartição do imposto, a protecção industrial, o fomento, o ensino technico, etc.? Que é tudo isto senão a convergencia do Direito e da Chrematistica, fundando esse corpo novo scientifico chamado Economia? Como póde o economista prescindir de considerar os motivos juridicos e os factos sociaes?

Na sociedade culta surge, portanto, ao lado da Chrematistica, essa physica da riqueza, a Economia que é como uma mecanica applicada. Os factos espontaneos, sem se desvirtuarem, inelucta-

veis como todas as cousas naturaes, subordinam-se porém aos principios racionaes-moraes — da mesma fórma que o engenheiro normalisa os accidentes de um terreno ao traçar um caminho, segundo já dissemos. A força de expansão da personalidade, ou a liberdade, como popularmente se diz, de um modo obscuro, normalisa-se tambem no seio d'essa outra força de cohesão social cujo criterio é a egualdade. A montanha não geme quando a fendem com uma trincheira ou a perfuram com um tunnel; e só geme, vendo-se como que diminuido na sua personalidade, aquelle homem destituido de civismo e intelligencia bastantes para comprehender que o sacrificio da sua independencia, a diminuição da sua vontade natural, são o preço inevitavel da verdadeira liberdade.

O valor exclusivo que as theorias abstrusas do individualismo e do utilitarismo têm dado no nosso tempo a essa independencia natural, confundindo-a com a liberdade socialisada, manifesta-se claramente e de um modo desorganizador nas instituições europêas, mórmente occidentaes. O regime pratico, saído das theorias e das revoluções, é um Capitalismo em que se vê, com as companhias, com os conluios, com as *grèves*, coalisões parallelas do capital e do trabalho, uma volta aos processos primitivos de aggregação — essa condição imperscriptivel da existencia. Em vez da independencia universal, chimera de philosophos indiscretos, dá-se o que se deu no principio: uma verdadeira servidão. A concorrência anarchica não póde produzir a ordem. Onde havia o Estado, surgem principados a que apenas o lucro é lei: por isso é já corrente hoje em dia o nome de feodalismo para caracterisar o periodo que atravessamos. Submettendo *livremente* os pobres aos ricos,

os fracos aos fortes, obtem-se um resultado anti-liberal. Abandonando o patrimonio collectivo ao instincto franco de expansão da personalidade, devo-ra-se pantagruelicamente uma riqueza que, provocada e creada a alta-pressão sem duvida, é distribuida sem regra, e por isso mesmo provoca, no seio da opulencia desvairada, os protestos da penuria que se não conforma. Erguem-se de um lado montanhas de ouro, mas que importa se em baixo se cavam abysmos de miseria clamorosa — quando não surgem crepitantes outras montanhas de labaredas queimando cidades, e destruindo n'um dia o valor do trabalho chrematistico de seculos?

A' expressão de Capitalismo contrapõe-se a de Socialismo, como a ordem se contrapõe á anarchia. Mas ao socialismo phantastico dos poetas, desde Platão até Fourier, ou ao socialismo anarchico das plebes desvairadas, vem já desde annos a douta Allemanha substituindo um socialismo scientifico — o «socialismo cathedratico». Restaurar a idéa de authoridade abalada pelo radicalismo, reconstituir a idéa de Estado sobre as bases definitivas da democracia, estabelecer a equação entre a liberdade pessoal e a cohesão ou solidariedade social — eis ahi o pensamento mais ou menos definido nos seus varios aspectos, pensamento a que o porvir pertence, ou não haverá para a Europa outro futuro senão o de pavorosas revoluções.

No terreno particular scientifico explorado por nós agora, o thema que se nos affigura mais grave n'este sentido é o da separação da Chrematistica e da Economia; e se hoje tratamos da primeira, opportunamente havemos de indagar quaes são as instituições politicas e economicas adequadas ao momento historico em que nós achamos.

Terminando com este livro uma das partes da nossa BIBLIOTHECA, o leitor permittirá que o faticemos ainda com algumas considerações destinadas a accentuar o systema das nossas idéas.

Principiámos por assentar nas *Raças humanas* os primeiros marcos da nossa jornada, depois de termos exposto na *Anthropologia*, como n'uma introdução, não só um esboço de idéas philosophicas, como um quadro breve das conquistas do saber na paleontologia humana. O livro das *Raças* contém tres partes distinctas: é um quadro descriptivo da familia humana actual; é, na Introdução, uma resenha das condições e processo da civilisação; é, finalmente, um estudo dos instrumentos primitivos da cultura, como os numeros, o alphabeto etc. e um esboço do desenvolvimento psychologico espontaneo até á constituição formal de noções moraes. ¹

Assentes estes marcos ou pontos de partida, ençetámos no *Systema dos mythos religiosos* o estudo das creações espontaneas da humanidade, partindo d'essa corporisação poetica dos sentimentos mais vagos, mais absconditos e incoerciveis, para o campo das cousas reaes. Estão n'este as duas obras que tratam, uma das Instituições, outra da Riqueza. Estudado o homem, espontaneamente creador, na sua alma, na sua cabeça e no seu braço; na sua imaginação piedosa, na sua razão juridica, e na sua actividade operaria; como vidente, juiz e demiurgo — parece-nos que, ou nada valem os nossos esforços, ou o leitor saberá quem e como são os actores do drama historico, e quaes os elemen-

¹ Não mencionamos aqu. nda a *Linguistica*, esperando que a promessa de auxilio feita pelo sr. Ad. Coelho, apesar de não ter podido cumprir-se até hoje, não deixe de realisar-se.

tos da tragedia que havemos de ver desenrolar-se no palco do tempo — observando-o n'um exemplo typico, o romano, como o naturalista que descreve uma especie por um individuo.

Houve quem estranhasse o titulo de «Elementos» de que usei na Anthropologia e de que tambem uso agora com relação á Chrematistica: não tem fundamento a estranheza, desde que se não confunda a expressão de «Elementos» com a de «Compendio». Os elementos de uma disciplina são a sua exposição summaria, systematica ou philosophica, e não o seu resumo como materia, nem o *guia* para o seu estudo. Por outro lado, procedendo objectiva ou inductivamente, os elementos theoreticos de uma sciencia contém-se no quadro do desenvolvimento real e pratico dos seus principios: por isso tambem agora nós iremos acompanhando passo a passo o homem nos momentos successivos da sua existencia chrematistica, registrando em cada estação as conclusões theoreticas formuladas pelo saber positivo. Os dois processos combinam-se d'este modo, e, em vez de uma dissertação, o leitor tem diante de si um quadro, fixando na sua intelligencia as noções com os tons e traços de um desenho vivo.

O processo que temos seguido, com acceitação de um publico porventura pouco disposto para as dissertações aridas e fatigantes, é o que seguiremos ainda n'esta obra que hoje lhe apresentamos. Cada momento deductivo de uma theoria corresponde a um estado positivo de uma sociedade evolutiva. Primitivamente, ha apenas homens isolados e uma natureza mais ou menos fecunda: o capital surge com a primeira sobra de fructos guardados ou com os primeiros utensilios fabricados. Depois, apparece a divisão-do-trabalho; depois a circula-

ção; as consolidações crescem, e, constituídos os gremios humanos consistentes, desenha-se a concorrência collectiva que também chrematisticamente é conquistadora, como é juridicamente. Apparece ao mesmo tempo, com a divisão do trabalho e a multiplicidade dos productos, a invenção da moeda, que no organismo social-chrematistico tem um lugar correspondente á das leis na sociedade primitiva: os escambos precedentes são como os usos. Dotada de leis e moeda, uma sociedade entra na historia por duas portas parallelas, pois essas duas invenções mostram um desenvolvimento racional abstracto que a retira dos limbos da inconsciencia, do anonymato e da espontaneidade primitiva.

Roscher divide em tres epochas a evolução chrematistica: na primeira, domina a Natureza, cujo typo é a terra; as florestas, os prados, as aguas, alimentam gratuitamente o homem, n'esses periodos que a phantasia denominou «edades d'ouro» ou saturnianas. Na segunda domina o Trabalho. Na terceira, por fim, como que apropriada e transformada a terra pelos esforços accumulados, domina o Capital; e o homem, em vez de viver do que o chão lhe dá, inverte as relações e obriga a terra a dar-lhe o que deseja. Sob um outro ponto de vista, dividem tambem os allemães os periodos chrematisticos em duas grandes edades: *a*) a patriarchal, em que cada grupo familiar consome os proprios productos, fabricando tudo aquillo de que carece, sem moeda, pois, e com um commercio apenas rudimentar (*Naturalwirthschaft*); e *b*) aquella em que o emprego do dinheiro multiplica as trocas, e, como disse Adão Smith, «os homens são negociantes e a sociedade inteira uma associação commercial» (*Geldwirthschaft*). Se depois d'este segundo periodo, o periodo propriamente historico, no

qual predomina o commercio e a especulação mercantil e de que a moeda é o typo, como a terra o fôra anteriormente; se depois d'elle, nos é licito juntar e caracterisar um terceiro, chamar-lhe-emos — Socialwirthschaft. Em vez da terra e da moeda, o typo é o credito, n'uma sociedade que do periodo historico passou para o positivo ou scientifico, voltando a existir solidaria e anonymamente como existira no principio, mas conscia de si como no principio não fôra.

O credito, a estatistica, o seguro, a cooperação o mutualismo, — um conhecimento exacto das condições e motivos chrematisticos e uma penetração completa das exigencias e preceitos economicos, — eis ahi o que substitue n'uma sociedade culta o processo individual e empyrico da especulação mercantil e do capitalismo. É' precisamente o mesmo que na esphera juridica succede ás leis, baseadas n'um conhecimento positivo, em vez de deduzidas das formulas subjectivas de uma ou de outra philosophia abstracta.

Direito e riqueza, enlaçados, coroam então a frente do homem, e fazem d'elle esse individuo incomparavel que Sophocles celebrou no côro epico da *Antigone*:

Entre todas as maravilhas, o homem é a cousa mais maravilhosa! Cruza no mar branqueado pelo sopro tempestuoso do Noto e investe com as vagas entrepitosas. A' maior das divindades, á Terra eterna, rasga-lhe o seio inexgotavel, abrindo-o cada anno com o socco da charrua impellido pelos cavallos vigorosos.

Com o seu genio inventivo, o homem atrae aos laços que arma a fera e o passaro leve de espirito, e envolve nas suas redes os bandos dos animaes selvagens e os cardumes dos habitantes das aguas. Doma com artificios e manhas os animaes bravios das campinas e dos montes, e submete ao jugo o cavallo de crinas espessas e o touro indomito.

Apropriou-se da palavra e do pensamento rapido como o vento, e inventou para si costumes sociaes. Aprendeu a resguardar-se sob um tecto das sétadas frigiditas dos nevões e das torrentes da chuva. O seu genio fertil em recursos chega a precaver-se contra o futuro. Achou remedios para as molestias mais crueis — só contra a morte não descobriu remedio !

Senhor da sciencia e das artes, mais do que o poderia esperar, ás vezes inclina ao bem, ás vezes ao mal. Quando associa ás suas invenções as leis do paiz e a justiça divina que vinga o perjurio, é a gloria das cidades ; mas torna-se indigno da patria quando abafa a virtude com a audacia do crime.

Oxalá que nunca tal homem venha sentar-se ao meu lar, nem eu tenha com elle o menor pensamento commum !

Duas palavras apenas, antes de concluir.

Infringindo a regra que temos seguido, não juntamos a esta obra uma bibliographia, pela razão de não conhecermos livros que precedam o nosso no modo por que aqui tratamos o assumpto. Se ha mais de um tratado de mythologia religiosa; se os elementos primitivos da civilisação contam, entre muitas, as obras de Tylor; se para o direito primitivo as de Summer Maine fazem fé: não nos consta que na bibliographia economica haja livros em que especialmente se estudem inductiva e evolutivamente os phenomenos chrematisticos. Como propugnadores da distincção entre a Chrematistica e a Economia, seguindo porém o methodo abstracto ou *mathematico*, ha Cournot (*Principes de la theorie des richesses*, Paris, 1863), Jevons (*The theory of political economy*, Londres, 1879), e Hearn (*Plutology, or the efforts to satisfy human wants*, Londres, 1864). Por outro lado, são os ethnographos e archeologos, como Tylor, Peschell, Mommsen, Dunker, Wallon, Lub-

bock, Latham, Brace, etc., cujas obras o leitor encontra enumeradas nos nossos livros precedentes, a fonte das informações colligidas quanto aos factos da chrematistica primitiva. Enumerar as obras dos economistas, desde Smith e Say até Marx, seria ocioso; mas não o é tanto lembrar as d'aquelles que se applicaram mais particularmente á historia economica das nações, como Roscher e Blanqui, Beckman na sua *History of inventions* (Londres, 1846), Boeckh na sua «Economia politica dos athenienses», De la Malle na dos Romanos, Cibrao e Leber ácerca da Edade-media, Caillemer e Heeren ácerca da Antiguidade, Lenormant na sua *Historia da Moeda*, etc.

Com os subsidios colhidos n'essas diversas categorias de obras e com as notas forrageadas nas chronicas e viagens dos nossos navegadores, se construiu o livro deitado hoje ao mar da publicidade.

Oxalá que, por ser novo e temerario o roteiro, não vá o barco naufragar em algum recife!

ELEMENTOS

DE

CHREMATISTICA

CAPITULO PRIMEIRO

A Natureza

I

A Terra

As mythologias chamaram-lhe nossa mãe, e das suas potencias obscuras fizeram deuses — os deuses chtonicos, deuses da morte. Berço e tumulo, a terra é o grande thesouro da humanidade. O consorcio mythologico do sol e do chão é realmente creador, senão de nós mesmos, de tudo o que nos permite viver. Este lugar onde nos achamos é a fonte universal dos elementos da nossa subsistencia phisica. Vém d'elle as substancias mineraes, vêm as vegetaes e animaes em que as primeiras se nos deparam já elaboradas e vivificadas. Alimento, vestuario, casas, luz, combustivel, adornos; pau, ferro, pão, lume, agua, carvão, linho, pedra, barro, lenha — tudo nos vem da terra. Nós mesmos, animaes em que a natureza insufflou vida, que somos

senão pedaços de terra? em que nos tornamos senão em terra?

Imperious Cæsar, 'dead and turn'd to clay
Might stop a hole to keep the wind away.

Como espaço e como materia, como lugar e como elemento, a terra é a condição da nossa propria existencia. A vontade que a vida nos deu, a liberdade filha da nossa razão — eis ahi o que nos destaca d'esse todo cuja parte somos, creando de facto a polaridade primordial: Terra-Homem.

Ganhamos então um caracter de agente; e a terra com os seus rios piscosos, as suas minas, as suas florestas, os seus prados onde ruma o boi, os ares onde voam as aves, apparece-nos como o thesouro infinito e indefinido que as necessidades organicas e os instinctos voluntarios da personalidade nos mandam submeter e explorar. De nosso berço, a terra torna-se o nosso reino. Vastos dominios ainda francos, tudo n'elles é gratuito porque é ainda illimitado. Poucos os homens e rudimentares os seus desejos, a terra dá de sobra; e os seus fructos são, como a luz e o ar, gratuitos por serem demasiados. O que abunda não tem valor. Riqueza, é noção ainda por formular.

Mas, errante e sobrio, nu e solitario, matando a fome com os fructos maduros que tombam das arvores, e abrigando-se da chuva na cavidade de alguma rocha, o homem — se jámais existiram homens em tal condição — veria a seu lado o ninho fofo das aves e as choças de ramas dos animaes das selvas; e o desejo de tiritar menos com o frio das noutes, o desejo de provar as raizes e tuberculos enterrados no solo, esses desejos que são a alvorada de dias larguissimos e o rudimento de am-

bições illimitadas, levaram-no a usar dos braços, das mãos, das unhas, dos dentes — as primeiras ferramentas. Fez a sua choça, escolheu o seu alimento — alargou a sua personalidade; e se já tinha a terra por morgado, só então começou a administrá-lo.

Só também então appareceu o primeiro nódulo de riqueza, creada pelo primeiro esforço do trabalho. Dado este passo, os elementos da acção chrematistica estão formulados: o homem como centro, a terra como objecto, o trabalho como agente. Já ha cousas dotadas de valor, pois já existem objectos onerosos — esses objectos que só o trabalho póde inventar, esses objectos que nascem do sacrificio de uma parcella de tempo e vontade. Emquanto a ociosidade é absoluta, os dias do homem, vãos, não têm merito; desde que o tempo se limita pela applicação, o trabalho que o consome principia a contar por alguma coisa.

Será porém o trabalho que custam, a origem exclusiva do merecimento das cousas? Não, decerto. Esse merecimento provém da equação entre o custo e a necessidade. Se a trabalho foi vão, o merito da cousa é nullo; e será tanto mais proveitoso, quanto fôr mais adequado. O merecimento das cousas vem pois: *a*) do facto de serem relativamente raras, pois sendo communs são gratuitas; *b*) do desejo de acquisição ou necessidade; *c*) do esforço ou trabalho indispensaveis á sua producção. Se procedessemos didacticamente, chamariamos ao que fizemos uma *theoria analytica do Valor* — como se diz na eschola.

O desejo de acquisição, o instincto de expansão da personalidade, eis ahi o que fórça o homem a trabalhar para obter cousas, que não tratamos de saber se são uteis (pois a utilidade é subjectiva-

mente relativa), mas que são desejadas e ao mesmo tempo escassas. A natureza, coalhando o chão de glandes caídas das florestas dos carvalhos, não põe do mesmo modo junto aos labios de cada homem essa medulla doce e quente do interior das tibias do animal recém-abatido: é mistér que o caçador persiga a rez na campina e a mate. A natureza que por toda a parte offerece covas, fojos, cavernas, onde se póde dormir e amar, não põe junto de cada casal de homens uma choupana forrada de colmo, com um leito secco de palha.

A natureza dá-nos gratuitamente tudo aquillo de que absolutamente carecemos — não nos dá nada do que desejamos, ou antes dá-nos apenas o lugar e os meios de satisfazermos os nossos desejos. Ella tudo contém em si, mas, creando-nos a nós, poz em nosso espirito a semente de uma ambição que nada satisfaz, condemnando-nos por isso mesmo a um trabalho e a uma industria tambem illimitados. Escravos da nossa propria primazia, temos na nossa ambição a causa do nosso trabalho — que é a fonte do nosso progresso e da nossa independencia. De uma terra que nos amamentava como o vitello preso ao ubero da mãe, fizemos o campo onde semeamos os grãos que nos apraz colher. O principio da fecundidade passou da terra para o trabalho, e o chão é para nós como uma officina ou um laboratorio onde operamos.

E' completa esta inversão? Não. Se a arte dos homens, plantando um areal secco, adubando um torrão esteril, irrigando, canalisando, dissecando, revolvendo, lacerando e combinando a gleba, póde dizer-se que chega a *inventar* terra, melhorando-a e adaptando-a sempre que a lavra; se em taes casos a intervenção gratuita da natureza se limita á condição phisica da área, ao elemento chrematis-

tico do local limitado: é facto que ainda hoje, ao lado dos productos ruraes mais completamente creados pelo trabalho, ha outros productos em que a uberdade espontanea e gratuita é predominante. Estão n'este caso os minerios e o peixe — pois que nos paizes cultos o papel da caça se subalternisou. E é analoga a um strato de hulha ou de guano uma queda de agua que, se directamente não constitue producto, é o instrumento natural-gratuito para obter resultados sem o trabalho equivalente de homens.

Dir-se-hia, pois, que o desenvolver dos elementos chrematisticos da civilisação será tanto mais facil quanto maior fôr a fertilidade intrinseca da natureza. E não é assim; porque para haver riqueza, isto é, satisfação de desejos, é necessario que taes desejos, denunciando-se, incitem ao trabalho; e onde a natureza é uberrima, o homem, por via de regra embriagado pelo clima, ¹ não sente a espora da necessidade, mantém-se n'um estado paradisiaco, não entra n'essa carreira vertiginosa de ambições cujo primeiro passo determina os successivos. Não é pois nas regiões fecundas, no seio da vegetação luxuriante, ahi onde os fructos vergam as arvores e a folhagem defende da chuva e do sol, que a riqueza se fórma: tampouco amadurecem ahi as sociedades. Os homens, como selvagens, ficam eternamente creanças. Entorpecidos e alimentados por uma natureza prodiga, n'uma vida ociosa e gratuita, não se agitam, nem progridem. Conservados n'um ambiente indistincto na sua uberdade, mantém-se immoveis, como os seus irmãos das zonas frigidias e estereis que o gelo conserva n'uma existencia miseravel em vez

¹ V. *Raças humanas*, I, pp. xvii e segg.

de opipara, mas egualmente mesquinha e selvagem.

Se na variedade de graus de um clima benigno, em que as estações mudando excitam o temperamento, está mesologicamente a melhor condição de progresso animal dos homens; também na variedade dos recursos do solo, na mediania da sua fertilidade, reclamando trabalho sem negar producto, exigindo combinações varias, aptidões multiphas, está o principio fecundo de desenvolvimento social chrematistico. Os desejos crescem com as aquisições, variam com a variedade dos productos, e da multiplicidade das aptidões necessarias vem a educação progressiva do trabalho. Na fertilidade relativa do solo do Egypto concordam todos em collocar a causa primaria da civilização mais remota do mundo occidental. «Não se acredita, diz Diodoro Siculo, quam pouco lhes custa a educação dos filhos: cosem os alimentos mais communs e os mais simples; dão-lhes a parte da raiz do papyro que se torra ao fogo e as raizes e hastes das plantas palustres crúas, cosidas ou assadas. O ar é tão benigno que as creanças andam nuas e descalças. Assim um filho, completamente creado, não custa mais de vinte drachmas: isto explica a densa população do Egypto e a grandeza das obras ahi realisadas.»

Mas n'este proprio texto se vê também a confirmação de uma doutrina geralmente accete hoje. Para o sul do Egypto ficam os desertos queimados e estereis com as suas tribus de selvagens, tão ardidos pelo sol, como os hyperboreos pelo frio; para além ainda, nas zonas tropicaes, os viveiros de gente negra, egualmente selvagem no seio da abundancia genesiaca. O Egypto, com estações, com o Nilo, com um clima mais variado e um chão sus-

ceptível de producto pelo trabalho, civilisou-se. Todavia esse producto era ainda excessivo, a vida extremamente fácil; e por isso a população cresceu de mais, e o povo, saturado de alimento, civilisou-se sim, mas para ficar até hoje escravo da cubiça dos vizinhos, á mercê do destino das conquistas. A dependencia do solo foi ainda bastante para impedir a constituição de uma democracia e de uma industria como a do phenicio vizinho das encostas do Libano, commerciante e navegador. ¹

A uberidade da terra só se torna portanto um elemento de riqueza — isto é, de desejos satisfeitos, de ambições realisadas, de objectos apreciados pela sua escassez — quando, por não ser excessiva, determina o acordar d'esses desejos que tambem se atrophiam á nascença no meio de uma natureza rebelde a retribuir com productos os esforços do homem. O desenvolvimento da riqueza procede, pois, da perequação entre o trabalho intencional e a terra fecunda sem ser prodiga. Os objectos indefinidos, illimitados e gratuitos da vida anterior ao trabalho não são riqueza — no sentido technico da palavra. Os productos vãos de um trabalho que se não dirija á satisfação de um desejo, não podem tampouco constituir riqueza.

Por largos tempos a terra contém substancias que só se tornam riqueza quando a necessidade as reclama ou o saber as aproveita: assim foi na Europa o kaolino, essa argila de uma finura extrema e de uma alvura incomparavel, emquanto se não soube fazer porcelana; ou o guano do Perú, emquanto a pobreza dos terrenos europeus não provocou a necessidade de os fecundar com elle. Não póde ser riqueza aquillo que não é reclamado por

¹ V. *Raças humanas*, II, pp, 192-209.

nenhum desejo, nem corresponde a nenhuma necessidade, nem preenche nenhuma falta. O desnecessario está no caso do superabundante: a riqueza vem da utilidade relativa do objecto e formula-se como expressão da sua escassez também relativa.

Regressando pois ao ponto de partida do nosso estudo, devemos concluir que na vida selvagem, quando o homem vive da terra como o vitello preso ao ubero da mãe, não ha ainda riqueza. «Elles nom lavram, nem criam, nem ha aqui Boy, nem Vaca, nem Cabra, nem Ovelha, nem outra nhũa alimarea que costumado seja ao viver dos homêes, nem comem senom d'esse inhame que aqui ha muito e dessa semente e fructos que a terra e as arvores de si lançam»: assim dizia Vaz de Caminha a D. Manuel na carta que lhe escreveu do Brazil. (*Coll. de Not.* IV, 180). Esses selvagens não eram ainda do genero mais inferior entre os que os europeus viram pelos mundos descobertos, mas a região em que viviam era e é das mais dotadas por uma natureza prodiga. N'esses paraizos selvagens não surgem desejos; as florestas do Amazonas são um pomar virente, carregado de fructos. Na Africa central a palmeira, no Sahará a tamara, no Mar-do-sul a arvore-do-pão, satisfazem de sobra as urgencias alimenticias. Diz-se que bastam vinte e sete arvores-do-pão para alimentar uma duzia de homens nos oito mezes de fructificação. O plantago, segundo Humboldt conta, dá tres vezes por anno setenta ou oitenta arrateis de fructo e produz em área egual cincoenta vezes mais unidades de alimento do que o trigo. Quem pensará em inventar a enxada? Para que scismar nos meios de caçar rezes?

Já no australio e no eskimó, perseguidos pela

fome, habitantes de regiões estereis ou geladas, apparecem faculdades inventivas denunciando desejos ardentes; já se vêem artificios tendentes a alargar a acção da personalidade. O australio deita-se ao sol, fingindo dormir, com um peixe seguro na mão: o passaro que paira, vem, tão soffrego como o caçador, e indo a colher o peixe, é preso e devorado. O australio faz do proprio corpo a primeira armadilha — o primeiro instrumento de trabalho. O eskimó, para o mesmo fim, occulta-se n'uma toca de neve, deixando apenas a mão de fóra: o passaro vêm e cáe. O eskimó já tem casa; o tupinamba que desconhece ainda redes e anzoës, já sabe pescar vedando o rio com «uma tapagem de varas, e batem o peixe de cima para baixo onde lhe lançam muita somma de umas certas hervas pisadas a que chamam timbo com o que se embebeda o peixe de maneira que vem acima d'agua como morto onde tomam ás mãos muita somma d'elle». (*Not. do Brazil, nas Coll. de Not. 286, 316*)

O passaro, o peixe, colhidos por taes artes, são riqueza na sua fórmula mais elementar: productos obtidos por trabalho provocado por uma necessidade. Mas a choça de neve do eskimó, o *timbo* e a tapagem do tupinamba, denunciam riqueza tambem, mas sob uma fórmula mais complexa — a de capital. Choça, timbo, tapagem, foram productos de um trabalho anterior, sobras da vespera que são no dia seguinte instrumento de productos novos.

Nos primordios da vida social observamos os rudimentos da chrematistica. Os factos exprimem as noções; as leis vêem-se na pratica. No seio da superabundancia e da ociosidade, o homem dispõe de tudo, mas como não é ainda agente sobre a terra, não creou ainda riqueza. A necessidade ex-

cita-o, o desejo esporêa-o, o trabalho conquista-lhe as satisfações elementares. Trabalhando, pensa; individuo activo, medita; e ao mesmo tempo que impõe á natureza que o cerca o dominio ainda rudimentar da sua personalidade, scisma dia a dia no meio de se instrumentar com os objectos que diminuirão o seu trabalho ulterior.

Essa terra que o alimentava mal e á vontade d'ella, apparece-lhe agora como o thesouro onde tem a enterrar as mãos para lhe arrancar do seio os instrumentos da sua liberdade.

II

O lume

Este é o primeiro e o mais elementar dos capitães do homem, a primitiva e a maior de todas as suas conquistas. Na ordem chronologica das riquezas é a primeira d'esse typo já complexo a que se chama capitães—bens que servem para facilitar, baratear, fomentar acquisições ulteriores. Para a vida chrematistica é a principal: nenhuma descoberta vale a do fogo, nenhum inventor emparelha com Prometheu. O lume é, por sobre tudo isto, como que o prototypo da riqueza. Elemento indefinido e incoercivel na natureza, por isso gratuito, o lume, genio, espirito ou alma do mundo, ¹ não se utiliza, nem se conserva sem trabalho. A natureza guarda-o como a um thesouro, em vez de o patentear franco á maneira do ar, da terra, da agua, da luz, do vento. Adquiril-o exige trabalho: conserva-se, guarda-se, pois, leva-se comnosco á maneira de uma alfaya.

Parece que em parte alguma do mundo se encontraram jámais homens desconhecendo o lume: será o primeiro capital coevo da falla, essa faculdade exclusiva do homem? A sua invenção, portanto, não se documenta: suppõe-se apenas. Viria de um raio o primeiro incendio ao qual o homem rouba-

¹ V. *Syst. dos mythos relig.* pp. 196-200.

ria um brandão acceso? Darwin propõe a hypotese das lavas ardentes dos vulcões. Ou seria lascando os silex das armas primitivas ¹ que alguma faúlha solta incendiasse a moita visinha? Como quer que fosse, o capital-lume apparece-nos na sua fôrma mais rudimentar entre os povos que, apreciando-lhe a utilidade instrumental, apenas o sabem guardar sem o saberem produzir. Succedia assim na Tasmania e no norte da Australia: cada tribu possuia o seu fogo, como um thesouro, arrendo em mechas ou brandões que eram levados por toda a parte onde ia. Se se apagava, os pobres seguiam no alcance dos vizinhos, guiados pelo penñacho de fumo que lá ao longe azulava o ar. O lume era um capital ainda eventual, destructivel, ainda não assente no conhecimento pratico de o produzir. Existia ou não existia, adquiria-se e perdia-se. Se nos areas seccos as fontes geraram guerras, que luctas não deve ter havido para roubar o lume? O aimores do Brazil viviam nas condições dos tasmanios: «Não costumam estes alarves fazer roças nem plantar nenhuns mantimentos: mantêm-se das fructas sylvestres e da caça que matam, a qual comem crua, ou mal assada *quando têm fogo*».

(*Not. do Brazil, na Coll. de Not., III, 47*)

E' porém verdade que já entre os infimos homens se encontram artes, senão apparatus para produzir lume. O capital gera capitaes, uma descoberta outra invenção. O fogo, conservado como um thesouro, era o primeiro capital: o apparatus ignifero apparece como um segundo, perante o qual o precedente desce á condição de producto. Estas noções são relativas. O lume e o apparatus, em relação ao homem, são capitaes, isto é, instrumen-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (2.^a ed.) pp. 87-8.

tos de producção; mas, em relação ao aparelho que o extrae, o lume é producto e não capital.

Tudo póde ser pois capital ou producto segundo a funcionalidade em que se observa: assim n'uma officina o objecto que agora é materia-prima é logo ferramenta, e os productos de um instante são materias-primas ou capitaes do instante seguinte. Producto e capital não são pois objectos nem propriedades intrinsecas das cousas: são apenas aspectos sob que a nossa intelligencia as vê e com que as denomina só para determinar a theoria da funcção nos seus momentos successivos. Os economistas, á procura do capital *real* e do producto *real*, fatigaram-se a si e ao proximo n'um dedalo de phantasmagorias escolasticas, inventando quasi uma mythologia... Voltemos ao lume.

A fricção e a percussão, eis os dois processos primitivos de o obter da pedra ou do pau, pois as substancias chemicas explosivas procedem de edades já maduras do saber. Os eskimós aleutianos cobrem dois pedaços de quartzo com enxofre, e batem: com as faúlhas incendeiavam uma isca de hervas seccas. Os fuegianos ferem lume com uma pedra n'um pedaço de pyrita de ferro: é o que conta Sarmiento de Gamboa na sua viagem ao estreito de Magalhães (1579-80): «...y unos pedazos de pederal pesados y pintados de margaxita de oro y plata; y perguntando-les que para que era aquello? dixeron por señas que para sacar fuego; y luego uno de ellos tomó unas plumas de las que trahia y serviendo-le de yesca, sacó fuego com el pederal». Na America-do-norte os pelle-vermelhas procediam do mesmo modo; do mesmo modo fizeram remotamente os romanos e os gregos que d'ahi formaram o nome de pedra-de-fogo, *pyrites*. Ferir lume com o fusil de ferro e a pederneira é uma

invenção post-homerica ; generalisada na Europa e na China com a propagação do ferro, ignora-se a epocha e a historia da descoberta. Sabe-se porém que na China e na Grecia se conhecia o uso das lentes igníferas a que se referem as *Nuens* de Aristophanes, e com que Archimedes incendiou a esquadra inimiga em Syracusa, segundo a tradição resa.

Regressemos, porém, a observar o processo mais geral, mais commum, da fricção. Dos brazis diz Vasconcellos que « o fogo tiram de certos paus, um molle e outro duro que roçam á força ; com o movimento concebem calor, com o calor fogo ».

Chron. da comp. de Jesus, LXXVII) Os americanos do norte, em Bornéo os dayaks, no Himalaya os lepchas ainda hoje, obtém lume friccionando a ponta aguda de uma haste aprumada sobre uma prancha horisontal ; as mãos imprimem á haste um movimento de rotação rapida, a prancha aquece, *concebe*, e a scentelha parte : nasceu Agni ! ¹ Assim fazem tambem os australios, os veddahs, os de Sumatra e das Carolinas ; assim na Africa e nas Canarias : a área do dominio da verruma-de-fogo é enorme, a sua efficacia parece extrema. Cook diz bastarem dois minutos para se obter uma faúlha. No Taiti usam a prancha e a haste, mas a fricção em vez de vertical é obliqua, e em vez de rotatoria, longitudinal : a prancha tem uma estria onde corre a ponta da haste. As mãos empurram a haste, a prancha está fixa entre os joelhos.

Prancha e haste, eis o instrumento-capital primitivo, simples, rude, que tudo exige do braço. A ambição não pára, os desejos nascem das conquistas, como os rebentos das arvores nos ramos já

¹ V. *Syst. dos mythos religiosos*, pp. 196-200.

crescidos. O gáúcho applica a prancha contra um apoio á altura do hombro, e entre o orificio e o hombro comprime a haste flexivel a que a mão dá um movimento rotatorio: uma só mão faz o lume. O esquimó mantém com a bocca a verticalidade da haste, e em vez de a fazer girar com as mãos, amplifica a rapidez com uma corda — um rudimento de berbequim. E' este mesmo o processo e o aparelho ainda hoje usado na India brahmanica e geral na Europa pre-historica; é o que Odysseu empregou quando teve de pôr o olho do cyclope, empregando, em vez de um homem dois: um que sustenta a haste com as mãos em lugar da bocca, o outro que puxa alternadamente as pontas da corda. Com o arco do gáúcho e a corda do eskimó, combinados na sua applicação á haste, fez-se o berbequim ignifero do velho Egypto, usado pelos indios americanos, usado ainda entre nós com outra applicação pelos louceiros, melhorado finalmente pela addição de um disco-volante ou um balanço horisontal e uma ponta de silex, como se encontrou em Samôa.

Que riqueza incomparavel não é já este instrumento! que enorme capital accumulado ao capital-fogo adquirido! Como os desejos e ambições se satisfazem rapidos, diminuindo o dispendio d'esse trabalho, condição de toda a riqueza; d'esse trabalho duas vezes limitado, pelas forças do homem e pelo seu instincto de ociosidade! — Paremos um pouco a reparar que, hoje, basta-nos levar a mão ao bolso, abrir uma caixa, roçar um pavio n'uma face rugosa: um instante, nenhum esforço! Quem se lembra pois da necessidade de *guardar* o lume — essa primeira riqueza, tão grave para a vida chrematistica como a falla para a vida intellectual? Remoto na sua invenção, consolidado in-

destructiva e absolutamente, o fogo é o typo dos capitaes que a civilisação tornou collectivos e de facto gratuitos, como o ar. Os progressos da arte fazem tanto como a natureza: tornam os capitaes tão fixos, tão geraes, tão gratuitos, tão universaes como o vento. Quem quer apprehende hoje o lume — e apprehenderá de futuro toda a especie de capital, quando o saber e a riqueza os tiverem collectivizado a todos.

Primitivamente não foi assim, nem com o lume. Geral-o custava. Quando se não sabia o modo de o crear, guardal-o era guardar o penhor mais sério da escassa liberdade obtida. Os brazis dormiam sempre «com fogo á ilharga» (*Not. do Brazil, l. c. 315*), os australios conservavam sempre accesa uma vara da *banksia grandis* que arde lentamente. Apagava-se, extinguiu-se? Que longas, que duras viagens, que luctas, para readquirir a semente d'esse companheiro inseparavel do homem... Depois, o trabalho para o utilizar! Hoje, a luz brilha por toda a parte, de todos os modos: queimamos tantas substancias, possuimos lampadas de tantos feitiços — não assistimos já ao arder luminoso da força pura, na electricidade encandescendo uma haste de junco? Que espaço percorrido entre esse junco da lampada Swan e a vara da *banksia grandis* australia! Que processos, que ensaios, que tentativas, que descobertas! Quantos capitaes dia a dia accumulados sobre o capital-nucleo da invenção primitiva do lume! Arde a acha do pinho resinoso; depois inventa-se o archote ou a tocha: uma mecha de junco secco embebido em pez ou sebo, ou um cordão de fibras de papyro revestido de cera. Os romanos chamavam a essas tochas *candela*; chamavam *fax*, facho, á acha de pau resinoso, embebido em pez ou azeite, ardendo n'um tubo

de metal. Depois vem a *lucerna*, em que a torcida, de fibras de canna, de linho, de papyro, (*ellyphnium*) arde fluctuando em azeite. Afinal, para abrigar a luz dos açoites do vento, dando-lhe constancia e placidez, vêm a *lanterna* — uma caixa de faces transparentes feitas de tripa, de laminas de marfim, e ao depois de vidro.

A variedade e melhoria das luzes veio da facilidade de obter e guardar o lume. O fogo mysterioso e fugidio, quasi vivo, era um genio: a chamma foi o primeiro escravo do homem; prendeu-a n'um archote, teve-a junto a si, na choça, em viagem, de dia, de noute, acorrentada para que não fugisse, voando. Genio, como deixaria de ter um culto? Não é proprio do homem tornar religioso tudo o que lhe é essencial? Não faz mythos dos aspectos das cousas? Não faz ritos das funcções? A conservação do lume, a escravidão da chamma, foram talvez o primeiro rito humano, decerto o mais profundo e o mais persistente. Ainda hoje a tradição se mantém na liturgia catholica em que as velas e as lampadas rendem culto á divindade, conservando a «chamma sagrada» no interior do templo. Roma teve as suas vestaes — virgens, puras, como a luz do lume que arde. Os sacerdotes açoitavam-nas se o lume se apagava no altar, e, tomando a prancha e a haste sacramentaes, verrumavam para gerar um fogo novo. Tambem o rito apparece na America; e se o fogo ardendo no lar era a alma e o vinculo domestico, a esperanza do futuro e a imagem dos avós ¹, encontramol-o na Cafraria como vinculo de sujeição feodal. Diz assim Barbosa no seu *Livro*, fallando de Zimboache em Benemetapa: «Este rei manda cadano homens hon-

¹ V. *Instit. primitivas*, pp. 41-2.

rados despachados per seu regno ha todos os senhores e lugares que n'elle tem ha dar fogo novo pera saber se estaom em sua obediencia».

Não nos occupa todavia agora o valor religioso e juridico do fogo: deixámol-o estudado nos lugares convenientes. ¹ Tratamos do seu valor chrematistico. Dissemos que era o primeiro capital: falta mostrar como e em que é o mais grave, e tão essencial que não concebemos nenhuma especie de progresso de riqueza em povos — se os houvesse — ignorantes do valor do lume e incapazes de o guardar e de o inventar.

Genio ou alma do mundo, o fogo duplica o homem, augmenta-o, alarga-lhe a força, a acção, o imperio, o dominio e a liberdade. Esta é a instrumentalidade do capital. Se, concreta em qualquer ferramenta, elle é como um novo membro ou uma amplificação dos membros naturaes, é syntheticamente, na somma dos seus effeitos indefinidos, a amplificação de todo o homem. Ora o capital-lume é a condição imprescriptivel de todas as capitalizações; sem elle a humanidade ficaria eternamente escrava da terra e do lugar, em vez de submeter a si o solo e eliminar as distancias. O lume levamos nas suas azas pelas entranhas dos montes que despedaça, ou sobre as pontes forjadas com o lambeo das suas chammassas. O lume é a alma de toda a nossa riqueza. Com elle, cosinhando, os primeiros homens libertaram o estomago de parte do trabalho digestivo; com elle, incendiando as florestas, obtiveram os troncos das arvores; com elle os escavaram fazendo as pirogas; com elle endureceram a ponta e o gume das primeiras armas e instrumentos extraídos do bosque derrubado; com elle,

¹ V. *Quadro das instituições primitivas*, pp. 41 e segg. e 107-9.

d'esse mesmo bosque productora de lenha, obtiveram a fogueira das noites de inverno, afugentando a solidão e o frio. Conversando com a chamma viva, crepitante, como que a bebiam ouvindo-a, ou a commungavam recebendo em si o calor irradiante. Incendiando o mato, quando ainda não tinham escravizado os cães, faziam do lume um caçador, e seguiam-no ou esperavam a farta colheita de rezes açoitada por elle. Em volta da fogueira dormiam conchegados e sem medo, porque as feras do bosque temem o fusilar da chamma. Alimentando, servindo, aquecendo, defendendo, o fogo é mais ainda — é a luz que dissipa as trevas, supprimindo a noute, libertando a vida em metade da sua duração.

III

Os alimentos

Ao lado do lume, como capital primitivo, é mister collocar os animaes, e antes d'estes a mulher, porque o selvagem faz das esposas os primeiros dos escravos. Essa metade do homem que o completa, ente submisso e meigo, é a primeira creatura sobre que elle «põe a mão» em proveito proprio. Animalmente, a mulher é capital como ventre reproductor; chrematisticamente é-o sob as duas faces essenciaes do capital, partilhando esta natureza com os animaes successivamente domesticados. Por toda a parte precede o cão no papel de servo, e frequentemente é devorada em occasiões criticas. ¹ Instrumento de producção futura, e sobre guardada para momentos de apuro, a mulher, como servo e como carne, é duplamente capital. Ha na America indios que, ao caçar animaes novos de mais para serem comidos, os fazem amamentar pelas mulheres. Por tudo isto a polygamia nos apparece como regime familiar das sociedades primitivas, ² e nas sociedades requintadas o celibato se generalisa: a mulher, ganhando liberdade e dignidade com os progressos do direito e da moral, torna-se de um capital n'um onus. Emparelhando com o homem, deixa de ser serva — muito havia já que

¹ V. *Raças humanas*, II, pp. 42-3. — ² V. *Inst. primit.* pp. 8-9.

deixara de ser devorada. Mas emquanto a civilização não define os vinculos sagrados das relações sexuaes, emquanto na mente humana reinam soltos os instinctos de independencia bravia, as esposas formam um rebanho.

Em torno do homem, augmentado com o capital-lume, congregam-se os capitaes-mulheres e os capitaes-gado. Todos elles, conjuntamente, são como augmentos dados ao braço humano, consagrações do facto psychologico da extensão da sua personalidade, e do facto chrematistico do alargamento da sua riqueza. São bens que o homem extraiu da natureza para com elles actuar sobre essa propria natureza economisando sempre o trabalho ulterior necessario á satisfação dos instinctos expansivos da liberdade. Os animaes domesticados são como machinas. Antes de os possuir, já a intelligencia, a perspicacia, ensinára ao homem a aproveitar em favor proprio os instinctos organicos de certos d'elles ainda livres. Se o australio, conhecedor da avidéz das aves pelo peixe, faz de si proprio armadilha para caçar essas aves, o cafre conhece os habitos do cuco-indicador, «issai» ou guia-do-mel, e espiando-lhe os movimentos, segue-o, e [onde elle parou abre o cortiço, queima as abelhas e devora os favos, deixando ao cuco os restos do banquete. (V. Lobo, *Rel. hist. da Abyssinia*, 71 e Santos, *Ethiopia oriental*, II, 23) De factos d'esta ordem nasceu decerto a idéa da domesticação dos animaes para guarda, para defeza, para trabalho, para transporte; d'ahi veiu a aquisição do boi, do cão, do camello, do cavallo, do rengifer. Esses capitaes são as primeiras machinas, e são capitaes por serem machinas. Depois, á maneira que o progresso vae ensinando o uso dos metaes, chegando a tornal-os o alicerce de toda a industria,

o homem volta a procurar no thesouro da natureza as substancias elementares para construir machinas que substituam os «motores de sangue». A instrumentos vivos faz succeder apparelhos inanimados, e a motores organicos instrumentos artificiaes mecanicos. Em vez do cavallo rapido, usa da locomotiva ou do *steamer*, depois de ter inventado o *clipper*. A machina gallopante substitue egualmente o boi para arrastar as cargas e as charruas, e o vento, a agua, o vapor, batem o trigo nas eiras, moem o grão nos moinhos, levantam a agua dos poços e cisternas.

Mas, se a instrumentalidade do capital-gado é grande nos tempos primitivos, não é ainda a sua funcção motriz a predominante, nem são gado apenas os animaes instrumentos de trabalho, guarda, defeza ou ataque. Ao lado do cão machina de caça, e do boi machina de trabalho, estão a gallinha, o carneiro, e os animaes cuja utilidade mecanica é nenhuma, mas que são capitaes, embora funcionando de um modo diverso. São capitaes, principalmente como alimento; e são-no, ainda n'esta especie, por duas fórmas: capitaes, como sobras ou reservas guardadas para consumo ulterior; capitaes, como laboratorios vivos d'onde o homem extrae sob a fórma de alimentos as materias primas que o acto da vegetação elaborou e ás quaes deram um principio de transformação. O organismo de um animal é, n'este caso, como o moinho que pulverisa e prepara o grão; apparelho chimico e phisiologico, os animaes preparam tambem as hervas e fructos que absorvem; dando na sua carne, na sua lan, no seu leite, na sua seda, nos seus ossos, outros tantos productos da sua industria natural-organica. Que trabalho poupam ao homem? — pois de outra fórma não poderiam ser capitaes. Poupam-lhe um traba-

lho de assimilação e locomoção. São como uma arvore de variadissimos fructos — uma arvore «se-movente» como diz a jurisprudencia, uma arvore dotada do instincto de buscar o proprio pasto. Seguido pelo seu rebanho, o homem leva comsigo, no seu capital, os instrumentos da sua acção e os recursos da sua subsistencia.

Senhor do lume, domesticando os animaes, o homem augmentou-se a si de um modo incomparavel — mesquinho todavia perante os augmentos que ao depois extraiu da arte. Mas dos capitaes que a natureza, tal qual, podia prestar-lhe, são estes os mais graves. Escravizando os animaes, — ia-mos a dizer os similhantes, e porventura acertadamente, pois ainda aqui em nada a chrematistica humana se distingue da animal; escravizando os animaes, repetimos, o homem facilitou as condições da sua alimentação, ganhando assim um grau de liberdade para a sua existencia, depois de ter já obtido pela conquista do lume a sua libertação inicial.

Dados estes dois primeiros passos, o terceiro abre uma historia nova: apparece a arte, e a riqueza humana, abstraída da natureza inerte, entra n'uma esphera propria — tão distincta da animal, como quando n'outro terreno vimos saírem instituições dos factos e sentimentos espontaneos. As artes são na chrematistica o signo ou o momento correspondente ao das instituições na jurisprudencia.

A primeira de todas as artes é a cosinha. O homem é o unico animal cosinheiro. Senhor do fogo, tendo á sua disposição os productos naturaes, vegetaes e animaes, o seu genio inventivo desperta-lhe a idéa de combinar o fogo, como instrumento-capital, aos alimentos, como materia-prima ou producto

anterior, para a elaboração de um producto novo. Principiando a complexidade dos actos chrematísticos, principiam a multiplicar-se as naturezas do capital e a denunciar-se as modalidades que fazem de um mesmo objecto, nos seus momentos successivos, capital e producto. Ao capital-instrumento e ao capital-sobra, vem juntar-se o capital-arte, ao mesmo tempo que o producto vegetal capitalisado no corpo do animal se torna materia-prima do producto elaborado na cosinha. Por outro lado, os capitães-instrumentos crescem: á serie anterior vêm addicionar-se os utensilios culinarios.

Que economia de trabalho nasce d'esta nova arte, que augmento de riqueza d'esta applicação do lume aos alimentos crús? De um lado, uma economia de trabalho digestivo, do outro uma amplificação dos meios de conservação. Crescendo a arte, diminue o trabalho, e alarga-se a área da subsistencia como numero de objectos e como duração. As sobras-depositos possiveis são muito maiores, o numero de productos alimenticios muito maior tambem. A tribu segue em viagem, e apoz o gado e a criação vêem-se já em carros as provisões: os queijos de leite coalhado ao lume, os pães de grãos cosidos, as carnes seccas ao fumo.

Mas d'onde provém o desejo de preparar assim os alimentos? Da urgencia de se precaver contra a fome, garantindo a continuidade de uma independencia a que é indispensavel a sustentação. E como surgiu a idéa de obter esse resultado applicando o fogo aos alimentos crús? Da affinidade observada entre o calor do sol e o do lume. Antes de coser, o homem assou; antes de assar, seccou ao sol a carne das rezes abatidas. E o peixe, a carne crua dos banquetes pre-historicos, esses elementos que mais de um selvagem ingere no estado em

que a natureza lh'o dá, continuam por partes a manter-se como «communhão» ou banquete ritual, do mesmo modo que nas edades dos metaes se conservam os instrumentos de pedra para os sacrificios. ¹ Se os hyperboreos comem cruas a carne e as gorduras, se o fuegiano come o peixe qual sae do mar, entre os abexins, que já não são selvagens, ainda o «brondo», bife ensanguentado de carne crua que se come com o pão de «teff», é o *prato* consagrado em certos festins e solemnidades.

Gelar ou assar a carne, expol-a ao frio ou ao lume para a conservar, parece ser o processo elementar primitivo. No Thibet, o inverno é a epocha das chacinas: despem a pelle á rez abatida, sangram-na, expoem-na a uma corrente do ar que n'essas regiões elevadissimas ² gela. Mas não são communs as temperaturas adequadas a tal industria, ao passo que o «moquem» ou «bucan» do Brazil póde levantar-se em toda a parte. Moquem quer dizer grelha, e é com effeito em uma grelha de pau sustentada por quatro pés 'que os brazis «poem o peixe ou caça e submettem-lhe fogo, de sorte que não chegue á grelha: ali se vae (a carne) assando lentamente. Se hão de fazer reserva, guardam os assados em cestos e de tempos a tempos a tornam a aquestrar. Para o uso diario se vae tirando da mesma grelha o que é necessario, e fica alli o resto para os mais dias». (*Diario*, de R. de Sampaio, p. 62 nas *Coll. de Not.*)

Depois do «moquem» apparece o forno. Em vez de se assar ao ar livre, prepara-se um recipiente do calor e da carne. O primeiro forno é uma cova onde se lançam pedras ardentes. Sobre essas pedras, sobre cinzas, no *borrvalho*, assam os tasma-

¹ V. *Raças humanas*, I, pp. 60-6. — ² *Ibid.* I, pp. 60-6.

nios os ovos e o peixe. Os americanos, os beduinicos, ainda hoje os sardos, collocam o alimento na cova, cobrindo-o com lenha a que deitam fogo. No forno polynesio deita-se na cova um leito de pedras quentes, sobre as pedras o cão ou o porco abatido temperado com hervas aromaticas, que se cobre com outras pedras tambem ardentes, ficando por tres ou quatro horas a assar. Substituindo ramas ás pedras, o forno dos brazis (Vasconc. Chron. LXXXV) é como o polynesio. De outra especie é o dos mincopís (um tronco de arvore escavado, á maneira do que os irlandezes usavam ainda no XV seculo) e o dos africanos — um formigueiro d'onde expulsam os insectos e que aquecem ao rubro.

O recinto onde se assa a carne é o mesmo onde se cose o pão. Já se panifica antes de ser lavrador. O egypcio fazia pão com a semente do lóto; o taitiano fal-o com a pasta do fructo do *artocarpus incisa*. O forno, a principio *fixo*, mobilisa-se como todas as cousas: o *clibanus* romano, onde se cosia o pão, era como um assador de castanhas — um vaso de barro perfurado que se collocava entre brazas. Por outro lado, o *foculus*, fogareiro, era, como é ainda, uma fornalha movel sobre que assentavam as vasilhas para coser.

O coser veio do assar. Depois de expôr directamente as viandas ao lume, como que se lhes fez um forno adequado, exclusivo, envolvendo-as na pelle, ou em cortiça como os australios fazem, e deitando-as sobre areia ardente. O involucro, primeira vasilha, guardava os succos: viria d'ahi a idéa de coser em agua? O aquecel-a directamente representa já um progresso tão conhecido, como o das vasilhas. As primeiras vasilhas foram a cova, revestida com a pelle verde da rez, ou essa propria pelle suspensa em postes formando um bolso,

ou uma cavidade simples n'uma rocha impermeavel: na agua envasilhada e fria deitam australios, hottentotes, americanos e hyperboreos, as pedras ardentes que antes serviam no forno. A agua ferve, a vianda cose.

A lenha na fogueira aqueceu as pedras, e quando a terra é núa, como nos pampas, o gáucho faz como os scythas de Herodoto: queima os ossos da propria rez para obter lume. Das cinzas fazem sal — os que, ou ignoram ainda a arte de o extrair, ou não têm á mão jazigos mineiros d'essa especie. Mas a extracção do sal apparece nos primordios da exploração da terra, e o conhecimento da sua utilidade vê-se nos povos mais rudes. Os negros de entre Gambia e o Niger comem-no como assucar; os da costa do Congo sabem extrail-o da agua do mar. No Brazil, os indigenas do rio Negro obtém-no do caruru: «Colhem a planta, seccam-na ao sol, carborisam-na depois de bem secca, dissolvem a cinza em agua, filtram em folhas seccas, evaporam ao fogo e assim obtém o sal que não é muito puro». (Fr. Bern. de Souza, *Comm. da Madeira*, 2.^a p. 7) Os tapuyas procediam de um modo analogo com a terra salgada: «Costumam estes tapuyas para fazerem sal queimarem uma serra de salitre que está entre elles, donde tomam aquella cinza e a terra queimada e lançam-na na agua do rio; a qual fica logo salgada e poem-na ao fogo, onde a cosem, e ferve tanto até que se coalha e fica feita sal em um pão». (*Not. do Brazil*, p. 316) Nas Molucas «o sal fazem da lenha do matto, á falta da que algumas vezes acham no mar, e fendida fazem monte e lhe poem fogo e vão molhando com agua salgada por tempera que o não apague mas consuma e gaste a lenha, de cuja cinza fazem decoada e depois a botam em um panno comprido posto em alto sobre que vão bo-

tando a decoada, pouco a pouco, quente, a qual
vae cair sobre testos de panellas que têm postos
por ordem sobre brazas e gotejando ahi se congela
e faz pão duro da fôrma do testo». (*Inform. das cousas de
Maluco, na Coll. de Not. vi, 171*)

IV

Inventario das riquezas

A luz, o pão e o sal—o facho, o forno e a cozinha, eis os primeiros bens que o homem extraiu da natureza e assimilou a si, capitalizando-os. D'esse augmento da sua riqueza, amplificação da sua força, provém o augmento da sua liberdade como effeito d'essa causa primaria que é o instincto de expansão da personalidade.

Não são porém as artes mais essencialmente nascidas do fogo, o coser dos alimentos nem o evaporar a agua carregada de saes, os unicos bens de que já o homem se encontra senhor. O genio de invenção descobriu parallelamente um numero consideravel de capitaes-instrumentos que, ainda na área do que se chama a vida selvagem, marcam estados gravemente distinctos. Entre o homem de Van-Diemen, inerte, parado, estúpido, errante nas praias em busca dos mariscos e de algum peixe que venha na babugem da onda, bebendo a agua salobra das poças, mordido de medos e de insectos, tendo por caza um fojo como os bichos ou a cavidade de um tronco aberto a fogo, tendo por unica barca um feixe de ramos, por unica vasilha um cortiço, por unica arma uma clava—entre esse homem que representa na sua maior pureza o typo da escravidão e da pobreza selvagem correlativas á independencia e ao isolamento quasi absolutos; entre esse ho-

mem e o da Nova Hollanda, por exemplo, observa-se um progresso consideravel de riqueza e condição. Este já tem chefes, e anzoos e redes para a pesca; já caça; já da cortiça das arvores faz positivos barcos; já leva a seu lado o cão, escravizado, para guarda e defeza, para guia e pesquisa na caça e na guerra. Denuncia-se o lugar chrematistico do animal como machina. O veddah usa do boi como outros do cão, os hottentotes usam d'elle como vehiculo e animal de combate. Por outro lado, inventam-se as armas de arremço ¹ e o peculio da riqueza primitiva vae assim crescendo todos os dias: multiplicam-se as especies e dividem-se as funcções. O dardo é na pesca o harpão, embora com a frecha se cace no bosque e no mar. A linha e o anzol servem para um peixe, a rede para outro. Os instrumentos distinguem-se das armas. Eis aqui o peculio dos brazis: «Seu maior enxoval vem a ser uma rede, um patiguá, um pote, um cabaço, uma cuya, um cão. Serve-lhes a rede para dormir no ar, atada de tronco a tronco: o patiguá (que é como caixa de palhas) pera guardar pouco mais que a rede, cabaço e cuya: o pote, que chamam igaçába, pera seus vinhos: o cabaço pera suas farinhas, mantimento seu ordinario: a cuya pera beber por ella: e o cão pera descobridor das féras quando vão a caçar. Estes sómente vem a ser seus bens moveis, e estes levão comsigo aonde quer que vão: e todos a mulher leva ás costas, que o marido só leva o arco». (Vasconcellos, *Chron.* LXXVII)

E' mesquinha a bagagem, mas n'esses elementos primitivos da riqueza apparecem já claros todos os phenomenos chrematisticos espontaneos. Na primeira pedra que o selvagem lança contra a rez no

¹ V. *Raças humanas*, II, pp. 52-4.

matto, perseguindo-a, diz Torrens, no seu *Essay on production of Wealth*; no primeiro pau com que abate o fructo a que não chega com a mão, vemos a apropriação de um objecto com o fim de obter outro — a origem do capital. Como não veremos, pois, capitaes, já multiplos, já complexos, no anzol e na rede, no harpão e na frecha, no patiguá e no cão? Mas não é só capital o instrumento de aquisição, é-o tambem a sobra armazenada: as farinhas e as bebidas guardadas no cabaço e no pote, e até o proprio cão, o boi, o gado e as gallinhas que serão comidos algum dia.

Instrumento e sobra — eis ahi os dois caracteres do capital, caracteres distinctos que todavia se confundem ou se penetram sob certos aspectos. A sobra é instrumental no sentido de ser o meio de garantir o necessario no dia da inopia; é um instrumento que actua sobre o tempo — como o pau actua sobre a distancia quando vae abater um fructo elevado. O instrumento, por seu lado, é uma sobra, pois representa a consolidação de um trabalho e a conservação de um producto que o consumo não reclamou immediatamente. Na distincção entre instrumento e sobra está o primeiro esboço da futura separação de capitaes moveis e fixos — capitaes de consumo eventual, capitaes virtualmente destinados a transformarem-se em productos; e capitaes cujo papel consiste em diminuir o esforço necessario á producção ulterior.

Se, portanto, o consumo actual de um povo fôr identico á somma da sua producção tambem actual, esse povo, incapaz de capitalisar, estará condemnado ao estacionamento chrematistico — e social tambem, pois o capital é o indicio da liberdade, o penhor da expansão e o instrumento do desenvolvimento. Toda a civilisação sáe das sobras ou producto-li-

quido — sobras, ou armazenadas, ou convertidas em instrumento de produção futura mais facil. D'ahi vem que a capitalisação e a civilisação são progressivas. Cada capital-instrumento contém em si a semente de futuras economias de trabalho sempre crescentes. Cada economia de tempo na aquisição de um objecto ou na satisfação de um desejo, permite a concepção de desejos novos e a aquisição de novos objectos.

Os primeiros capitaes vêm da terra: do pau ou da pedra sáe o lume, da floresta a lenha, da gleba o fructo, do mar o peixe, da mina e da agua o sal, do prado a rez. E' um jazigo que contem em si a semente de todos os capitaes futuros. E' como o primeiro impulso dado ao volante da machina maggestosa da riqueza. Por isso as condições do solo e as circumstancias do lugar têm um papel tão eminente na economia do progresso chrematistico. Já tocámos este ponto, distinguindo entre a fecundidade natural e a riqueza propriamente dita, mostrando como a exuberancia da primeira é causa do atrophiamiento da segunda: não é pois mistér voltar a esse assumpto.

E' porém necessario, antes de pôr ponto n'esta parte do nosso trabalho, insistir de novo sobre os caracteres d'essa riqueza que tem como materia a natureza, sem duvida, mas como agente indispensavel o trabalho humano. Só é riqueza, aquillo que se adquiriu, e nada se adquire sem esforço. A natureza não dá, offerece: é mistér que o homem escolha e tome. Para escolher e tomar é necessario que se deseje: o desejo é pois a origem da riqueza, e por isso, quando a natureza prodiga embriaga e entorpece o homem, paralygando-lhe os desejos ou ambições, não se dá creação de riqueza, ou dá-se apenas em condições rudimenta-

res. Em taes casos a formação progressiva dos capitaes e a consequente civilisação do povo estacam, assim que se obteve o absolutamente indispensavel.

O trabalho é pois condição sem ser causa da riqueza: é o agente, não a essencia d'ella; e por isso as definições que fazem do capital «trabalho accumulado» são erroneas, embora em todo o capital se observe sem duvida uma accumulacão de trabalho. Mas o trabalho esteril ou inopportuno é incapaz de produzir riqueza; e o trabalho, e todos os agentes, por si só, nem chegam a ter existencia chrematistica: tornam-se reaes apenas quando imprimem uma feição conveniente aos objectos. Todo o capital vem pois de um objecto offerecido pela natureza, desejado pelo homem, adquirido ou assimilado pelo trabalho. A sua triplice origem, natural, psychologica e dynamica, é esta.

Por isso é tambem necessario pôr de parte as definições filhas de uma abstracção que excede os limites positivos da disciplina e da natureza dos phenomenos que estudamos. Quando se diz que tudo é capital, desde o Universo até ao proprio homem, commette-se um d'esses erros, porque a esphera propria da chrematistica tem como centro esse homem e chamar-lhe capital de si proprio é evidentemente absurdo. A capitalisação dá-se com referencia a elle, e dá-se por virtude de um motivo inherente á sua natureza — o instincto da liberdade, a expansão da personalidade. E a prova do que dizemos está no facto já allegado de que, sempre que esse instincto se não desenvolve, e que o homem não deseja adquirir para si as offertas da natureza, a fecundidade gratuita do *meio* deixa de tornar-se riqueza e o bando de homens selvagens não chega a constituir-se em sociedade culta. No seio de um mundo que nos offerece as aves nos seus ares, os

fructos nos seus bosques, o peixe nas suas aguas, a gleba para lhe lançarmos as sementes, as florestas para lhe lançarmos o machado, as minas para as lavrarmos, as aguas para lhes extrair o sal, as rochas para desentranharmos os metaes — no seio do mundo estamos nós com a nossa vontade, o nosso desejo, as nossas ambições. Estendemos a mão e adquirimos, apossando-nos mais ou menos onerosamente do que nos é offerecido? ou, indifferentes e apathicos, contentamo-nos com o que cáe, limitando o nosso esforço a leval-o á bocca? No primeiro caso ha riqueza e civilisação; no segundo miseria e selvageria.

No primeiro caso, os nossos desejos excitados não conhecem limites: uma conquista é o prodromo de campanhas novas e successivas. A vara com que vamos buscar o fructo elevado que o nosso appetite deseja — na arvore do bem e do mal, a arvore paradisiaca, symbolo da razão culta com os seus encantos e as suas dores — essa vara, o primeiro capital, é o primeiro *peccado* para a imaginação simples que, afflicta com as angustias do desejo e com as dores do trabalho, pôz o ideal na chimera miseravel da idade de ouro ou saturnina.

Observado o exito da primeira empreza e a efficacia do primeiro capital, o desejo humano apparece duplo. Se de um lado ambiciona chamar a si e tornar em riqueza tudo aquillo que vê e cujo merito conhece, de outro lado procura sempre conseguil-o com o minimo esforço, pois d'ahi virá, não a ociosidade que já o não encanta, mas a efficacia superior do seu trabalho e o valor progressivo do tempo de que dispõe. Adquirir, é o primeiro desejo; adquirir com o menor esforço e no menor tempo, para que as acquisições sejam progressivamente

maiores, é o desejo conseqüente. Do primeiro desejo vem a riqueza, do segundo o capital; do primeiro o objecto, do segundo o instrumento.

O capital, pois, sobra das acquisições de um dia consolidada n'um instrumento, é o meio de produção accelerada do dia ulterior. Assim os dias succedendo-se aos dias como que crescem em horas, ao mesmo tempo que cresce em poder a energia efficaz do braço humano. Por isso os capitaes são tambem como que um «adiantamento» ou antes uma riqueza latente — a virtualidade de productos ultteriores. Por isso tambem só serão fecundos quando a produção que fomentam puder amortisar-lhes o custo. Cavando a terra com as mãos, sem nenhum capital, o homem gasta um determinado tempo e consome um certo trabalho; mas se para a cava já existe a enxada, esse capital-instrumento economisar^á trabalho e tempo, porém só augmentará a riqueza se a economia fôr superior ao que a enxada custou em tempo e trabalho distribuido pelo periodo da sua duração activa. E como n'este caso é, o homem a quem a natureza e a arte já deram horas de folga, depois de satisfeitas as urgencias do alimento, applica essas horas, não a accumular riqueza sob a fórma simples de productos, mas sim a construir a enxada que é tambem riqueza sob a fórma complexa de capital — fórma progressiva em que se contém a virtualidade de uma produção muito maior e por isso de muito maiores folgas ultteriores, de muito maior liberdade.

N'este caso o capital funciona como instrumento: vejamos a sua função como sobra. Esse homem primitivo que vive da caça ou da pesca não encontrará todos os dias, fiel e invariavelmente, a subsistencia necessaria. Se já possui frechas, anzoes e redes, como capitaes-instrumentos, é

mistér que, para não padecer de fome, traga de uma excursão o peculio de um certo periodo, digamos de uma semana.

Esse peculio é o capital-sobra. Se sem capitaes-instrumentos a acção do homem, limitada aos seus membros, lhe não permite sair da vida selvagem, tambem sem os capitaes-sobras correlativos não poderia emergir d'ella. Cada passo de civilisação é um passo de capitalisação sob estas duas fórmulas parallelas. Se a caça exige uma semana de espera, a agricultura exige celleiros de um anno nos cereaes, a vinha só produz ao fim de tres, o olival ao fim de dez, o montado ao fim de vinte annos, e a mina exige uma consolidação, senão tão demorada, mais intensa. O capital-sobra é riqueza incubada para producção progressiva; o capital-instrumento é riqueza activa para um fim semelhante. Um celleiro, um armazem, uma ceara, um vinhedo, uma mina, uma charrua, uma machina, entram todos egualmente sob uma denominação generica.

N'essas riquezas do homem primitivo: o fogo e as armas, os anzoes, as redes, as vasilhas, a salina onde se evapora a agua, o bosque onde se faz a lenha, o rebanho onde se fabrica o leite e a lan e a carne; n'esse peculio ou thesouro dos estados remotos denunciam-se, na essencia, todos os phenomenos espontaneos dos tempos mais avancados. Apparece já a distincção de natureza e riqueza, vê-se a separação de riqueza e capital, observa-se claramente a distincção entre capitaes-instrumentos e capitaes-sobras. Os phenomenos posteriores da chrematistica vêm da constituição das sociedades e do character sedentario da vida collectiva: surgem então as distincções entre capitaes moveis e fixos, apparece o juro e a renda; e como as sociedades, ao mesmo tempo que se fixam, se relacionam e se pe-

netram, vêm com estes phenomenos os da circulação nas suas varias especies.

Até aqui, pois, nós observámos a chrematistica — não de um modo abstracto, mas realistamente — nos seus elementos animaes espontaneos, dizendo que a vida humana não offerencia especies ou phenomenos diversos dos da vida animal. No seio da sociedade humana, porém, definida a riqueza, accumulados os capitaes, teremos de estudar phenomenos *sui generis*, tão peculiares do homem como a razão de que a Natureza o dotou exclusivamente, tão singulares como as instituições, essas invenções de que elle é o unico agente sobre a terra.

Antes d'isso, porém, chama-nos outro estudo. Observámos o papel da natureza, definindo o que são os seus thesouros, o que são riquezas e o que é capital; mas passámos de leve, mencionando-o apenas — passámos de leve sobre o agente da riqueza, o trabalho. E' para ahi que o estudo nos chama, de outro modo a nossa jornada não seguiria normalmente. Vamos ver o processo por via do qual o homem se utiliza a si proprio como instrumento de satisfação dos seus desejos; vamos ver como, passo a passo, de esforço em esforço, de descoberta em descoberta, a invenção humana põe ao lado de um mundo natural indefinidamente variado nos seus productos, um mundo de invenções igualmente variado e indefinido nos seus artificios.

Com o trabalho como agente, a natureza como paciente, o homem, instigado pelo desejo, guiado pela arte, accumula um peculio de riqueza sempre crescente, sempre progressivo — onde ha limite ás ambições? onde ha méta para a arte dos homens? Só na morte, como diz Sophocles; só nos cataclysmos da historia, nas tempestades sociaes que ás vezes destroem n'uma hora a riqueza de muitos

seculos ; só em regressões e ruinas, como foi, por exemplo, aquella que, destruindo Alexandria, obliterou as descobertas de um Demetrio, de um Ctesibio, de um Heraclides, de um Archimedes.

CAPITULO SEGUNDO

O Trabalho

I

A Divisão

Nada é mistér accrescentar ao que fica dito ácerca dos motivos determinantes do trabalho, nem da sua efficacia e do seu papel no facto da produção: é necessario porém expôr as condições e regime em que essa efficacia se desenvolve espontaneamente.

A fecundidade do trabalho, áparte as condições obvias da utilidade do seu destino e da capacidade de quem o exerce, vem inteiramente do facto eminente da sua divisão. Essa divisão progride á maneira que progridem a accumulção, a multiplicidade e a complexidade dos capitaes.

N'um estado abstractamente natural ou primitivo, entre homens cujo trabalho de cada instante seja absorvido pela acquisição da subsistencia actual, sem vagares para accumularem sobras ou para crearem instrumentos, sem capitaes portanto — n'esse estado não póde haver divisão do trabalho. Tal condição, porém, é méramente hypothetica. Não ha sociedade, por miseravel que seja, na qual as sobras do trabalho alimenticio não consintam o vagar, ás vezes forçado, do trabalho guerreiro. Eis o primeiro rudimento de divisão: emquanto o

homem batalha, não cria alimentos. Mas, desde o principio surgem na sociedade as profissões a que a civilização veio a chamar liberaes e que originariamente se accumulam na pessoa do feiticeiro — sacerdote e medico, poeta, chronista e juiz — ao mesmo tempo que da actividade das guerras sae a preeminencia dos reis, orgãos pessoaes de um Estado embryonario. ¹ Accentua-se desde logo uma nova especie de divisão, á qual é indispensavel uma somma já avultada de sobras ou de capital. Esses individuos ou classes a que Smith chamou «improductivos» e que sem duvida o são n'um ponto de vista exclusivamente chrematistico, hão de subsistir á custa dos productos do trabalho alheio. E' mister que uns, com as sobras da sua producção, salariem outros cujo papel é «improductivo».

Como já aqui, nos exemplos das edades mais remotas, apparecem os problemás e as questões dos tempos mais adiantados! A evolução dividiu em dois grupos a sociedade — trabalhadores e salariables; a historia fez por via de regra dos primeiros escravos, dos segundos senhores; e afinal chegam os tempos em que o desvairamento de idéas verdadeiras, dizendo ser «improductiva» a direcção, chama aos trabalhadores «explorados» e «exploradores» aos que dirigem. Confunde-se a esphera chrematistica e a social, confunde-se o facto eminente da divisão com os factos accidentaes da historia.

O governo, a defeza, a direcção e a conservação de uma sociedade: os principes, os soldados, os escriptores e professores, a policia, os legisladores e os juizes, não produzem com effeito riqueza — segundo claramente Smith o disse. Nada

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 233-4 e 253 e segg.

confunde mais um problema do que generalisalo saíndo fóra dos limites particulares de uma disciplina: e é isso o que mais de um dos discipulos e continuadores de Smith fez. Essas funcções e essas classes são com effeito improductivas. Se o escriptor e o professor augmentam dia a dia o peculio intellectual de um povo, é mistér não confundir esse peculio com o da riqueza propriamente dita, pois não faltam exemplos de povos onde a cultura e a pobreza são do mesmo modo eminentes: é illusão filha do exemplo dos nossos tempos o pensar que têm de progredir parallelamente, como succede entre nós, o saber e a riqueza das nações.

Mas se ainda, embora á custa de uma confusão perniciosa, se póde dizer que esta especie de profissões liberaes produz riqueza, quando o que produz é saber, não ha duvida que o principe, o militar, a policia, os estadistas, os juizes, não criam para a sociedade nem riqueza, nem saber. Improductivos, n'um sentido chrematistico, serão porém nocivos ou parasitas, como o quer o radicalismo socialista que n'este ponto dá as mãos ao radicalismo anarchista dos politicos? Basta formular a pergunta para obter a resposta. As classes operarias de hoje, na sua ignorancia triste e nas angustias de uma condição miseravel que o predomínio das idéas anarchistas veiu aggravar, poem n'um absurdo a base das suas reclamações justas; ao passo que a demagogia, desvairada pelas doutrinas, condemna por toda a parte o poder, lembrando-se apenas das tyrannias, sem se lembrar da necessidade imperscriptivel dá authoridade no seio das nações.

Estes periodos saíram-nos dos bicos da penna, talvez fóra do seu lugar proprio; todavia, o con-

fronto com os casos actuaes é sempre illustrativo. Tornemos á divisão primitiva e accentuemos n'ella estas tres especies :

- I
- TRABALHO PRODUCTIVO : a) o dos operarios ;
- II
- TRABALHO IMPRODUCTIVO : { b) o dos que augmentam o
 saber ;
 c) o dos que mantêm a or-
 dem.

D'este enunciado se vê como nem sempre a utilidade é riqueza, e quanto são indeterminadas as theorias que a fundam n'essa condição. O trabalho chrematisticamente improductivo é mais do que util — é indispensavel. Indispensavel até á propria creação da riqueza, porque, se ha povos em que existe cultura sem existir riqueza; se, em termos mais geraes, o saber é independente da riqueza, ao inverso não succede o mesmo — todo o povo rude é por necessidade pobre. Por outro lado, todo o povo anarchisado, toda a sociedade em que não ha ordem, é por condição miseravel. O saber e a ordem são portanto requisitos essenciaes da riqueza: como deixaria de ser pois indispensavel essa divisão primordial do trabalho em productivo e improductivo? O trabalho «improductivo» de instruir e governar é a condição imperscriptivel do trabalho chrematisticamente productivo. Se as classes intellectual, militar e administrativamente dirigentes, por abusos filhos da propria fraqueza, dos proprios vicios do genio do homem — abusos que constituem o drama da historia dos povos — escravizam o trabalhador, usurpam a riqueza, exploram em vez de instruir e esfolam em vez de proteger, mantendo na sujeição e na miseria aquelles que deviam le-

vantar á liberdade e á riqueza: nem tamanhos crimes, nem tão grandes males bastam, pois nada é sufficiente para negar os principios naturaes de uma sciencia. Bastam, são porém de sobra, para mostrar as más qualidades do homem e a realidade dos instinctos que mantém o principio da concorrência-vital dos animaes no amago da sociedade humana, fazendo d'ella uma confusão de guerras universaes — bellum omnium in omnes! — onde pelo meio do fragor das batalhas apenas se distingue velado o clamor gemente da justiça...

Assentemos pois em que a primeira divisão do trabalho é a que separa as funcções improductivas das productivas, pondo ao lado da sociedade creadora da riqueza uma outra que, fomentando o saber e mantendo uma ordem mais ou menos justa, permite á primeira a sua expansão fecunda. A chrematistica occupa-se apenas, restrictamente, da riqueza, portanto do trabalho productivo: só a jurisprudencia abrange em si a sociedade em todas as suas classes e funcções.

Consummada a primeira divisão, isoladas as classes e funcções productivas, o processo apenas se iniciou. Dentro do gremio propriamente operario, instrumentado com os capitaes accumulados, dispondo da terra, como lugar e laboratorio, de um modo mais ou menos colectivo segundo as condições o determinam, observa-se, com o progresso das artes e com o desenvolvimento do capital, a especialisação de funcções especiaes. Existir é afeiçoar ou formular, dizia o grande esculptor da Renascença: afeiçoar ou formular que é senão distinguir, dividir ou separar? A divisão do trabalho exprime, pois, na esphera da chrematistica, uma lei da existencia das cousas: por isso progride á maneira que a somma da riqueza avulta.

Separada a classe operaria, separam-se no gremio d'ella os officios. Depois da divisão das classes, vem a divisão dos mistéres. A principio, o mesmo homem alternava o uso do mesmo arco para caçar e para combater; depois coube a um manejar a enxada, a outro a lança, a um reinar ou julgar, a outro lavrar o solo. Emquanto a enxada era um pau aguçado, tostado ao lume, o lavrador fabricava a sua propria ferramenta; depois separaram-se, o ferreiro forjando o ferro, e o lavrador cavando a terra. Porque? porque a continuidade, a persistencia n'uma determinada occupação, dão ao operario uma habilidade superior: gasta-se menos tempo, consome-se menos trabalho em produzir um determinado objecto, e a economia de trabalho e tempo é a condição das capitalisações progressivas, como vimos já.

Por via de regra, a separação dos officios constitue-se nitidamente no seio das cidades, começando a esboçar-se no recinto das aldeias em que a sociedade familiar ainda faz de cada casa uma officina. Sob a authoridade do patriarcha, os membros da familia distribuem entre si os trabalhos ainda domesticos: as mulheres fiam, tecem e cosem; uns homens reparam ou constroem as alfayas agricolas, outros as caseiras. ¹ Na cidade, os vinculos familiares distendem-se, cresce — senão nasce — a liberdade dos individuos, altera-se o principio constitucional social ² e a divisão que era espontanea em volta do lar domestico, accentua-se e consolida-se apparecendo as corporações de officios. Então, quando nos imperios crystallizados em castas já a religião dividiu as classes productoras das impro-

¹ V. *Instit. primitivas*, p. 48. — ² *Ibid.* pp. 223-32.

ductivas, ¹ intervém o mesmo principio, mantendo inconfundiveis os mistéres chrematísticos: estes ficarão eterna e hereditariamente louceiros, aquelles lavradores, outros commerciantes, etc. Do Egypto diz Isocrates, no seu *Busiris*, que o rei «dividiu todos os habitantes em castas particulares... e ordenou que cada qual fizesse sempre a mesma cousa pois sabia que os que mudam de occupação nunca se tornam perfectos em nenhuma, ao passo que os que se limitam a repetir o mesmo genero de trabalho o executam em perfeição. D'ahi vemos que, a respeito de arte e industria, os egypcios estão tanto acima dos seus rivaes quanto um mestre acima de um aprendiz ». A divisão foi tão longe no Egypto que havia ahi, como principia a haver entre nós, medicos especiaes para cada genero de doenças.

Nas instituições de Numa, em Roma onde nem a divisão do trabalho, nem a das classes, cristallisou em castas, como é sabido, apparecem-nos oito corporações de artifices — os flautistas, os ourives, os latoeiros, os carpinteiros, os lavandeiros, os tintureiros, os louceiros, os çapateiros: são os industriaes necessarios aos costumes simples da vida urbana, n'esses tempos em que ainda em Roma se não panificava nem havia medicos de profissão, e as lans do vestuario eram preparadas domesticamente. Não havia ainda ferreiros, o que mostra quanto a introducção do uso do ferro foi recente na Italia.

Assim vemos como procede a divisão do trabalho: isola as funcções sociaes, isola depois as profissões productivas, separa os officios, e por isso divide as especies chegando ao ponto em que muitos individuos partilham entre si o fabrico do mesmo

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 259 e segg.

objecto. Todos sabem como funciona a relojoaria dos suissos e a nossa ourivesaria em volta do Porto, e todos conhecem a famosa historia da agulha de Smith. Nas instituições de Numa os artifices já não se confundem com os agricultores, mas o fabricante commercia ao mesmo tempo na especie que produz. Ora a separação do commercio, da agricultura e da industria é ainda rudimentar; vem depois a que separa por especies os agricultores, os manufactores e os commerciantes; afinal a que dentro de cada profissão especialisa as occupações. Essa especialisação é maior na industria do que no commercio, maior no commercio do que na agricultura: diminue em razão directa da variedade forçada das occupações. O lavrador ha de semear, podar, cavar, sachar, alternadamente, pois cada um d'esses trabalhos só se póde exercer n'um periodo restricto do anno, ao passo que o fabricante póde em todas as estações entregar-se sem interrupção ao seu mistér especial.

Não ha todavia no mundo principio que, estendido ás suas ultimas conclusões, não dê um paradoxo e uma perversão: a vida e a ordem consistem n'um systema de relações e portanto de limites. A riqueza é excellente, a divisão do trabalho, a principiar pela constituição das classes, é, como vemos, o instrumento mais efficaz de enriquecimento. Mas a especialisação que torna o homem um dente apenas na machina productora, a divisão que o obriga a fabricar exclusivamente uma certa argola de um diametro invariavel, n'um metal cónstante, com um toque, um peso, um feitio inalteravel, essa divisão embrutece tanto como a separação das classes quando se torna em escravisação dos productores e tyrannia exploradora dos directores. Para a chrematistica o caso é o mesmo, quer na esphera so-

cial, quer na esphera technica. A separação e a divisão, fecundas em si, levam ao paradoxo e á perversão.

Força é pois que haja um principio correctivo, em virtude do qual se limitem as perversões paradoxaes da divisão. Esse principio ponderador é a cooperação. Absoluta, quando é ainda absoluta a cohesão rigida das sociedades patriarchaes ou familiares, a cooperação fragmenta-se com a fragmentação das classes e com a individualisação da terra, tornando-se um systema de conluios na concorrência e na lucta das classes e interesses durante os periodos historicos. Filiam-se n'esta origem os phenomenos consequentes das conquistas propriamente ditas, e d'essas como que conquistas que no seio de uma sociedade criam vencedores e vencidos, exploradores e explorados. Nas instituições de Numa os artifices têm um lugar social eminente, lugar d'onde a historia os faz ir gradualmente descendo. Qual não seria a dignidade do operario forjando as armas e os arados, d'esse operario filho de Mamers-Mamurius — filho de um deus? Qual não seria a importancia d'esses artifices cujos processos eram tão secretos como os dos sacerdotes e adivinhos? Veiu a divisão, e o operario forjou a lança com que o soldado combatia; a guerra e o trabalho separaram-se: a um coube o dominio, ao outro a servidão.

A cooperação primitiva, correlativa á indistincção das funcções, trazia consigo uma distribuição normal dos productos do trabalho e uma consolidação collectiva dos capitaes. Obliterada por um lado, e pelo outro individualisada a propriedade, ao passo que a divisão, funcionando technicamente, augmentava todos os dias a riqueza, essa mesma divisão, actuando socialmente, intervinha

no sentido de apropriar os capitães e distribuir os productos de um modo que nós podemos reconhecer como indispensavel á historia, mas que é tambem contradictorio com a justiça. Toda a sobra, além do consumo indispensavel ao alimento do trabalhador, ia — e vae ainda, até certo ponto, — constituir capital, sim, mas não de quem trabalhou, senão de quem, pela propriedade individualizada, pela conquista, pela consagração das tyrannias historicas, usurpou em proveito proprio o direito de possuir. Vêem-se então as legiões de escravos ou de proletarios.

Chrematisticamente, a divisão technica, levada até ao ponto de embrutecer o operario, fazendo d'elle, não já o centro e o destino da producção, mas um capital-instrumento, uma ferramenta no machinismo productor de riqueza; a divisão technica, dizemos, consagra o que a divisão social esboçou. Vê-se então uma parte da sociedade humana fazer para a outra o que anteriormente toda ella fizera para os animaes. O servo na mão do senhor é como um cão ou um boi.

Dá-se, pois, n'este momento uma reacção do principio de cooperação contra o da divisão — n'aquellas sociedades dotadas da capacidade de reagir. Essa reacção que juridicamente se chama democracia, tem-se dito economicamente socialismo. No campo chrematistico, achamos a reacção n'uma como que volta aos estados primitivos com elementos civilisados — phenomeno que não é, como temos visto, particular a este caso. A cooperação aproxima, por exemplo, o productor do consumidor, eliminando o intermediario commerciante, ou reunindo outra vez n'uma mesma individualidade o commerciante e o manufactor. A cooperação liga os operarios de uma certa industria, associando-os

solidariamente e eliminando assim a especie particular dos padrões, desde que o saber dos operarios e o funcionar do credito permite prescindir da intervenção do capital de que uma certa pessoa é dono. A cooperação, fazendo outra vez do trabalhador o centro da machina chrematistica, em vez de cavilha ou mola de um apparelho explorado por outrem, corrige desde logo as consequencias embrutecedoras da especialisação technica. Não só corrige diminuindo o tempo, augmentando o salario, dando por isso um desafogo á vida : corrige tambem dando ao operario a consciencia do que faz, e o interesse por uma operação em que voluntariamente intervém. Não se pense que o trabalho deprime : Spinoza foi relojoeiro, e Laboulaye era fundidor de typos quando compoz a sua bella historia da propriedade no Occidente, passando a ser apenas o author do *Paris na America* e outras phantasias quando entrou na sociedade das classes dirigentes.

Não é a especialidade em si, é o desinteresse que embrutece o operario. Cooperativa, a divisão é sempre fecunda. N'estes dois polos, portanto, entre a divisão e a cooperação, move-se o systema inteiro da evolução do trabalho.

E' porém necessario achegarmo-nos mais de perto, observar o artifice na sua officina, ver o desenrolar quasi maravilhoso das artes com que a invenção dos homens foi dia a dia, dividindo, fecundando o trabalho. Está por fazer uma historia da technologia. Darwin chamou a attenção do nosso tempo para a historia da formação dos orgãos das plantas e dos animaes considerados como meios de producção alimentar. Não merecerá attenção correspondente a historia dos quasi-orgãos productivos que o homem inventou? A technologia

mostra o modo por que o homem actua sobre a natureza: assiste-se ao desdobrar, ao dividir, ao especialisar successivo das funcções chrematisticas nos instrumentos de trabalho.

II

As ferramentas

Para a mecânica não ha distincção entre ferramentas e engenhos: tudo são machinas, a principiar pelo proprio homem. Para a chrematistica, porém, as ferramentas e os engenhos representam duas especies distinctas: as primeiras são instrumentos da machina-humana, os segundos são apparelhos a que apenas é necessario imprimir movimento — são machinas propriamente ditas, segundo a linguagem usual as consagrou. Póde traçar-se uma linha de demarcação entre a ferramenta e o engenho, diz Schulz: a pá, o martello, o buril, o parafuso, a alavanca, são ferramenta emquanto o homem é a sua força-motriz; a charrua posta em movimento pela força animal, os moinhos de vento, de agua, etc., devem contar entre os engenhos. — A distincção assim feita não se nos affigura inteiramente exacta, pois tambem o homem é força-motriz em mais de um engenho. Mas quando o homem, com effeito, funciona de tal modo, o seu papel chrematistico é bem diverso do que tem quando trabalha com uma enxó.

Tocando o cylindro de um guindaste, o homem é motor; tocando com o pé um torno no qual trabalha com burís é ao mesmo tempo operario e motor. A differença entre ferramenta e engenho está, parece-nos, em que a primeira é, como dissemos,

um instrumento adicional da machina humana, um orgão artificial que o operario accrescenta aos naturaes; ao passo que o segundo é um aparelho autónomo, machina inanimada destituida por isso de uma força motriz que os animaes, o homem, o vento, a agua, o vapor ou a electricidade lhe dão, como uma vida de emprestimo. Quando, no maravilhoso desenvolvimento dos machinismos de hoje, provocado pela extensão do uso do ferro, os proprios instrumentos manuaes passaram a ser tocados a vapor, a technologia inventou um nome expressivo n'este sentido: aos furadores, limadores, thesouras, plainas, tornos, chamou «machinas-ferramentas». Machinas pela structura e por funcionarem com motores estranhos, são ferramentas pois apenas desempenham, embora com uma efficacia incomparavel, os mesmos trabalhos que o homem fazia e faz manualmente.

Distinctos, assim, engenhos e ferramentas, é obvio que, evolutivamente, a ferramenta precede o engenho, pois não só o segundo não poderia funcionar sem que o primeiro o tivesse precedido, como a construcção de engenhos, além de reclamar um progresso technologico já consideravel, reclama o conhecimento do modo de aproveitar as forças naturaes, depois de ter reclamado a domesticação dos animaes ou a escravisação dos homens — animaes e homens que servem como motores-de-sangue. Além d'isso, a existencia de engenhos denuncia uma capitalisação já consideravel: um engenho representa uma somma de trabalho consolidado, portanto dispensavel á subsistencia; representa um grau adiantado já n'esse desenvolvimento progressivo de tempo e trabalho, de energia activa da vontade efficaz sobre a natureza — de libèrdade e riqueza, n'uma palavra. Calculam estatisticos que

a França trabalha hoje com dois milhões de cavallos-sangue e tres de cavallos-vapor; cada um dos primeiros equivale mecanicamente a sete homens, e cada um dos segundos ao triplo: assim, além do trabalho pessoalmente proprio, os francezes realisam com os seus motores vivos e inanimados o trabalho de quasi oitenta milhões de homens, triplicando a força efficiente da população, se porventura toda ella se compozesse de homens-de-trabalho normaes. Como não é assim, a multiplicação da efficacia productora obtida pelas machinas, sobe a doze, quinze ou vinte vezes dos seis, sete, oito ou nove milhões de homens-de-trabalho effectivos da França.

Eis ahi, amplificado no exemplo de uma das nações mais adiantadas, o destino latente no trabalho obscuro, paciente, humilde do primeiro inventor de ferramentas. D'esse nodulo distante, envolvido na penumbra das lembranças mythicas, destaca-se uma estatua gigantesca: assim um foco minimo de luz projectado por uma lente abrange um circulo vastissimo. Esse homem remoto e mesquinho, limando a pedra contra a pedra para fazer um gume, é o foco d'onde se projecta a imagem colossal do homem que se multiplica a si proprio doze, quinze, vinte vezes, na sua capacidade chrematistica — um gigante da altura de vinte ou trinta metros, cujas mãos têm duzentos dedos, cujo braço levanta montanhas; um monstro de vigor que tem por voz o estrondo das explosões, e que á energia da sua força como que muscular addiciona a vehemencia de substancias como a polvora e a dynamite.

Franklin definiu assim o homem: « a tool-making animal », um animal ferramenteiro. A imaginação creadora das velhas edades representou essa propriedade n'um mytho, e fez de Dedalo o inventor da serra, do berbequim, do machado, do

nível, o inventor dos mastros e das velas dos navios — das ferramentas, e do primeiro engenho em que o homem utilisou a força-motriz do vento.

O dente, o gume, a agulha e o martello: furar, percutir, serrar e cortar — eis-ahi os elementos primordiales das ferramentas, reduziveis a duas acções primarias: scindir e comprimir, juntar e separar. Das combinações d'estas propriedades vem o character mais ou menos complexo das ferramentas — dedos, unhas, dentes, punhos artificiaes que o genio do homem junta aos que o proprio organismo lhe dá. As ferramentas são imitações dos membros; mas como os membros são inalteraveis e insusceptiveis de combinação, a superioridade das ferramentas está na sua variedade indefinida. Está tambem na sua mobilidade.

O dente corta, mas não como o gume que separa: corta partindo, triturando, dividindo por scisões minusculas. Na bocca tem o homem uma serra, mas como é superior á linha dos dentes osseos da bocca, a serie de dentes metallicos da ferramenta! Na enxada, *bidens* dos romanos, ha apenas dois incisivos; a foice *dentata* é como uma queixada que tritura o mato. A serra e o rastros, cortando e raspando, funcionam nas mãos do homem como os dentes da bocca; mas se se collarem umas a outras as laminas do rastros tem-se uma superficie dentada — eis a lima, tão similhante ás boccas dos tubarões do mar. O dente, n'uma linha, scindia: a superficie dentada gasta, movendo, consumindo, triturando. A ferramenta que operava em profundidade, modificada, trabalha em superficie.

O dente aguçado penetra, a serie de agulhas serra; mas o dente e a unha, successão ininterrompida de pontos penetrantes formando um gume,

cortam em vez de serrar, e separam em vez de partir. Eis-ahi a faca. Se mais de uma casca rugosa, mais de uma pelle coriacea e dentada, mais de uma pedra aspera, teriam sido os prenuncios da lima: o homem primitivo achou na vegetação e no solo mais de um prodromo da faca. Os silex, lascados primeiro, ¹ polidos depois, ² vieram das rochas. «Cortam as arvores com umas ferramentas de pedra com que roçam o mato», diz dos amoiripas, e «tosquiam-se com umas canas que cortam muito», diz dos aimores a *Noticia do Brazil* (na *Coll. da Acad.* p. 47 e 310). Eis-ahi as facas vegetaes e mineraes — as unhas e dentes extraídos da natureza pelo homem.

O gume, dissemos, não é mais do que uma successão de pontos penetrantes sem intervallo: cada um d'esses pontos, isolado, fura, em vez de cortar ou de serrar. Eis a agulha. Imprima-se-lhe um movimento de rotação e temos a verruma, *terebra*, que movida por um arco é o berbequim, já observado quando estudámos a producção do lume. Applique-se á agulha o martello e temos o buril; ponha-se-lhe um gume em vez de um ponto: é o escopro, o cinzel, o formão.

A esta serie de instrumentos que scindem junta-se agora o typo das ferramentas que comprimem: o malho, *malleus*, martello, malhete. O martello é o punho, assim como o gume é o dente. O punho cerrado, depois na mão uma pedra, depois uma haste ou clava, depois, na extremidade d'essa haste, braço ou alavanca, um corpo rijo e pesado — eis o martello, cuja invenção está no cabo. Conhecido o valor da alavanca, o seu principio appli-

¹ V. *Elem. de Anthropol.* (2.^a ed.) pp. 136-41. — ² V. *Raças humanas*, II, pp. 210-8.

cou-se a todas as ferramentas que appareceram combinadas com o martello, combinadas entre si nas suas funcções: as ferramentas mixtas. Encabou-se a serra — appareceu a foíce. Encabou-se a faca — appareceram as enxós, os machados, os picos, as enxadas, nas suas combinações diversas de instrumentos cortantes e perfurantes. O picão, *acisculus* dos romanos, é o martello perfurante com que o canteiro, não podendo usar de lima na superficie do granito, como que a vae limando golpe a golpe. O pico ordinario é uma agulha-martello, ferramenta penetrante impellida pelo cabo. A *dolabra pontificalis* dos carniceiros sacramentaes romanos, a *securis* dos lenhadores e dos guerreiros, são martellos n'uma face, facas na outra: contundem de um lado, cortam do opposto. A *dolabra* dos mineiros era, é ainda, martello de um lado, pico do outro; a *dolabella*, machadinha ou podão dos horticultores e vinhateiros, tem dois gumes, um curvo, outro rectilineo, e uma agulha.

Eis o systema das ferramentas elementares. Em parte alguma o seu desenvolvimento foi completo de um principio: uns exploraram um typo, outros preferiram outro. Emquanto o berbequim se encontra entre povos quasi selvagens, a gente das Molucas, a quem tal nome já não é adequado, desconhecia a serra e tinha apenas uma verruma primitiva: « Usão somente enxó, escopro, macete, e verruma, a qual é como goiva, e pondo-a com a mão esquerda onde hade furar, dão-lhe em cima com o macete e com a outra mão dão volta, de maneira que dando com uma e voltando com outra furão tudo muito direito ». (*Inform. das cousas de Maluco, nas Coll. de Not. IV, 177*)

A imitação dos orgãos naturaes e a applicação da alavanca — ou de um « braço »: eis ahi os elemen-

tos das primeiras ferramentas, e de todas as ferramentas, por complexas e delicadas que a civilização as torne. Mas, ao lado d'este desenvolvimento, surge um outro: a descoberta de certas propriedades dos corpos naturaes. O fogo estala as rochas. A madeira incha em agua absorvendo-a, e a sua força de expansão, extraordinaria como todas as forças moleculares, procede como o fogo. Fazer da natureza um instrumento de trabalho gratuito — que melhor, mais admiravel descoberta para o homem ávido de desejos, absorvido pelo pensamento de inventar dia a dia, e tenaz, pacientemente, ferramentas productoras! Com o picão rasgam-se pequenas covas na penha macissa, essas covas estão alinhadas, em cada cova cheia de agua mette-se uma cunha: a cunha incha, a rocha estala nitidamente. A natureza *serrou* ou *cortou* quasi de graça uma lage. Ainda hoje no Minho se fazem d'este modo os *esteios* de granito para as ramadas.

Quando, pois, á mente humana vem a idéa de applicar a órgãos artificiaes, ou ferramentas, as forças activas da natureza, forças já conhecidas na sua efficacia, é então que ao lado das ferramentas apparecem os engenhos — como que homens ou individuos activos, destituídos porém de uma vida que a natureza, como agua corrente, vento, mais tarde vapor ou electricidade, lhes dá, quando a não tiram das forças naturaes animadas e onerosas como o animal e o escravo. Os primeiros engenhos são, todavia, aquelles em que a força motriz natural é o sangue: o homem soube usar dos animaes e dos seus semelhantes como motores, antes de saber substituir esses motores mais ou menos onerosos pelos motores phisicos mais ou menos gratuitos.

Se o animal é mecanicamente uma machina, o

animal como vehiculo e meio de carga e transporte apparece como o typo primitivo dos engenhos. A mesma arte que inventava as ferramentas, inventava osapparelhos progressivamente adequados para o transporte — como veremos quando, tratando da circulação, estudarmos os vehiculos. O vehiculo-typo, engenho de carga, é o animal — foi infelizmente, é ainda, o proprio homem. O romano usava a *furca*, especie de ferradura de pau collocada sobre os hombros, segura nas extremidades pelas mãos; usava o *jugum*, uma vara, como a dos nossos peixeiros, tendo as duas cargas pendentes nas extremidades; usava finalmente a phalange, que é o nosso modo de carregar a pau-e-corda.

De engenho simples de carga, o animal passa a ser o motor-de-sangue. Coulomb achou que a maxima força motriz que um homem é capaz de desenvolver se obtem fazendo-o subir descarregado e levantando a carga por meio do seu proprio peso, descendo: de tal modo o homem levanta o quadruplo do que levantaria carregando ás costas; e este facto provém da perfeição organica da machina humana na qual os musculos se adaptam perfeitamente para levantar o corpo, ao passo que qualquer carga suplementar desequilibra o systema. D'ahi, explorando deshumana e chrematisticamente essa condição da nossa attitude, veio o emprego antigo dos escravos que moviam as rodas hydraulicas e os guindastes andando no centro do tambor que a cada passo lhes fugia debaixo dos pés. Ao lado o boi vendado tocava em gyros compassados a nora ou o moinho. . .

Mais de um apparelho nos mostra a combinação das ferramentas e dos engenhos — typos mixtos ou transitorios a que alludimos já, e em que o homem,

operario ou demiurgo, é ao mesmo tempo motor-de-sangue. Quando, nas brocas igníferas e nos berbequins em geral, um mesmo homem guia a verruma com uma das mãos e com a outra move o arco onde se prende a corda que imprime a rotação accelerada, a mão esquerda é a do operario, a direita a do motor: vêem-se n'um mesmo individuo as duas funcções. O torno, esse aparelho primitivo, mostra ainda mais claramente a distincção e a simultaneidade das funcções. O torno kabyła, onde o operario fabrica as gomias de pau que se vendem por toda a costa setentrional africana, consiste, como o torno vertical primitivo commum a toda a Europa, n'um veio assente em dois supportes, munido de um tambor; uma corda segura n'uma vara elastica aprumada dá duas voltas no eixo e passa debaixo do pé do torneiro. Com as mãos armadas de buris e escopros, ferramentas simples, o torneiro é operario; com o pé, imprimindo a rotação ao veio, é motor.

Os engenhos propriamente ditos só apparecem e se constroem quando os povos se enraizam no solo, agricultando. O engenho é tambem *fixo*: representa uma consolidação de capital immovel, por um lado, e pelo outro caracteriza-se como uma construcção adscripta ao solo com a gente que ahi se installou. Dos engenhos elementares da lavoura e das manufacturas primitivas fallaremos no lugar adequado.

Agora, deixamos o homem ampliado por uma serie de órgãos artificiaes — a personalidade augmentada pelo capital. A paciencia e a razão: eis os elementos creadores dos progressos accumulados. Wallace achou entre os indios do rio Negro uns pequenos cylindros ornamentaes de cristal de roha (1 poll. de diam. e 4/8 de comp.) perfurados

para se enfiarem em colar. E esses indios encontraram desprovidos de instrumentos, ignorantes do aço, sem ferramenta para trabalharem uma substancia rija como é o quartzo crystallizado. A paciencia suppria a arte: o homem operava como as forças naturaes — lenta, obscura, mas invencivelmente. A face externa era produzida por fricção, e o orificio por um aparelho elementar: um rebento flexivel de plantago sylvestre servia de broca, agua e areia de esmeril; girando, moendo, dia a dia, todos os dias, assim o indio via avançar a sua obra gastando os annos. Certo cyliindro de um chefe consumira duas vidas de homem.

Mas, ao lado da paciencia, vão-se desenhando os instinctos racionaes: combinadamente, produzem as invenções. Emquanto, curvado e calado, limando a face do cristal contra uma superficie rugosa, o homem primitivo trabalha, trabalha tambem para elle o cerebro que o automatismo dos movimentos manuaes deixa independente. Assim Spinoso, fazendo relogios, agitava na mente os problemas transcendentales. Assim limando, brunindo, furando, o homem primitivo tinha a cabeça livre para ir meditando, comparando e inventando as propriedades abstractas das cousas. Ao mesmo tempo que descobria certas propriedades phisicas dos corpos e as explorava em proveito proprio, descobria as normas absconditas que a realidade contém.

Por tal modo, a todo o peculio de ferramentas e ao repositorio de conhecimentos empyricos das propriedades de certos corpos, addicionou instrumentos abstractos que já não imitavam nenhum orgão: a regua, o esquadro, o compasso, o prumo, o nivel. Ao esquadro chamava o romano « Norma »: eram estes os instrumentos *normaes*. Sem serem efficientes ou activos, fixam as regras de toda a activi-

dade fabril, e só quando o homem os adquiriu se póde dizer que ficou effectivamente operario.

Principiando por arrancar o fogo á natureza, como quem extrae as visceras quentes de um corpo, rouba-lhe agora os segredos mais intimos — essa norma abscondita na realidade: a regua, o prumo; o nivel; essas abstracções geometricas, alma formal do Universo. Senhores dos segredos, dominando os elementos, os homens com as suas artes agitam-se na construcção de cidades...

III

Os productos

Uma concha, uma pedra escavada, uma lage com bordas de argila — eis ahi os primeiros vasos, rudimentos da ceramica. Uma bexiga, um odre, uma cabaca, um pau escavado ou um recipiente de folhas ou de cortica — eis as primeiras vasilhas extraídas do reino vegetal e do animal. O tasmanio tinha por vaso umas folhas dobradas e cosidas com espinhos. A's cascas seccas das nozes, das aboboras, dos cocos, addiciona o boschimano as dos ovos de abestruz. O cafre tece canastras tão cerradas que contém liquidos.

A applicação do lume á preparação dos alimentos revolucionou o systema das vasilhas, condemnando aquellas que não podiam resistir á chamma. Da lage com bordas de barro, dos eskimós, veiu a idéa de fazer tambem o fundo de argila; e para que o fogo não destruísse os cestos de vimes e as vasilhas de pau, revestiram-se ambos de barro. O lume queimava o tecido exterior, e, observando-se que a vasilha interna de argila se mantinha, consummou-se outra invenção: a cesta, que era o vaso, passou a ser apenas o molde. Vém d'ahi os xadrezes que se observam, parecendo labores, em certas louças pre-historicas e selvagens.

Cestos, conchas, cascas, serviram de moldes, antes que a mão modelasse a argila sobre a roda to-

cada pelo pé do louceiro. Mas nem por toda a parte a materia plastica abunda, e por isso não ha synchronismos na invenção: os polynesios desconhecem a ceramica, e os fuegianos têm vasilhas de barro. No recinto de uma mesma região os progressos variam muito: a roda do louceiro, já vulgar na Grecia heroica, não existia ainda ao tempo no occidente europeu. Entre os brazís havia-os que apenas seccavam a louça ao sol, havendo-os que já a cosiam em fornos. «Sem forno, nem olaria, fabricam vasos, panellas, potes e talhas de extrema grandeza», diz R. de Sampaio (*Diario da viagem do Rio Negro*. 57); ao passo que entre os tupinambas «fazem as velhas panellas, pucaros, e alguidares a seu uso em que comem e guardam a farinha, lavrados de tinta de cores, a qual louça cosem em uma cova que fazem no chão e lançam-lhe a lenha por cima; e têm e creem estes indios que se coser esta louça outra pessoa que não seja a que a fez, que hade arrebentar no fogo». (*Not. do Brazil*, 286)

Eis ahi, pois, o forno primitivo do louceiro: é uma cova, como na cosinha. D'essa cova virá a camara da *fofnax* dos romanos, ainda subterranea, mas já abobadada. As vasilhas ainda não têm azas, nem são vidradas; mas já os indios do Amazonas utilisavam a propriedade das resinas nas «cuias em que com resinas de arvores dão uma especie de charão que resiste a todo o liquor que se lhes lance fervendo». (*Nav. do Pará ao Madeira*, nas *Coll. de Not.* vi, 11) Parallelamente se desenvolveram, multiplicando-se, as vasilhas de barro e as de madeira. A' cuia, ao coco, ao bambu escavado, succede uma infinidade de typos; os latinos tinham a *navia* para o vinho, o *lacus* para o azeite — por fim o *cadus* (tonel) e a *cupa* (pipa), em que a arte do operario inventara uma construcção geometrica, ao mesmo

tempo que o lume agrilhado no forno cosia as amphoras e crateras. Assim a arte humana utilisou as invenções racionaes e as propriedades phisicas dos corpos, pondo ao serviço da riqueza os fructos do pensamento e as energias naturaes.

A pipa que succede ao odre imita-o, imitando a abobada que tambem o romano inventou: ¹ é uma abobada de madeira e, quer na construcção quer na vasilha, os seus segmentos dizem-se aduelas. Mas o couro que serve para vasilhas tem ainda outras, innumeradas applicações depois de curtido. Já o hottentote pastor o sabe preparar: enrola a pelle verde para que fermente, depois raspa-lhe as sedas; estende-a, cobrindo-a com as folhas adstringentes de uma especie de figueira, raspa-a, amollece-a com sebo e põe-a ás costas: é o seu vestuario. Na America sabem tingir: «Os coiros são bem curtidos e dam-lhes a cor que querem, tão perfeita que se he vermelho parece muy fino pano de gran e ho preto refino, e do mesmo fazem sapatos e ás mantas lhes dão as mesmas cores». (*Descobr. da Florida, nos Op. reimpr. 37*)

Já dissemos que nem no desenvolvimento das diversas artes, nem nos progressos de cada uma d'ellas, póde haver synchronismos. Os mombuttus d'Africa, habeis ferreiros, não sabem fiar nem tecer: apenas fazem um feltro espesso, batendo, esmagando e comprimindo a casca de uma figueira. Por ahi começa a utilização dos tecidos vegetaes para o vestuario. «Mantas, fazem-nas de cascas d'arvores da tez de dentro e alguns de uma herba como abroteas que pisada queda como linho». (*Ibid.*) Na Africa e na America, entre os mombuttus e os da Florida, o processo é identicamente primitivo. Nas Molucas «fazem o vestido de certas cascas de

¹ V. *Raças humanas*, II, pp. 110-20.

vergonteas d'árvores, molhando-as e batendo-as com macetas sobre páos, e assim as estendem quanto querem ou dão de si, e as fazem delgadas, grossas e largas, pegando-as umas com as outras e as pintam louçãmente, mas apodrecem com a agua e chamam-lhe *Figas*». (*Inform. das cousas de Maluco nas Coll. de Not.* VI, 171) No Oriente remoto succede como na Africa e na America: vê-se por toda a parte o prodromo das industrias textis no amalgama ou fel-tragem dos tecidos vegetaes. Apenas funciona a ferramenta contundente — o martello; vamos ver a agulha separando as fibras, o fuso torcendo-as, e o tear tecendo-as.

Fiar e tecer, duas artes primitivas, não se combinam porém, produzindo telas, com tanta frequencia como seria de crer. Abandonar o torcer do fio á mão rolando as fibras separadas com a palma sobre a perna, e inventar e adoptar o fuso, instrumento elementar das industrias textis, é quasi geral. Tecer fibras, cordas, tegumentos, hastes, cipós, juncos, é egualmente commum. Torcer porém e tecer o fio torcido, combinando as duas operações, não é tão frequente entre os povos primitivos. Faz-se por toda a parte a corda, a rede e a esteira — não se faz o panno. As mabellas dos congos são esteiras, as camas dos brazís são redes de corda de algodão: « as camas em que dormem são umas redes de fio de algodão que as indias tecem n'um tear feito á sua arte » (*Hist. da Prov. de S. Cruz*, 49) como os teares dos esteireiros. « Fazem cestos de umas varas a que chamam cipós e outras vasilhas em labores como as de róta da India... fazem redes lavradas de labores de esteira em umas cordas tecidas a que chamam muçuranas de algodão ». (*Not. do Brazil*, 286) Mas para que se não confunda a *rede* com o *panno*, nem o banco de esteireiro com o tear propria-

mente dito, o mesmo chronista accrescenta: « As mulheres nem cosem, nem lavram: sómente fião algodão de que não fazem teas, como poderam, porque não sabem teecer. Fazem d'este fiado as redes em que dormem e umas fitas como passamanos e algumas mais largas com que emmastram os cabellos». (*Ibid.*)

O fuso e a roca, attributo da matrona romana, sceptro do reino domestico, ¹ são as ferramentas unicas das industrias textis quando já o fio se não torce á mão, mas ainda se tece manualmente como se vê no Egypto remoto. A roca de fiar, *colus*, foi, é ainda hoje pelos campos, uma cana fendida em segmentos afastados por um disco; a *tela* ou tear entra no typo dos aparelhos mixtos em que o trabalhador é ao mesmo tempo operario e motor-de-sangue. Na vida patriarchal a mulher fia, o homem combate: Alfredo de Inglaterra (871-901) chamava « the spindle side », o lado-do-fuso, ás mulheres da sua côrte; e aos homens « the spear side » o lado da lança — os *quirites*. Primeiro teceu-se á mão, como quem faz rede; depois, inventados os teares verticaes, ainda hoje em uso, os egypcios teciam com agulhas esses pannos de bysso tão queridos da Antiguidade e que envolvem as mumias. O fio, *stamen*, distinguia-se da trama, *subtemen*, e as agulhas ligeiras dos operarios iam rapidamente aggregando a tela: ainda não havia lançadeiras.

São assim os teares em que ha seculos se fabricam na India essas musselinas de algodão, transparentes e resistentes, esses pannos de Calicut — d'onde veio o nome francez e inglez de *calico* ou *calicot*. A preparação do algodão na India empregava quatro aparelhos successivos. Primeiro um

¹ V. *Inst. primitivas*, p. 48.

laminador feito de dois cylindros de pau cannellados onde o algodão, passando, deixava as sementes. Depois o batedor: uma vara esticada, suspensa de um arco ou mola cujas vibrações levantando os flocos da rama a separavam dos caroços, dos nós da terra: cardas não havia. Vinha, vem — pois ainda hoje no Indostão se fabrica á moda primitiva — a roda da fiandeira, de um typo igual ao nosso, tocada por mulheres cujos dedos seccos a cal, dedos de um tacto finissimo, vão torcendo um fio subtil e rijo como os dedos da machina de ferro não são capazes de produzir. Finalmente, apparece o tear.

O tear da India arma-se ao ar livre, suspenso em duas arvores. Ao nascer do sol, o tecelão do Guzerate fixa os seus bambus á sombra dos mangos e tamarinos. Se um temporal se solta, enfeixa os rolos e recolhe. Como a teia se estende á maneira que cresce, não haveria casa onde coubesse a officina. No chão ha uma cova onde o tecelão mette as pernas, sentando-se, e onde move com os dedos dos pés as presilhas que servem de premedeiras ou tirapelas. Um rolo de bambu tem a urdidura e com uma agulha longa, da largura da peça, ao mesmo tempo leva o fio e o bate comprimindo o tecido. Lançadeira não existe ainda, como não existia no Egypto.

O *alveolus* completou na Europa o tear que durou até aos nossos dias, quando a invenção do vapor revolucionou as industrias textis. E a separação das duas operações — fiar, tecer — observou-se, observa-se ainda na industria contemporanea, tendo-se visto na historia recente do seu progresso. O tear, apesar de engenho, mantêve-se por mais tempo adstricto aos motores-de-sangue, motores-humanos, quando já a operação manual da fiação,

revolucionada n'um momento, se tornava uma operação mecnica servida pelo vapor. Na Allemanha tentou-se fazer tocar duas rodas por um fiandeiro, ensaiou-se depois uma roda de pé com dois fusos; mas foi em vão: era necessario um motor mais poderoso do que o sangue para tornar o fabrico, de manual, em mecanico. A *Jenny* fiava com doze e dezoito fusos, mas as *carruagens* das fiações a vapor de hoje trabalham com cincoenta, sessenta e mais. Da corda e da esteira primitiva chegou-se aos brocados e aos algodões-crus: á complexidade no fio, no tecido e nas cores, á barateza e generalisação dos pannos communs, e á utilização alternada ou simultanea da lan, do linho, da seda e do algodão.

E' possivel fazer o catalogo dos productos do trabalho primitivo? Não é. Poucos objectos, na variedade incontavel de todos os que disfructamos hoje, são de invenção historica ou scientifica. A espontaneidade primitiva extraiu da natureza, com a paciencia e o genio, quasi tudo o que o mundo era capaz de dar. Depois, combinou-se, aperfeiçoou-se, multiplicou-se, barateou-se — até ao ponto maravilhoso a que chegaram os nossos dias: quem sabe se dias vindouros não desdenharão de nós ainda?

Mas já nos tempos remotos os metaes e o vidro, a ceramica e os tecidos, os couros e as tintas, o feltro, e o papel que é um feltro vegetal, a maxima parte dos productos da industria existiam ou se esboçavam. As especies novas são poucas: ha cruzamentos e aperfeiçoamento. Já os lacedemonios, sob o dominio dorico, nas alvoradas dos tempos conhecidos do occidente, eram celebres pela sua industria: gabava-se o calçado de Amylec, os mantos de uma purpura rutilante, celebravam-se as mezas,

os leitões e os carros, as crateras e amphoras cinzeladas, a cutelaria pela tempera, os vasos pela elegancia. Diz Plinio que a Laconia era para a Europa o que fôra Tyro para a Asia.

De todas as invenções recentes, acaso o producto mais extraordinario seja a polvora. De todas as invenções remotas, depois do fogo, a mais grave é o vinho. O alcool é como a polvora: uma rasga o ventre da terra, o outro abre no cerebro do homem, com a embriaguez, regiões phantasticas, sonhos de encanto necessarios quando a lei cruel do trabalho torna a vida uma escravidão. Servo da natureza, o selvagem embriaga-se; escravizado pelo seu semelhante, a plebe miseranda dos operarios só na taverna encontra allivio e esquecimento para as amarguras da sua existencia deprimida, ás vezes depravada.

Fazer fermentar o mel, o leite e o sumo de certas frutas é um conhecimento que apparece nos povos mais primitivos: distillar é mais raro. Entretanto, o hottentote faz uma aguardente de bagas, pondo-as em fermentação n'uma vasilha de couro, fervendo o liquido e recebendo o vapor da ebullição n'algun cano de espingarda velha. Faz a cerveja-de-mel, misturando-o com agua e com a raiz do kriei. Segundo Pictet, o vinho, bebida querida dos indo-europeus, era já conhecido pelos aryas primitivos. No tempo de Marco Paolo, os chinezes faziam um vinho de arroz; os tartaros fermentam o leite d'egua, produzindo o kumiss, do qual tiram por distillação a aguardente de arak; na Arabia e em todo o dominio da área semita faz-se o vinho de palma; os negros, desde o Nilo até á Cafraria, fazem a cerveja de sorgo; os indios da Guiana tiram o licor da cassava; no Mexico, o pulque é o sumo fermentado da agave americana; na Bolivia o chicha

é uma cerveja de milho. Os brazís faziam vinho do acayá, do aipy, da pacoba, do milho, do ananaz, da batata, do junipabo, do beiju, do mel, da cana saccharina. (Vasconcellos, *Chron.* LXXXVI)

Ahi no Brazil vemos, não com a phantasia, mas atravez das descripções de testemunhas, como é a festa do vinho-novo — a orgia das bacchantes selvagens, delirio sangrento e carnal, religioso e militar:

Primeiramente se açoutão uns aos outros com hum azor-rague feito de couro de peixe-boi, anta ou veado e em falta d'isto de pita bem torcida e do comprimento de uma braça. Na ponta lhe atão uma pedra ou outra qualquer materia solida que fira. Com este instrumento se açoutam dois a dois, estando um em pé com os braços abertos, enquanto o outro o fustiga á sua vontade e logo a seu turno o açoutado faz a mesma operação ao açoutante. Gastam-se oito dias n'esta cruelissima cerimonia, e no enquanto as velhas vão preparando o paricá (tabaco, rapé) e as mais mulheres fazem o vinho de frutas e beijú chamado payauarú. Finalizada a função dos açoutes, se entra a tomar o paricá, sendo companheiros neste prazer os que o foram nos açoutes... He tão violenta a força do paricá e do vinho que faz cair quasi mortos todos os que o tomam, succedendo muitas vezes morrerem alguns suffocados do paricá: porém os que acordam passada a bebedice, tornam de novo a continuar a festa pelos oito dias que ella dura. Esta festa é annual. He a recruta dos novos soldados ou apresentação de rapazes para o estado varonil. (R. de Sampaio, *Diario*, etc. 21-2)

Chama-se a isto a festa do Parassé. Entre os tupinambas o quadro, menos cruel, é egualmente lubrico:

Este gentio é muito amigo de vinho o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem: mas o seu vinho principal é uma raiz a que chamam *aipim* que se cose e depois pisam-na e tornam-na a coser e como é cosido buscam as mais formosas moças da aldeia para exprimer estes *aipins* com as mãos e algum mastigado com a

bocca que é o que dizem que lhe põe a virtude ; e esta agua e sumo d'estas raizes lançam em grandes potes onde se cose este vinho e está até que se faz azedo e como está bem o bebem com grandes cantares, e cantão e bailam toda uma noute ás vespervas do vinho e ao outro dia começam a beber, bailar e cantar e as moças solteiras da casa andam dando o vinho em uns meios cabaços, e o fazem de maneira que vêm a cair de bebados pelo chão. (*Not. do Brazil, 285*)

Apparece-nos, pois, a vida do trabalhador animada por tres elementos: a paciencia, o pensamento, a embriaguez. Não é uma vertigem, uma embriaguez tambem, a ambição que inconscientemente o move? Que sabe elle, que sabemos nós, para onde nos levam as ambições e os desejos que nos embebedam? A paciencia, nos trabalhos automaticos, tambem embriaga: o cerebro, forçosamente desligado do trabalho que as mãos exercem automaticamente, agita, revolve, combina; e se de taes meditações nasceram os instrumentos-normas, nascem tambem d'esse ruminar incessante as seducções das chimeras e os desejos das orgias. O vinho e o amor satisfazem o homem rudo: o homem culto exige a embriaguez das doutrinas. A um alcool vem juntar-se uma polvora, a uma seducção um delirio. Quando a divisão do trabalho, sem correctivo, e as machinas tremendas e maravilhosas d'este nosso tempo reduzem as mãos do homem á condição de ferramentas e o proprio homem ao papel de automato servo de um homem de ferro activo, o pensamento desoccupado, desinteressado do trabalho, embriaga-se com idéas devairadas como o tupinamba se embriagou com tabaco e vinho. E da mesma fórma que o selvagem, o operario pervertido sonha com as orgias da anarchia e do amor-livre.

Assim o germinar obscuro dos desejos, o flores-

cer das ambições, a ancia de saber e ganhar, fazem da vida progressiva um martyrio, uma paixão, cujas dores são o melhor e o mais saboroso fructo das conquistas obtidas. Por isso o mysticismo biblico chamou peccado, isto é perdição, aos desejos da sciencia; e o buddhismo poz no Nirvana, isto é no aniquilamento a plenitude da liberdade.

CAPITULO TERCEIRO

A circulação

I

Os vehiculos

Estudada a natureza, estudado o trabalho, como factores chrematisticos; inventariadas as riquezas, enumerados os capitaes, observado o regime espontaneo da producção — vimos as sociedades já armadas com forças novas, compostas de homens-amplificados. Vimol-as porém a ellas e aos homens como corpos isolados, isto é, de um modo abstracto. Nada existe por si, independentemente: tudo se agita e se move, tudo se penetra e se relaciona: a circulação é por isso a mais realista de todas as definições da existencia.

Chrematisticamente, a circulação affecta tres formas, apparece-nos sob tres aspectos differentes: no primeiro a translação dos objectos, no segundo a troca das mercadorias, no terceiro a permutação dos valores — desde que a sociedade inventa um denominador commum. Os vehiculos caracterizam o primeiro momento, o commercio o segundo, a moeda o terceiro — partindo do facto concreto da translação nos vehiculos, para o dinheiro que é um vehiculo abstracto.

Produzir é o primeiro acto da vida chrematistica, transportar o segundo, trocar o terceiro. A producção nunca póde ser identica ao desejo e ao con-

sumo, nem como quantidade, nem com qualidade: d'ahi a conveniencia das permutações e a necessidade dos transportes. O que abunda aqui, falta além; o que eu desdenho, deseja-o o visinho. A natureza e os temperamentos, indefinidamente variaveis, impoem á vida collectiva esta condição, e os productos circulam dentro do corpo social como o sangue nas veias do homem. A circulação é pois tão essencial ao fomento da riqueza como a producção.

As mesmas regras, portanto, que observámos na economia da producção, apparecem na da circulação. E' esta que, approximando os productos das urgencias, satisfaz os desejos, podendo assim dizer-se que, de um modo indirecto, tambem cria riqueza. Creando-a, subordina-se por seu turno ás leis da producção: quanto mais facil fôr, quanto menos trabalho exigir, e menos tempo, em summa, reclamar para vencer a distancia entre o ponto de partida e o de chegada, mais efficaç será. Por isso se diz, com fundamento, que a producção cresce na razão geometrica da rapidez da circulação.

Quer se trate da moeda, quer do commercio, quer dos vehiculos, o caso é identico, pois a funcionalidade chrematistica das tres especies é identica essencialmente. Mas como a translação material dos objectos é a especie mais rudimentar e mais simples, é n'ella que as consequencias se vêem com maior rapidez — é por essa que principiaremos.

Lembra-se o leitor do que dissemos ao registrar a efficacia dos capitaes-instrumentos, quando vimos que elles vintuplicam hoje a capacidade productora ou trabalhadora do homem? Pois na esphera da circulação em que o esforço e o resultado estão, nem podiam deixar de estar, dependentês da natureza dos meios e da instrumentalidade do ca-

pital, os resultados são ainda mais surprehendedentes.

Eis aqui uma tabella onde os números aproximados, conforme se encontram nos tratados dos especialistas (Morin, Perdonnet, Coulomb, etc.), apresentam, na primeira columna a capacidade de transporte do homem como carregador, na segunda a do cavallo, na terceira a do mesmo animal puxando um carro em estrada macadamizada, na quarta, finalmente, operando do mesmo modo sobre os carris de um tramway:

	I	II	III	IV
Carga, kilog.	65	120	1.500	3.000
Velocidade por hora, kilom.	1,7	4	5	12
Horas diarias	6	9	7	8
Percurso diario, kilom.	10	36	35	96
Transporte de kilogrammas a 1 kilom.	650	4.320	52.500	288.000

A progressão da capacidade effectiva de transporte corresponde aos seguintes números n'uma serie que tenha o homem como unidade:

$$1 : 7 : 80 : 443$$

E se quizermos completar a serie, passando dos motores de sangue aos motores phisicos — ao vapor, pois a electricidade não se vulgarizou ainda — achamos que o numero correspondente á locomotiva sobre um caminho de ferro é de 18:000, se calcularmos um comboyo de trezentas toneladas rebocado por uma locomotiva á velocidade de trinta kilometros por hora, gastando em carvão o equivalente ao sustento diario de vinte cavallos e produzindo o resultado de transporte de 108 milhões de kilogramas a

1 kilom. E' que aos capitaes successivos — cavallo, carro, estrada, rail, — é mistér juntar o capital incomparavelmente superior de um leito de rolagem exclusivo, de carris mais pesados, de obras reclamadas pelos limites de curvas e traineis, de motores complicados e vehiculos mais dispendiosos.

Para obter uma idéa aproximada das relações numericas do capital digamos que valem:

1 cavallo	50\$000	rs.	
1 » e um carro	120\$000	»	
Os mesmos	120\$000	»	} 320\$000 rs
e $\frac{1}{20}$ de kilometro de estrada	200\$000	»	
1 kilom. de tramway assente e material	4:000\$000	»	} 4:200\$000 rs.
e a estrada, como acima	200\$000	»	
1 kilom. de caminho de ferro completo			40:000\$000 rs.

E pondo frente a frente as series expressivas, achamos estes numeros:

I	II
RESULTADO-TRANSPORTE	CAPITALISAÇÃO
1	0
7	5
80	32
443	420
18:000	4:000

d'onde se vê claramente como o progresso nos resultados excede a proporção do progresso das capitalisações. D'onde se vê tambem que o transporte a vapor — quando a locomotiva, rasgando o ar com silvos de victoria, pisando o solo com um imperio absoluto, galga os valles, passa atravez das

montanhas, transpõe os continentes, communica as nações, — essa ultima maravilha da arte humana, multiplica o homem 18:000 vezes, fal-o tanto maior, mais poderoso, quanto este numero está para a unidade. Carregava sessenta kilogramas? um comboyo leva trezentos mil. Andava dois kilometros? uma locomotiva anda sessenta. O tempo cresceu trinta vezes, e a força dez mil. Se crescessem por egual o character e o amor!

Não crescem; dir-se-hia até que definham, na embriaguez na soberania. Ella embebeda como o vinho, e, se ha orgias na miseria, ha orgias maiores ainda na riqueza. Dir-se-hia que o homem fica assoberbado pelo exito das proprias obras, e que á paciencia humilde de outr'ora succede um orgulho secco e *americano*. E' que o progresso das conquistas é geometrico; e o homem ganhando mais do que suppunha e do que esperava, em vez de governar o que adquire, é governado pelo que possue. Assim acontece aos que de repente se acham herdeiros de grandes riquezas. A nossa civilisação tem os defeitos dos *parvenus*.

Olhe qualquer para traz: meça o tempo, meça o progresso. Como as conquistas se multiplicam rapidas, á maneira que as edades remotas se estendem no passado em horisontes inapercebiveis. São doze as especies ou raças naturaes humanas? são doze os momentos successivos, evolutivos, de creação de homens até se chegar ao mediterraneo? ¹ Em torno do Mediterraneo ha ainda caucasicos e bascos, ha semitas — afinal indo-europeus: pois bem, tantos estados successivos da mente humana, tantos graus de gente, tantos tempos incontaveis foram neces-

¹ V. *Elem. de Anthropol.* (2.^a ed.) pp. 176-9.

sarios para inventar esta cousa vulgar e simples a que se chama uma roda.

Não faltou quem utilisasse os animaes como vehiculo: só a gente branca soube jungil-os, pôr o estrada sobre o eixo, pôr nas extremidades do eixo rodas — e inventar o carro. Outros não passaram do trenó em que o estrada vae ensebado, escorregando sobre a neve, sobre as pedras. Outros não foram além da cavalgadura, besta de carga.

Ainda hoje o trenó, puxado por cavallos na Siberia, pelo rengifer nas regiões boreaes, é um vehiculo usual. Ainda o é o typo mais remoto em que o homem serve de motor — ou antes de freio. São assim as *teges* da Saboya e do Delphinado, e os *schlitts* dos Vosges e do Tyrol, usados na exploração das florestas. São planos-inclinados na encosta da montanha, a 9, a 13° de pendente; o leito é formado por travessas successivas em que, á frente do trenó carregado de lenha, escorando-o com as costas, o mateiro vae pondo pé depois de pé, como quem desce uma escada. Servindo-se das pernas como escóras ou escorando o trenó carregado com uma haste, já no tempo de Agricola (que descreveu o systema), já decerto muitos seculos antes, o lenhador das florestas dos Alpes explorava de tal fórma os seus bosques.

N'essas montanhas abruptas, o eixo e as rodas seriam prejudiciaes em vez de uteis, mas nos declives ordinarios do solo o grande progresso dos vehiculos está ao contrario na diminuição do attrito e na utilização da alavanca — isto é, na roda. O *plaustrum*, carro-de-bois do Lacio primitivo, consistia n'um estrada de taboas assente n'um eixo com duas rodas cheias e fixas: só muito mais tarde se conceberam os raios e as rodas moveis. Sobre o estrada collocavam os latinos um cesto de vi-

mes, como na *benna* dos gaulezes, como ainda hoje fazem no Minho para as cargas de adubos agricolas. O carro de esterco dizia-se *scirpea*; quando, em vez de cesto, havia uma caixa de madeira, *carrus* — d'onde veio o nome que nós adoptámos. Ao eixo chamavam *stridens* porque chiava ao longo dos caminhos, cantando a acompanhar os bois como ainda hoje succede nos nossos campos. O jugo primitivo, *jugum*, foi uma corda enlaçada ao pescoço dos animaes, e para atrellar os cavallo usavam a *biga* — uma barra, jungindo-os sobre o dorso. O timão prendia ao eixo e já havia freios, *sufflamina*, nos carros-de-corrída, de guerra, de triumpho, carros de rodas radiaes, tirados por cavallo velozes que de pé o romano guiava no curso excitando-os com os gritos e o açoite. A mão e a voz bastavam ao grego dos tempos remotos para guiar os cavallo; depois veio o freio, veio a redea: só na epocha de Theodosio appareceu a sella, e os frankos foram os introductores dos estribos.

O transporte em carro exige a estrada e a ponte: á cavalgadura basta um trilho, mas as rodas pedem um pavimento resistente e nivelado; o animal nada para passar um rio, mas o carro pára. Por isso os rios foram fronteiras tão bem demarcadas. A invenção do homem para os transpôr começou, como sempre, imitando, usando dos meios naturaes. Os botocudos fazem pontes-pensís de cipós. Os kasia da India transgangetica fazem pontes vegetaes vivas com a arvore da borracha: quando as vergontes estão novas, estendem-nas de um lado a outro do rio, enterrando as pontas para ganharem raizes. Outras vezes vergam os ramos das arvores das margens, enlaçam-nos, e as duas arvores crescem abraçadas formando um arco de ramagem. No

Bultistân, no Ladak, usam pontes-pensís de cabos de vimes sobre que assentam um estrado de madeira, ou a ponte consiste apenas n'um tronco de arvore passado sobre a torrente. A instabilidade, o medo, o perigo d'essas pontes primitivas, sob as quaes a agua fervendo em cachoeiras corre ameaçadora, fizeram d'este typo de obras o mytho da passagem e da prova á entrada do mundo ultratumular. ¹ A tempestade voando açoitava-as: tremiam, balouçavam-se no abysmo de guelas abertas para tragar o que se aventurava a passal-as, quando os lançoes de agua galopando torvos parece que arrastam consigo as margens, levando o mundo inteiro nos seus cachões para o destino ignoto da carreira.

Diz Isidoro terem sido os carthaginezes os inventores das estradas: quem listrou com ellas a superficie da Europa foram os romanos. Já o Perú dos Incas tinha verdadeiras pontes sobre as torrentes dos Andes; e na Europa o romano foi tambem o *pontifice* da viação. Antes de conhecer a abobada e levantar esses arcos monumentaes por onde passam ainda hoje as nossas estradas — obras a que a sciencia de dezenas de seculos nada teve que accrescentar — antes d'isso a ponte romana foi de madeira, assente em estacas: *pons sublicius*. Não duraram menos do que os arcos das pontes de pedra os leitos das estradas — tão solida, tão complexa era a sua structura. Ao centro corria o *agger* ou calçada de blocos polygonaes de silex assentes sobre tres leitos successivos: o inferior de cascalho, o medio de beton, o superior de tijolo cimentado; aos lados do *agger* seguiam dois passeios

¹ V. *Syst. dos mythos religiosos*, pp. 43-8.

para peões, bordados por um cordão de lages regulares. Pelo agger, sobre as pontes, os vehiculos mais pezados transpunham já os campos e os rios, circulando e transportando os productos de uma sociedade opulenta.

Mas no mar, sobre a agua? Não é a agua uma estrada mais facil, onde as cargas custam menos a levar pela fluidez do meio? E que fará a gente deitada pela sorte na margem alcantilada de um d'esses rios que são como mares, ou na costa abrupta de cordilheiras como as dos Andes? A agua é uma tentação e uma fatalidade. A onda é dubia, o bosque sombrio: a floresta, nos recessos da folhagem tem caça, o mar no lançol das ondas envolve peixes. Se de um lenho se faz um carro, porque se não fará um barco? Fez-se; fez-se ainda antes de se fazer o carro — transportando as arvores para as aguas, vindo a levantarem-se no seio dos portos verdadeiras florestas de mastros e vergas em que as flamulas são como azas de aves garridas em bandos, e as velas que o sol doira parecem peitos de cysnes alvissimos, curvos, flexiveis, tremendo ao vento como um frouxel de plumas.

O barco é uma ponte fluctuante, movel; o mar é uma estrada feita, indestructivel na sua fluidez. Trilhar essa estrada sobre essa ponte, eis uma das ambições primitivas da nossa especie. Nadar, como os animaes, não basta: vae o homem, não vae com elle a nossa riqueza — esses bens que constituem a personalidade economica. Nadar é um esforço violento e sob o ponto de vista chrematistico inutil: em terra, andando, ainda ás costas se carregam duas arrobas; mas na agua, luctando com um elemento estranho? Vão-se na lucta todas as forças. Se na terra o carro era um progresso, na agua o

barco era uma urgencia: por isso quasi se póde dizer não haver homens sem barcos.

De que especie? De todas as especies. Uma das mais rudimentares é o odre — uma boia. O nosso Tenreiro passou o Tigre, na sua viagem de Monfarquim da Armenia para o Cairo, n'uma jangada de odres: «muytos odres de peles de cabra, com o cabelo para fora, inchados sobre os que liam e atam madeira, que vae sustentando sobre a agua com as bocas para cima por onde os inchão, muytas vezes quando se cevam de vento, e em estas barcas ou almadias passam as gentes e bestas, e carregas, e são muito seguras». (*Itinerario*, c. xxviii) No Ladak a boia é simples: o viajante monta no odre de bufalo cheio de vento e levanta as pernas para se não molhar; o barqueiro, montado tambem, rema com as pernas e de uma pequena pá de madeira faz leme. Os abipones jungiam-se á frente de um odre e nadavam; os araucanios faziam de um couro, preso com cravos de pau nos cantos, uma caixa quadrada e aberta.

Uma taboa, um pau escavado, uma cortiça de arvore — qualquer objecto fluctuante por virtude da densidade, taes são os barcos primitivos cujo typo observamos no odre que é uma boia simples. A jangada é como um odre aberto — um couro de paus estendido e fluctuante. Obter da fórma a fluctuação, construindo barcos com substancias submersiveis, eis ahi o que não occorre ao pensamento rudo do homem primitivo. Não distinguindo ainda entre substancia e fórma, chamaria louco áquelle que lhe fallasse dos navios de ferro cujo costado revestido de couraças pesa toneladas por cada metro quadrado.

O vetka da Siberia é apenas uma taboa fluctuando como o odre abipone ou ladak; a jangada

é um aggregado de taboas, como os keleks da Mesopotamia sobre os quaes viajou Tenreiro são um aggregado de odres. As tribus occidentaes da Australia apenas sabiam cavalgar n'um tronco; no Brazil usavam «por embarcação de jangada: tres a quatro páos boiantes ligados entre si». (Vascone. *Chron.* LXXVIII) Mas do toro sae o barco desde que o escavam, assim como sae da cortiça ou do couro quando fazem com elle uma caixa. A observação empyrica ensinou o principio rudimentar da construcção naval. Os kayaks da Groelandia, as pirogas dos australios e andamans são troncos escavados; os barcos dos australios do sul são um vaso de cortiça ligado nas extremidades com o ventre escorado por antenas. A arte denuncia-se parallelamente de dois modos: rasgando o seio do tronco, ou afastando as bordas da casca. Senhor da terra, o homem estende o seu dominio á agua traiçoeira e fugaz. Os dois typos de barco — de madeira, de cortiça — observam-se na Africa e na America. Do Senegal diz Cadamosto: «Aqueles que habitam sobre este rio e alguns dos que estão junto ao mar, têm umas canôas, isto é, almadias de um páo só, as maiores das quaes levam tres ou quatro homens quando muito». (*Viagem*, 29) Do Brazil diz Magalhães que os naturaes usam de canôas «que são da casca de um páo que se acomodam muito ás ondas e são muy ligeiras ainda que menos seguras. E quando acontece alagar-se alguma, os mesmos indios se lançam ao mar e a sustentam até que a acabam de esgotar e outra vez se embarcam n'ella e tornam a fazer sua viagem». (*Hist. da Prov. de S. Cruz*, 51)

Se as proporções da jangada crescem ao ponto de se tornarem ilhas fluctuantes ou estrados collossaes, tambem a canôa ou piroga, sem perder

o character primitivo, adquire essas proporções enormes que os viajantes têm observado, principalmente na Africa: abundam ahi as arvores gigantes. Na India os catimarões, no Perú as balsas, no lago Titicaca as totoras, e os jardins fluctuantes de Cashmira e da China, e as chinampas do Mexico, assentes sobre uma grade de juncos e paus coberta de lodo, cultivados, habitados, e navegando ou fluctuando como ilhas — eis ahi os typos mais desenvolvidos da jangada. Foram talvez por outro lado os caraibas, nas suas canôas de quarenta pés, navegando no mar alto guiados pelo sol e pelas estrellas em viagens de duzentas e trezentas leguas, os que mais fizeram com as pirogas. « Vogam todos de pé, diz Cadamosto dos senegambios, tantos de uma banda como da outra e afora d'estes um demais que rema na pôpa ora de um lado ora de outro para levar a embarcação direita. Não têm toletes em que appoiem o remo, mas sómente o seguram firme com as mãos e he feito por este modo: tem uma hastea de pau, como ametade de uma lança, e na extremidade d'ella está ferrada ou atada a seu modo huma especie de bandeja redonda tambem de pau ». (*Viagem*, 58)

Eis ahi o remo e o leme: falta ainda a vela. Mas se, funcionando, a piroga é um barco, não é ainda como structura uma obra inteiramente inventiva. Escavar um pau é como abrir uma cova: o inventor da piroga é um troglodita do mar. Para haver casa, para haver navio, é mistér que o homem aprenda a articular pedras e paus, n'um systema, n'uma structura de sua invenção. Ora é isso o que se distingue para além do odre e da taboa, da piroga e da jangada: o verdadeiro rudimento da nau não se encontra em nenhum d'esses typos, vê-se na barca do fuegiano em que

ha um costado de cortiça, um cavilhame de tendões e cavernas de madeira; vê-se no uniak dos eskimós feito de ossos de baleia revestido por um costado de pelles, como um animal artificial; vê-se nas barcas primitivas dos saxonios, de taboas ligadas por vimes, cobertas egualmente de couro. São esses os typos *organicos* do navio.

São esses os typos que, pedindo tudo aos elementos vegetaes, se desenvolveram no mar da India desde a Africa ate á Polynesia, entre as raças indigenas de navegadores que têm como typo o malayo. Os das Molucas, sem saberem ser-rar, abrem as vigas em taboas, rachando-as, co-sem as taboas com liames e raizes, fazem a co-ber-ta com barrotes, calafetam com baru, um algo-dão ensopado em leite de cuquão. « As velas e sa-cos fazem dos olhos e folhas novas das nipeiras ». (*Inform. das cousas de Maluco*, 171) « Naus ha, diz Gaspar Cor-reia de Melinde, que têm o taboado pregado com pregos delgados de largas cabeças... e têm o ta-boado até onde hãode carregar e d'ahi para cima têm pannos muy grossos, mais que liteiros e brea-dos com um bitume a que chamam quil; e por cima dos pannos umas esteiras de cannas da com-pridão da nau... e nenhuma agua lhe entra. E por dentro tem, em lugar de coberta, feitas umas casas e repartimentos para as mercadorias cober-tas com ola, folhas de palmeira seccas bem tecidas que ficam a modo de telhado com aguas cor-rentes para as bandas ». (*Lendas*, I, 122) Quando o eu-ropeu — o portuguez — a bordo dos seus navios, se achava em frente dos navios indianos, via-se n'um contraste como a floresta da natureza, ex-plorada em dois sentidos divergentes, dera dois typos: o navio de madeira, e o navio de cipós e folhas — a nau e o junco. Já ambos tinham a seu

bordo a agulha: por isso elles iam desde o Zam-zibar até á China— e nós fomos desde Lisboa até onde? A toda a parte: ¹ á India e á Australia, a Borneo e ás Molucas, á China e ao Japão, á Africa e á America desde o Estreito até Labrador, com Pedralvares Cabral, Magalhães e Corte-real.

Os juncos « têm as ancoras de páos fortes e nos éxios lhe poem pedras, com que são pesadas que vão ao fundo, e tambem têm outras ancoras de pedra e de ferro que têm braços de pau que tambem são de boa tença. Trazem os lemes atados ás naus com cordas da parte de fóra ». (G. Corrêa, *Lendas*, I, 123) Remos, leme, velas, ancoras— eis o apparelho do navio articulado e coberto. Era assim a nau dos phenicios, dos carthaginezes e dos romanos, typo sobre que se desenvolveu a marinha moderna europêa.

A marinha dos romanos já separava os navios de combate dos de commercio, combinando porém ainda, como até epochas recentes, a vela com o remo. O *actuarius* era a nau de vela e remo para batalha, a *oneraria* para transporte. Em ambas havia cabrestantes, *ergata*; ancoras, que depois de serem uma pedra, um garfo de pau, foram de ferro bidentadas como as modernas; *contus*, croques para os barcos levados á vara; lemes, *gubernaculi*, a principio uma pá larga, como o dos senegambios, e depois munidos de cana. Mas ao lado das naus de combate, com remos, torres e rostos, com os dois lemes e velas, observava-se ainda o rudimento dos navios no *alveus*, no *linter*, na *scaphula*, as pirogas primitivas escavadas, e no *carabus* que era,

¹ V. *Civil. iberica* (2.^a ed.) pp. 215-27; *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) I, pp. 289-93, e *O Brazil e as colon. port.* (2.^a ed.) pp. 1-6.

como o *coracles* gaulez, um barco de vimes coberto de couro cru.

Eis ahí os momentos successivos da historia remota da marinha. Se os romanos construíram as suas pontes e estradas monumentaes, a circulação naval não cedia entre elles o passo á terrestre. No tempo de Augusto uma nau trouxe do Egypto o obelisco ainda hoje visível em Roma, e mais quatrocentos mil alqueires de trigo e mil e duzentos passageiros. Luciano falla de um navio capaz de carregar todo o trigo que a Attica importava n'um anno. No tempo de Platão a circulação de viajantes era tal que a passagem de Egino a Athenas não custava mais de dois obulos (54 rs.). Uma familia inteira, com bagagens, navegava do Egypto ou do mar Negro ao Pyreu por duas drachmas (359 rs.). Já no tempo dos imperadores os pthisicos de Roma iam invernar ao Egypto. Governando Ptolomeu, vieram a Roma por mar elephantes e rhinocerontes. Por terra, as estradas eram taes e a viação tão rapida que o general Cesario pôde ir de Antiochia a Constantinopla, mais de cento e vinte milhas geographicas, em cinco dias.

Isso tudo é nada, porém, hoje que o caminho de ferro vae de Nova York a S. Francisco em oito dias, e que os *steamers* transatlanticos fazem a travessia de Inglaterra á America no mesmo tempo; hoje que uma locomotiva arrasta centenas de toneladas a velocidades de dezenas de kilometros por hora, e que um vapor pôde com tres, quatro, cinco, dez mil toneladas de carga e marcha a razão de vinte milhas. Como n'uma caldeira, onde a agua leva tempo a aquecer, e, quando a ebulição começa, a temperatura sobe galopando: assim a circulação, obscuramente lenta emquanto progride rudimentarmente, ferve agora n'um cachão vertiginoso.

Estudámos os vasos da circulação chrematistica: é necessario que estudemos agora o sangue, vendo-o circular, affluindo na fórma de productos para os centros mercantís — essas feiras que na economia da riqueza são como os pulmões e o coração na economia do corpo. Ahi os productos congregados como que recebem o contacto do ar, para se distribuirem capillarmente pelos seus destinos varios. O commercio é um aparelho aspirante e premente: é o instrumento da distribuição chrematistica.

II

O commercio

Permutar os productos sobrantes, trocar o que nos falta por aquillo que falta ao proximo— eis a funcção do commercio. Se o acto de produzir é o radical ou primordial em chrematistica, o de distribuir os objectos produzidos em razão das necessidades, individuaes dentro de um povo, collectivas de nação para nação, sendo secundario em categoria, não é menos grave em importancia practica.

Só o commercio permite que a producção se alargue. Sem troca, não se amplifica a área do consumo. Quem produz apenas aquillo de que necessita, produz pouco e não enriquece. E se um homem, ou um povo, nada vende ao proximo, nada poderá haver d'elle n'essas especies de que o lugar onde vive fôr desprovido. Os desejos circumscrevem-se, a producção limita-se, a sociedade não se desenvolve. Aqui abunda o cobre, além o estanho: a metallurgia de cada lugar, restringida pela efficacia de cada um d'esses metaes, expandir-se-ha quando as sobras se trocarem, accrescendo a isso que da troca nascerá um metal novo, uma *liga*— o bronze.

O commercio, na sua fórma elementar e primordial da troca, fórma d'onde nascem todas as successivas, é pois fecundo por dois modos. Nivelando a distribuição dos productos de um modo que corrige

a natureza á maneira do que o engenheiro faz com as terras de uma trincheira quando as applica para formar um aterro, dá tambem lugar a combinações e producções que não existiriam se aos productos naturaes de um lugar se não juntassem os estranhos. Estabelecido artificialmente, ou por industria humana, o nivellamento dos productos, dá-se como que uma cheia: as ondas da riqueza sobem. Satisfeitos os desejos primarios com o que a terra deu, satisfazem-se novos desejos com o que vem de terras estranhas, em troca de productos que vão lá fóra desempenhar um papel identico.

Por isso o commercio surge com as alvoradas da civilisação; por isso não se concebe sociedade sem commercio entre individuos, nem progresso sem commercio entre sociedades. A' propria palavra se dá um valor generico, absolutamente exacto: chama-se commercio a toda a especie de relações. O commercio das idéas, dos sentimentos, dos affectos e dos odios, é precisamente como o dos productos. Ora se, sem relações, contacto e penetração entre homens e entre povos não ha sociedade nem civilisação, esses actos que se referem a especies moraes e juridicas não podem deixar de referir-se tambem á especie chrematistica correspondente. Commercio póde ser pois tambem uma definição da sociedade.

Praticamente, é mais do que isso: é a propria formula da socialisação. Antes que os povos permutem instituições, lingua, invenções e idéas, antes de permutarem o quer que seja, permutam objectos ou productos. Com o objecto vae o vendedor: o producto é o medianeiro de relações que o tempo aprofunda e expande. Disse Montesquieu que o commercio e a guerra operavam de modo opposto: que o commercio modera os instinctos bellicos, acordando no homem os instinctos de equidade e bonhomia.

Não é todavia assim, ou antes a idéa que o grande jurista fazia da guerra era incompleta. Commercio e conquista procedem identica e parallelamente: são duas fórmulas ou dois aspectos do movimento de expansão e penetração das sociedades. A guerra é em si protectora e iniciadora dos fracos na superioridade dos fortes; ¹ o commercio acorda sem duvida a equidade, mas tambem a cubiça. Dos innumerados motivos que têm provocado guerras, o commercio é talvez o mais eminente. Foi o motivo das nossas grandes emprezas militares do Oriente. ²

A conquista e o commercio são as duas formulas de expansão social, quer na esphera juridica, quer na esphera chrematistica. Por isso ha mais um traço ainda que os assimila. A guerra produz os heroes, o commercio os especuladores — no sentido scientifico da palavra. O grande commerciante e o grande capitão estão ao lado, quando se não resumem n'uma mesma pessoa — por exemplo, Annibal e a familia soberana dos Barca, ³ ou o patriado das republicas italianas da Edade-media, ou a nossa dynastia de Aviz no seculo de 500. ⁴ Avasallar com as armas um territorio e impôr-lhe o seu dominio, equivale a monopolisar com a bolsa um genero para o distribuir por venda, especulando. A historia — esse periodo em que tudo se faz pelas individualidades — é a epocha dos guerreiros e dos commerciantes. As guerras e o commercio são anonymos e collectivos nos periodos pre-historicos e nos scientificos ou criticos.

No commercio vê-se pois o que se vê na guerra: a amplificação de individualidades como processo

¹ V. *Instil. primitivas*, pp. 253-8. — ² V. *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) I, pp. 236-40. — ³ V. *Hist. da civil. iberica* (2.^a ed.) pp. 1-4. — ⁴ V. *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) II, pp. 17-25.

da expansão social. Entre a rixa dos povos selvagens e as guerras dos nossos tempos estão as campanhas dramaticas dos tempos historicos, assim como entre os escambos primitivos e as trocas directas de productos e consumidor, trocas proprias dos periodos industriaes em que nos achamos, estão as aventuras e especulações dos capitães da mercancia.

Herodoto contou das relações entre os carthaginezes e os negroides do Niger um caso que Montesquieu reproduz e que o nosso Cadamosto refere *de visu*: o modo de vender o sal entre os negros azenegues. «Chegando pois áquellas aguas, guardam esta maneira: todos aquelles de quem é o sal fazem d'elle montes alinhados, marcando cada um o seu, e depois de feitos os ditos montes todos os da caravana voltam para traz cousa de meio dia de caminho, depois vem outra tribu de negros que não se quer deixar ver nem fallar, em umas barcas grandes que parece saírem de algumas ilhas: abordam em terra, e visto o sal, poem uma quantidade de ouro defronte de cada monte e voltam depois para traz, deixando o ouro e o sal; e logo que partiram vêm os negros do sal e se a quantidade de ouro lhes agrada tomam-no e deixam o sal, e se não lhes agrada deixam ambas as cousas e tornam novamente para traz; e depois vêm os negros do ouro e aquelle monte que acham sem elle levam-no, e nos outros tornam a pôr mais ouro, se lhes parece, ou deixam o sal. D'este modo fazem o seu contracto sem se verem nem fallarem uns aos outros, por um longo e antigo costume». (*Nav. de Cadamosto, na Coll. de Not. II, 26-1*)

Para obter uma noção do commercio rudimentar primitivo, não póde haver melhor exemplo: é a troca directa de objectos, sem haver sequer ainda

o *commercio* das pessoas. A transacção é muda — ou antes, fallam chrematisticamente os productos com os productos, o ouro com o sal. Que dizem? Debatem entre si a equivalencia das quantidades, apreciada pela abundancia e pela escassez reciprocas; e para além d'esses debates mudos, vêm-se fusilar os olhos dos negros desejando, estes o sal, aquelles o ouro. Para os primeiros, o sal é demais, para os segundos o ouro: de que lhes servem? Trocam-nos, pois, e assim dão prestimo a cousas inuteis. Eis ahi como o *commercio*, por si só, pelo facto simples da troca, é tambem creador de riqueza; da mesma fórma que vimos serem-no os vehiculos, não como capitaes-instrumentos, mas como agentes.

Combine-se adequadamente a circulação cômmercial dos productos com a utilização dos vehiculos, e a riqueza, generalisada, nivellada, distribuida em área, ou geographically, cresce de um modo imprevisto. Adquire além prestimo o objecto que aqui o não tinha; e combinando-se em todos os lugares todos os productos, surgem productos novos, indefinidamente multiplicados em razão da multiplicação indefinida dos desejos.

Ha cavalgadas e carros sobre caminhos trilhados, barcos sobre agua onde navegam; ha feiras e mercados onde cada qual leva o que lhe sobra para trazer o que lhe falta. Eminentes em tudo o que diz respeito ao desenvolvimento organico das sociedades, os romanos foram os primeiros a considerar a proximidade de um rio como requisito para a fundação de uma cidade. Articulavam a arteria ao pulmão; e dos rios, anteriormente explorados apenas como irrigadores, segundo a regra do Nilo, do Tigre e do Euphrates, fizeram elles as maiores e mais vastas das suas estradas. Uma cidade e

um rio, um mercado e um caminho — eis o systema vascular da circulação chrematistica.

Já as trocas se não fazem na solidão muda da praia; já os homens não fogem medrosos de commerciar. A feira é uma assembléa onde o povo inteiro se reúne. A feira é um tribunal e uma arena. A vida moral, juridica e religiosa gravita em torno da vida chrematistica. Quando se troca, julga-se e resa-se. Os mercados são romarias, são festas nacionaes.

Cada semana em Roma havia mercados, *nundinae*, mas as feiras, *mercatus*, — esses congressos commerciaes dos povos vizinhos, que se mantêm no regime das nações ainda ao lado de usos a que uma circulação mais intensa dá, ao depois a primazia; essas reuniões periodicas de povos barbaros, ¹ que a civilisação vem a tornar permanentes nas cidades; essas assembléas que tendem a renascer hoje, amplificadas, universalisadas, com as grandes «Exposições» — as feiras, dizemos, enraizavam-se nas memorias mais remotas dos povos italiotas, associando-se por toda a parte ás festas nacionaes.

Em Roma, a feira de 13 de agosto era a occasião das festas federaes do Aventino: reuniam-se ahi os representantes da Italia inteira. Na Etruria congregavam-se em torno do templo de Voltumna. Mas a mais importante das feiras italianas era a de Soracta nas alamedas de Feronia, sobre a montanha que se destaca sosinha no valle do Tibre á raia da Etruria e da Sabina, nas vizinhanças do Lacio e da Umbria. Ainda os navios gregos e phenicios não sulcavam o mar occidental, quando já em Soracta as tribus italianas vinham trocar os

¹ V. *Instituições primitivas*, p. 181.

productos das suas lavouras: traziam grãos, metaes, escravos e gado; e as trocas referiam-se ao gado, na ausencia de moeda: dez carneiros equivaliam um boi. Depois, aos generos agricolas e mineiros foram accrescendo as manufacturas, e aos productos indigenas os forasteiros, á medida que os navios estendiam os suas viagens e os mercadores a área das suas explorações. Ao lado dos grãos e dos gados, via-se a ourivesaria de Babylonia com os seus emblemas mysticos de leões alados; viam-se os vasos esmaltados do barro verde do Egypto, com fórmulas singulares e desenhos mysteriosos. Havia as caçoletas de alabastro do Oriente e os ovos de abestruz com pinturas de grifos e esphinges; havia os rosarios de contas de vidro e ambar, os tecidos de linho, as purpuras, os marfins e o incenso e os couros celebres da Grecia. Todo o Oriente contribuia para satisfazer o luxo de uma nação já culta e ainda opulenta: a Italia dava em troca os metaes das suas minas, os escravos capturados nas suas victorias, as madeiras da Gallia umbrosa e do Apennino; dava o ambar que lhe vinha por terra do Baltico, e dava ainda grãos porque ainda a distribuição da riqueza, o monopolio da terra e o desvairamento da economia social se não tinham denunciado.

Olhando para o Oriente já em decomposição, Roma tinha por Occidente os povos ainda barbaros que explorava e protegia assimilando. Quando nas feiras romanas o esplendor dos objectos de luxo, purpureos e rutilantes, se engastava no fundo monotono dos rebanhos agglomerados e dos cereaes expostos, ainda as feiras do Occidente, na Gallia, na Hespanha, na Bretanha, na Irlanda, tinham um character primitivo ou antigo. Eram ainda romarias e assembléas nacionaes.

As feiras, «ôenach», diz Jubainville, eram uma das instituições mais importantes da Irlanda remota. A sua organização tomava por base a divisão do anno celtico e a celebração d'essas festas pagans a que anda associado o nome dos druidas. As de Belltené, ao abrir do verão, as de Lugnasad ao acabar, as do outomno, Samhain, marcam as datas das «ôenach» mais importantes — romarias, parlamentos, tribunaes, jogos, a um tempo, gravitando em torno do commercio. A grande feira da Belltené fazia-se em Uisnech, junto ao palacio do rei supremo da Irlanda, congregando as tres raças de homens livres que entre si dividiam a ilha de Erin. Uisnech era o centro, a capital, em que um marco de pedra indicava a convergencia das grandes linhas divisorias do paiz; chamára-se Midé, do nome lendario do primeiro irlandez que accendera o lume sobre a collina, creando um fogo que ardeu sete annos e do qual nasceram todos os fogos da Irlanda. Sobre essa montanha do lume reuniam-se os productos na ôenach; e o fogo, symbolo ou alma crepitante no lar, o fogo, semente da riqueza, era tambem a semente do direito — como por toda a terra de aryanos.

A' feira da Belltené, em Uisnech, vinham as casadas de um anno buscar novos maridos, e era ahi que o rei fazia o recrutamento das tropas. A feira da Lugnasad reunia-se em tres lugares: em Tailtin, no reino de Midé ou central, em Cruachan no de Connaught, em Carman no de Leinster, umas vezes annual, outras triennialmente. Em Tailtin estavam os tumulos dos primeiros reis do Ulster, e a feira, com as suas corridas, os seus jogos, os seus amores, as suas sentenças, o seu commercio, era um culto á memoria dos mortos. As corridas e os contractos, a vida na sua dupla affirma-

ção positiva, era uma consagração da morte. Amava-se, jogava-se, vendia-se, sobre os tumulos. Vinham os poetas e os sabios da *filé* contando, cantando sagas, canções e hymnos; os musicos, dedilhando na harpa acompanhavam as vozes, e ao longe em côro sussurrava a gente comprando gado, grãos e esposas. Para um lado ficavam as tendas dos banquetes, para outro os rebanhos, para outro as lojas dos tecidos e bijuterias. No centro, o rei-supremo á mesa do banquete vasava nas malgas dos reis subalternos a cerveja, *cuirn*, espumante; ao lado os sabios estudavam as demandas e os crimes, ouvindo as queixas e as defezas; pelas encostas, mais ao longe, viam-se de uma banda as corridas e o tropear surdo dos cavallos, da outra as mulheres sentadas cosendo, fiando. «Oenach», a feira, cantava o poeta ao som da harpa, quer dizer banquetes e vestuarios garridos, leitos sumptuosos, cerveja e bons pratos de carne, jogos, prazeres, amores!»

Na feira vê-se a mobilidade da vida chrematistica; passada a semana das trocas, volta a produção obscura a funcionar pelos campos, pelas officinas. Assim tambem, durante um anno, a natureza elabora os fructos: vem o dia da vindima, vem a festa do vinho-novo! O mosto borbulha fermentando, e como que faz explosão n'um instante o trabalho accumulado por tanto tempo. Na alegria da colheita vimos bebado o selvagem provando o vinho: não é tambem uma embriaguez a feira— a orgia do commercio, a vertigem da circulação? Acabaram os trabalhos de um anno, deu a terra o seu producto— folguemos! diz o lavrador. Acabou-se a jornada, terminaram as fadigas: estão os saccos e os fardos, estão as rezes e as cargas expostas— quem vem? quem quer? A faina

é alegre, vender é gozar. Trocou-se; acabou-se a empreza: folguemos! diz o commerciante. A pobre humanidade carece de esquecer, terminada uma jornada, os passos dolorosos do caminho.

Nós também, antes de progredirmos, necessitamos parar a meditar um pouco. O azenegue põe o ouro ao lado do sal, vem o outro e não toma ou toma o ouro, vem depois o primeiro, e, ou põe mais ouro, ou deixa o sal retirando com o ouro. Porque motivo, ao trocar uma cousa, se quer, umas vezes mais, outras vezes menos, da outra cousa por que se troca? Não retira da feira mais de um sem comprar, muitos outros sem vender? Porque?

Eis-nos agora, não embriagados, mas estonteados com as subtilezas escolasticas da economia-politica. Smith, o grande compendiador de observações que nem elle nem os que foram dirigindo a sua herança poderam ainda constituir em sciencia — Smith, dizemos nós, notou que as cousas tinham duas especies de valor: um de uso, e outro de troca. Nada ha porventura mais valioso, no uso, do que a agua; poucas cousas haverá que valham menos para a troca. D'ahi a eschola, deitando-se a dissertar no vazio, passou a encastellar definições do Valor — procurando caracterisar com traços de realidade uma pura noção abstracta. Não ha Valor: ha cousas que valem mais ou menos, de um ou de outro modo. O valer, propriedade de certas cousas, em dadas condições, caracteriza os objectos na sua relatividade. As cousas valem porque são appetecidas, e só se appetece aquillo que custa a obter. D'ahi vem o ser o trabalho, não a origem, mas a condição imperscriptivel da riqueza: o que nada custa, nada vale. Quanto valerá o ar, se nós encontramos n'um campo, ou a agua á borda de um rio?

Mas se nos encontrarmos no fundo de uma mina, ou dentro de um tubo escavando o alicerce dos pilares de uma ponte; se nos acharmos n'uma charneca arida e secca no meio de um dia abrasador, nada valerá tanto para nós como uma gota de ar ou agua — não é assim? O valor das cousas vem pois da sua urgencia, ou do grau de desejo com que as queremos, combinado com a abundancia relativa d'essas mesmas cousas. Isto assente, que differença póde haver entre o valor-de-uso e o de troca? Nenhuma, essencialmente.

Entretanto, na realidade complexa dos factos chrematisticos, distinguem-se praticamente essas duas condições ou propriedades das cousas que a analyse reduz á unidade. Não é, decerto, o trabalho que *cria* a riqueza: elle não póde pois ser o metro do valor nem da utilidade do producto; mas o trabalho é condição indispensavel da criação de productos, e por isso os objectos serão por via de regra mais raros (e por isso mais caros) quanto mais trabalho custarem. O trabalho não póde, por si, influir no apreço ulterior das cousas: a industria é prospectiva e não retrospectiva, conforme diz Jevons. Quando me encontro perante um objecto para o comprar, não curo de saber quanto trabalho se consumiu para o produzir: tenho apenas presente o meu desejo perante o desgosto da desistencia que faço d'aquillo que hei de dar em troca. Mas, por outro lado, é facto que, se eu apreciar o objecto em menos do que aprecia o seu trabalho aquelle que o produziu, esse objecto será vendido com perda, e o productor não repetirá o fabrico. Assim, o trabalho, sem propriamente determinar o valor das cousas, determina a abundancia ou escassez da offerta dos productos.

Determinando a offerta, determina a procura,

pois estas duas expressões são apenas duas faces, objectiva e subjectiva, do acto de troca. Não póde haver offerta sem procura, nem vice-versa. Procurar o que ninguem offerece, é procurar o que não existe; offerecer o que ninguem procura, seria proprio só de tolos — e esses não contam nas considerações da sciencia. Ha pois alternativas, ha variações entre a offerta e a procura: não póde dar-se uma operação, sem que ao mesmo tempo se dê a outra. O valor das cousas formúla-se n'este acto que obedece, de um lado á somma dos desejos, do outro á somma dos esforços. Ora as cousas só são desejadas quando não abundam, e só quando são escassas custam a obter; e por isso as cousas só têm valor quando se encontram n'estas condições.

Chrematisticamente, o ar que todos livremente respiramos não é uma riqueza: só o será, adquirindo para logo valor, quando escasseie ou falte, sendo necessario injectal-o por uma bomba pneumática. Quer dizer isto que as cousas superabundantes não são *uteis*? Não; se dermos a esta palavra um valor generico. Mas o facto da utilidade das cousas, como o ar sobre a face da terra, ou a agua á borda de um rio, o facto da utilidade em si, não basta para constituir riqueza. Toda a riqueza é util, mas nem toda a utilidade é riqueza; todos os productos venaes são uteis, mas nem todos os objectos uteis são venaes. Um jazigo de hematita é indifferente para gente desconhecedora da metallurgia; aprenda-se porém a fundir o minerio, e o jazigo torna-se util, sem todavia adquirir valor, emquanto o minerio fôr superabundante; comece a escassear, principiando a conceber-se que se esgote o deposito: desde logo se valorisa. Quer-se um exemplo inverso? Temos um pão: nada vale

mais no dia de um homem; chega-se a dar por elle todo o nosso trabalho; mas offereça-se-nos um segundo pão, um terceiro, um quarto, um quinto, e ver-se-ha como o que vamos dando sempre por esses pães successivos é successivamente menos. Assim, as cousas mais indispensaveis ou mais uteis perdem de valor com a abundancia; e do mesmo modo outras cousas, de inuteis, se tornam apreciaveis com o progresso dos conhecimentos e dos desejos, valorizando-se com a escassez á maneira de tudo o que, sendo util, era superabundante. A offerta e a procura, ou antes o desejo e o trabalho, são pois os factores exclusivos do valor das cousas, quer no seu uso, quer na sua troca.

Aproximar os desejos dos esforços, unificar as faces do acto essencial do dynamismo chrematistico, eis ahi a funcção do commercio. Pondo frente a frente o vendedor e o comprador, indica ao trabalho o destino proficuo da sua acção, ao mesmo tempo que aguça o desejo de adquirir, ou satisfaz as necessidades urgentes da conservação. Pára aqui a efficacia instrumental do commercio? Não; ao mesmo tempo que é medianeiro, é iniciador. Em cada feira, em cada exposição, em cada viagem, se compra e vende, se aprende e ensina: é por via do commercio que principalmente se propagaram os conhecimentos nas edades remotas em que os homens se desconheciam ou viviam demasiado afastados. Cadamoto conta da Senegambia o seguinte: « Tambem se admiraram muito de ver arder de noute uma vela sobre um castiçal, pois naquelle paiz não sabem fazer outra luz senão a do fogo ordinario... Tendo eu comprado a um d'elles uns poucos de favos, lhes ensinei como se extraía o mel da cera: e depois lhes perguntei se sabião que cousa era aquella que restava do favo, ao que me

responderam que era cousa que não valia nada: então na sua presença lhes fiz algumas velas e lhas accendi, vendo o que ficaram muito admirados, dizendo que todo o saber das cousas estava em nós, christãos». (*Naveg.* 42-3)

III

A moeda

Na praia solitaria dos azenegues vimos oppos-
tos, para troca, um monte de sal e outro de ouro :
teriam esses negros moeda? sel-o-hia esse ouro?
Não. Era uma mercadoria, ou um producto : as duas
especies apenas se distinguiam em ser o sal um
alimento e o ouro um adorno ; um destinado á co-
sinha, outro a collares, manilhas, anneis, d'essa
gente conhecida pela delicadeza e pela arte da sua
ourivesaria. Os do Achanti, de Dagumba, desde
a Guiné até Timboctu, fabricam filigranas precio-
sas ; os moluas são lapidarios. A ourivesaria é das
artes mais remotas.

O uso do ouro, da prata e do cobre como
adornos é primitivo n'esses metaes, ulteriormente
adaptados ao serviço de moeda. A preferencia
que se lhes dá vem da raridade relativa, da du-
ração, da consistencia : feito anel, o ouro é um
enfeite ; o possuidor d'essa joia tem comsigo um
capital-sobra consolidado, de que em occasião op-
portuna ou urgente usará para obter por troca ou-
tros objectos desejados. Por isso em todos os povos
rudos o ouro é ao mesmo tempo joia e peculio : de
quantas afflicções não livra, n'um momento critico,
o cordão-d'ouro que as mulheres do nosso campo
guardam na sua arca? E nas cidades ainda, onde
os usos se modificam sem se alterarem na essencia,

não se vêem nos monte-pios as estantes carregadas de relógios e cadeias, de brincos, pulseiras e collares que acodem aos janotas e ás mundanas em apuro? Sómente o povo pelos campos thesaurisa consciencientemente, e nas cidades o luxo apenas pensa no thesouro quando as circumstancias obrigam.

Ora se o ouro, depois de manufacturado, ganha este papel, percebe-se que já o homem semi-selvagem tivesse o pensamento de o enthesourar tambem no estado de materia-prima: em pó. Assim é, com effeito; nem a especie trocada por sal na costa dos azenegues eram cordões, manilhas ou anneis: era esse ouro-em-pó africano que tantas cubiças excitou no XIV seculo. Guardado em bruto, ou fabricado, a sua efficacia, o seu *valor*, eram essencialmente os mesmos. Inalteravel e como que eterno, continha em si a virtualidade dos objectos fungiveis de consumo. Esta propriedade adquirida da sua escassez e do apreço que o homem lhe deu entre os varios metaes mais ou menos egualmente indestructiveis, reservava o ouro, e em menor escala a prata, para um destino singular e unico.

A prata é relativamente abundante e obtem-se por menor preço. Apparece mineralisada pelo enxofre e pelo chloro; acha-se em liga com o chumbo e o estanho, e, nativa, em pequenos cristaes cubicos e octaedrios, ou em laminas foliaceaes e em filamentos. Téem-se encontrado pedaços de vinte, sessenta, até cem kilogrammas. O ouro encontra-se metallico (o chlorureto aureo é rarissimo), puro umas vezes, outras alliado a uma pequena porção de prata. Mosqueia os filões de quartzo em pequenos cristaes diversamente agrupados, em filamentos, laminas, pepitas ou grãos; mas a sua grande proveniencia está nas areias de transporte, revolto, extraído já, depois da natureza ter desempenhado

o trabalho duro de o desagregar da rocha e de o lavar da ganga.

Essa poeira fulva, cirandada nos areaes dos rios, é o thesouro do selvagem. Funde-se em barras? é a proto-moeda dos povos barbaros, que já, com a multiplicidade das trocas, reconhecem a conveniencia de usar de um denominador commum do valor das cousas. Antes do ouro se tornar moeda, houve moedas de infinitos generos, conforme vamos ver. Mas, quando a noção de moeda se formúla, dá-se um passo novo no desenvolvimento da circulação cujos momentos successivos são estes:

I

ESCAMBO

ou troca simples

$$\begin{array}{l} A \text{ (prod.)} = B \text{ (prod.)} \\ B = A \end{array}$$

II

TROCA

$$\begin{array}{l} A \\ \text{(prod.) } B \\ C \end{array} \left\{ = D \text{ (denominador)} \right.$$

III

COMMERCIO

ou troca por via de moeda

$$\begin{array}{l} A \\ B \\ C \\ D \end{array} \left\{ = M \text{ (moeda)} \right.$$

N'este ultimo momento, em que o valor de todas as cousas se refere a um padrão fixo, a circulação

adquire uma intensidade imprevista, correlativa á constancia das relações: ha um metro commum para todos os objectos, um typo de valor abstracto pelo qual tudo se mede. Chamámos aos vehiculos, na circulação da riqueza, vasos como os da circulação do sangue, dando este ultimo nome aos productos: pois no sangue-riqueza, e em suspensão no plasma liquido e fluido dos objectos, a moeda póde dizer-se que representa o papel dos globulos córantes e dos infusorios que animam, agitam, e ruborescem o sangue animal. Sem determinar a circulação, sem constituir a riqueza, pois esses dois phenomenos elaboram-se no *coração* onde operam como valvulas os desejos e o trabalho, a moeda, em suspensão na somma circulante dos productos, accelera-lhes o movimento, dando-lhes vida e côr d'uma intensidade sem precedentes.

Essa moeda-typo que caracteriza os periodos centraes da historia é a metallica — o ouro, a prata, o cobre, cunhados. Depois, a invenção humana progride libertando, mobilizando ainda mais as relações: prescindindo dos metaes quando cria a moeda fiduciaria. Mas uma tal concepção não nasce espontaneamente: reclama o desenvolvimento prévio do credito, assim como a invenção do vapor ou da electricidade reclamaram a constituição prévia da phisica. São invenções da civilização, e não productos da inconsciencia espontanea. Se ha esphera em que se possam marcar os limites da pre-historia e da historia, das creações espontaneas e das reflectidas, é este. Quando, no desenvolvimento dos ensaios successivos, um povo chega a cunhar moeda, abre-se para elle uma edade tão nova, tão diversa, como quando redige o primeiro codigo. A moeda e as leis são o attestado da virilidade collectiva. Acabam-se então os periodos da infancia com a

sua indecisão inconsciente e poetica: foram-se os usos na jurisprudencia, e na chrematistica os valores, *usuaes* tambem, do boi, do cavallo, do escravo.

Eis ahi os typos principaes das proto-moedas barbaras. Porque são esses e não outros? Porque são os mais constantes e geraes, n'uma sociedade pastoril, ou entre pastora e agricola. Haja outros objectos dotados de taes propriedades, e ver-se-hão exercer o papel de moeda. Assim, nas colonias inglezas da America, era moeda no seculo XVII o tabaco a razão de tres shillings o arratel; era moeda o trigo, e para os trocos servia o wamponpig tão querido dos indios. N'essas colonias onde, como em todas, se reproduziam os casos pre-historicos, juntava-se á escassez de metaes a escassez das mulheres que se compravam, ao chegarem da Europa, a razão de cem a cento e cincoenta arrateis de tabaco.

Nos *resgates*¹ com os negros africanos, ao tempo das nossas viagens e catastrophes de que a *Historia tragico-maritima* é um documento tão vivo, a moeda preferida pelos cafres eram os pregos e cavilhas de ferro dos navios — coisa rara para elles. No centro da Africa o ferro exerce a funcção de moeda, e Schweinfurth viu entre negros cannibaes o uso da carne humana. A raridade ou o apreço, a generalidade ou a constancia, eis as qualidades que, isolada ou combinadamente, dão a preferencia a um objecto para denominar o valor de outros. «N'esta terra de alarves, diz Cadamosto, não se bate moeda alguma, nem usam d'ella, nem tambem em algum outro lugar pela costa adiante; mas todo seu trafico he trocar cousa por cousa, ou duas cousas por uma, e por este modo he que vi-

¹ V. *O Brazil e as colon. port.* (2.^a ed.) p. 6.

vem. Verdade é que ouvi que pela terra dentro estes azenegues e ainda os arabes em algumas povoações suas usam de conchas brancas d'estas pequenas que vêm de Veneza pelo Levante e dão certo numero d'estas a seu modo, conforme as cousas que têm a comprar». (*Naveg.* p. 23)

A moeda normal dos povos barbaros pastores é o gado — e os escravos que não são outra coisa. *Pecunia-viva*, disse-se d'elles na nossa Edade-media. «*Pecunia*», dinheiro, na linguagem dos romanos, vem de «*pecus*», gado. «*Fee*» em inglez significa honorario, «*fâ*» e «*fe*» em islandio querem dizer riqueza: as duas palavras vêm de «*vee*» ou «*vieh*», gado. «*Rûpya*», em sânskrito, vem tambem de «*rûpa*», gado. As primeiras moedas metallicas dos gregos tinham como signo um boi ou um carneiro. Na *Ilíada*, Glauco, inspirado por Jupiter, troca as suas armas de ouro «do valor de cem bois» pelas armas de Diomedo que eram de cobre e só valiam nove. No acampamento, cercando Troya, ainda a noção de moeda é indecisa, e os soldados compram o vinho de Lemnos, dando cobre, ferro, escravos ou bois. Entre os cafres pastores, tudo se faz por gado: com elle o chefe paga os serviçaes, com elle os vassallos os seus canons, com elle os nubentes compram as esposas e armas, instrumentos de independencia. No codigo de Brehon, as rendas, as multas, os direitos, os preços, são todos calculados em moeda-viva, nos seus dois typos: «*cumhal*» e «*sêt*». O *Senchus Môr* diz que o «*sêt*» é uma rez de qualidade media, e o «*cumhal*» uma escrava, ou tres vaccas, ou seis «*sêt*».

Nas civilisações do Oriente não se attingiu a descoberta da moeda cunhada — do numerario, essa invenção eminente dos greco-latinos. Ha objectos preferidos, chega a haver productos exclusivamente

escolhidos para o officio de denominadores : ha pois uma proto-moeda que, todavia, não perde o caracter proprio das mercadorias na troca simples, isto é, a verificação do valor no acto. Gaspar Correia diz da Abyssinia que não usam moeda metallica : trocam fazendas por fazendas e dão ouro por pezo ; «em algumas partes fazem pães de sal que se não desfazem, da grandura de um ladrilho e que correm por moeda : são marcados, porque se saiba que são do peso, e ha meios, quartos e meios quartos». (*Lendas*, II, 1. p. 75) No velho Mexico usavam favas de cacau, ouro em pó mettido em canudos de penna, e peças de cobre triangulares ou discos de estanho. Do Pegu conta Fernão Mendes Pinto que «não ha moeda de prata nem de ouro, mas por pesos de cates, taeis, maazes, e conderins, se negoceia toda a mercadoria». (*Peregrinações*, III, 6) Os nossos exploradores das Molucas dizem dos indigenas : «Não têm moeda salvo hua a que chamam *pipe* e o Malayo *cazze* ; nós dizemos *caxas* que são de metal (cobre) fundidas do tamanho de grandes ceitis, com letras de uma banda e nada da outra ; redondas, com um buraco quadrado no meio, pera as enfiarem em numeros da quantidade dos nossos : são fundidas de boa feição, vieram ahi acaso da China, e por haver já muito tempo são muito gastadas». (*Not. das cousas de Maluco*, na *Coll.* IV, pp. 155-6)

D'estes textos inferimos duas noções : a de ouro pesado e medido por taeis, etc., isto é, graduado em quantidades fixas para servir nas operações ; e a de trocos em *sapecas* estampilhadas. As duas propriedades da moeda-numerario apparecem já destacadas, mas nem a China, especie de Roma do extremo Oriente, pôde combinal-as, fazendo para o ouro o que fazia para os trocos, mantendo uma relação fixa, *media*, entre o valor legal da moeda-ouro

e o valor venal do ouro-mercadoria. Na China não ha moeda de ouro nem de prata, refere Gaspar da Cruz: ouro e prata correm a peso. (*Tratado*, etc. xi) Ainda hoje, diz o padre Huc, não existe na China outra moeda legal além de pequenas peças redondas fundidas, de uma liga de cobre e estanho e chamadas *tsien*: os europeus dam-lhes o nome de *sapecas*. São furadas ao meio, com um buraco quadrado, e enfiadas n'uma corda. Mil d'estas peças formam um rosario que equivale no curso medio a uma onça chinesa de prata. As sapecas servem para trocos; o ouro e a prata são pesados como as mercadorias communs e as convenções fazem-se por fiadas de sapecas. — Na Africa, certos negros usam de fiadas de conchas. A China de hoje é a mesma de ha tres seculos, quando os nossos a visitaram, e o regime chinéz parece ser igual ao que foi o egypcio. Crê-se que os «escaravelhos» onde se lê o nome dos pharaós fossem, como as sapecas, um troco; e sabe-se que o ouro e a prata circulavam por peso, em anneis, ou em saccos contendo as palhetas e pepitas nativas: é o que se observa nos monumentos que representam os povos vencidos solvendo os seus tributos.

Na *Biblia* pesa-se o ouro em barra, e nem dos phenicios, nem dos gregos da epocha homérica ha noticia de numerario. Os viajantes da Edade-media acharam em curso por toda a Asia central metal em barras: os kúnuish, yastok, balisht, a que, ao depois, os negociantes inglezes da China, chamaram *shoes* (solas, sapatos) de ouro e prata, corrompendo a denominação anterior hollandeza de «gold-schuyt», barcos-d'ouro, ou *a guisa de navicella*, como lhes chama o veneziano Federici. No Thibet oriental eram moeda, como na Abyssinia, os pães de sal; e ainda recentemente, antes da in-

troducção da rupia anglo-indiana, os trocos se faziam a tijolos ou pães de chá ordinario da China. Ainda em 1878 em Batang o tijolo-de-chá não *tinha* apenas o valor de uma rupia, mas, n'um certo sentido, *era a rupia*, passando de mão em mão, sem exame, como moeda legal.

Que inferir de tudo isto? Que, generalisado o uso de um denominador, essa mercadoria tende a tornar-se moeda, isto é, um instrumento em vez de um objecto. Assim como na jurisprudencia «o uso faz lei», assim na chrematistica o habito, a conveniencia, abstraem da circulação um certo producto que passa a servir de vehiculo ou instrumento da circulação dos demais objectos. E que objecto reúne as condições adequadas a esse fim, como o ouro e a prata? Nenhum; por isso d'elles se fez o Numerario, quando na Antiguidade classica, ao mesmo tempo, pelo mesmo processo, obedecendo aos mesmos motivos, os usos se consagraram em leis, e o habito de receber uma certa porção de ouro por um certo valor, se transformou tambem na obrigação de receber sempre a moeda, em toda a parte, para todos os casos, com um preço fixo e uma effigie symbolo da sua legalidade. O Numerario appareceu. O romano, constructor do direito ideal, foi tambem o inventor da moeda — a mercadoria idealisada. O seu genio de abstracção *cunhou* ao mesmo tempo as leis, e as medalhas gregas d'onde o numerario saíu.

Data de entre o IX e o VII seculo antes da nossa éra a invenção da cunhagem pelos gregos: medalhas authenticas parece existirem só do V seculo — as de prata, de Alexandre I da Macedonia (497-454). A medalha era um registro, uma lembrança — os fastos escriptos nas paginas duradouras dos metaes; e, facto significativo para a ethnometria,

na Grecia surgem synchronicamente os primeiros historiadores e as primeiras medalhas. São moedas? E' duvidoso; não parece que o grego attinxisse nunca a instituição do numerario, só claramente definida em Roma.

Na Italia, onde o bronze não abundava e onde a agricultura e a guerra o reclamavam para armas e ferramentas, a moeda remota era, como vimos, o gado. A «mulcta» veio de «mulgere», mugir. Mas o grande valor do cobre, *æs*, fazia d'esse metal o typo das cousas que valem: avaliação disse-se «acobreação»: de *æs*, fez-se *æstimatio*. O cobre surgiu pois ao lado do gado como moeda corrente: um pela sua escassez, outro pela sua generalidade, até que a lei Julia Papiria (430) substituiu definitivamente o gado pelo metal nos pagamentos. A moeda de cobre, *æs*, cunhada por Servio, e na qual, como lembrança, a effigie eram imagens de bois e carneiros, disse-se «pecunia», de «pecus». A's medalhas-moedas dos gregos, — por elles denominadas «argyrion» e «nomisma», isto é, valor-legal, — bem como ás moedas estrangeiras em geral, chamaram os romanos, á moda grega, «numisma».

Senhores de um systema metrico, ¹ os romanos, *estimando* o bronze, preferindo-o para o officio de moeda, cunhando-o á maneira das medalhas-valores dos gregos, dando-lhe a authoridade de solver todas as obrigações, applicaram o systema dos pesos á divisão das moedas-medalhas e crearam o numerario. A unidade era o *as*, o «peso» de bronze, d'onde veio a expressão famosa no direito romano «emere per *æs* et libram», e o papel symbolico da balança (*libra*) nas formulas juridicas das edades posteriores. Só no fim do v seculo (485) da era ro-

¹ V. *Raças humanas*, II, pp. 123-9.

mana, segundo Plinio diz, se cunharam moedas de prata, que, por valerem dez *as*, se chamaram *denarii* — dinheiro.

Eis ahi como, passo a passo, de ensaio em ensaio, a civilisação conquistou o mais eminente de todos os instrumentos da circulação — um vehiculo-typo abstracto, inalteravel, como que pessoa juridica pois tem *authoridade* para solver as obrigações, quasi eterno pois é feito de metaes relativamente inalteraveis. Estabelecido o commercio, abertas as estradas, inventados os vehiculos, a moeda, typo da circulação idealisada, veio dar ás relações entre homens e entre sociedades uma regularidade, uma constancia, uma efficacia até então imprevistas.

Terminado este capitulo, e antes que entremos nos assumptos novos a que somos chamados, permitta o leitor uma estação breve.

Estudando nos dois primeiros capitulos d'esta obra a natureza e o trabalho, observámos os factores da Produccão; agora, no terceiro, encerrando a analyse dos elementos e dos instrumentos da circulação, devemos dizer que percorremos a primeira face do systema dos phenomenos distributivos. Produccão — Distribuição, eis as duas grandes provincias chrematisticas. Mas se a primeira é dual, a segunda apresenta-nos tres aspectos simultaneos mas distinctos: a distribuição em área, em especies, em pessoas, ou por outra, a circulação, a consolidação, a concorrência.

Para maior clareza, descreveremos n'um schema, como n'um indice, o conjuncto systematico das materias tratadas n'esta obra, agora que vamos entrar na parte acaso a mais grave do nosso trabalho.

CAPITULO QUARTO

A consolidação

I

A população

Constituida a riqueza que os desejos e o trabalho do homem combinadamente produziram, observámos como a circulação começa a distribuil-a em área: transportando, trocando-se os productos sobrecellentes, a somma dos desejos capazes de satisfação cresce, progredindo a cada instante e augmentando de um modo correlativo a intensidade e as especies de trabalho util.

Achamo-nos agora em frente de uma distribuição de outra natureza provocada por outros motivos. A riqueza que, circulando, se distribuiu em área, divide-se ou distribue-se agora em especies a que vulgarmente se dá o nome de capitaes fixos, moveis e circulantes; ou, por outra, ao lado de uma riqueza inteiramente permutavel e transportavel qual é a dos povos nomadas, surge, com a vida sedentaria, uma riqueza, transmissivel sem duvida com referencia ás pessoas, mas insusceptivel de deslocação.

Que motivos determinam este phenomeno? que causas externas levam os povos, ou antes certos povos, a preferir a vida sedentaria e por isso a consolidar uma parte da sua riqueza, tornando-a im-

movel? São dois esses motivos: o primeiro está na propria natureza do capital progressivamente productivo, no proprio desenvolvimento d'esse principio instinctivo de economisação de trabalho. Quando o homem percebeu que a faca era mais efficaç do que o dente, fez primeiro uma faca para obter com ella maior producto do seu trabalho ulterior: assim tambem quando viu que um certo pedaço de terra era naturalmente mais fertil, ficou-se ahi, chamou-lhe seu, e, defendendo-o, vedando-o, preferindo-o,¹ tornou-o, como riqueza, identico ao instrumento ou ferramenta.

Não basta, comtudo, esta explicação para nos dar a razão de ser de um facto geral em certas raças — a vida agricola sedentaria; e não basta mórmente quando sabemos não ser nas zonas excepcionalmente uberrimas que tal estado de vida collectiva apparece. Ha um outro motivo, mais geral: é a propagação da especie. O crescer da população como que fôrça os homens a fixarem-se n'um lugar, pedindo á intensidade productora da terra fecundada pelo capital o que antes pediam á extensão dos territorios apenas occupados. O apparecimento do capital-fixo póde pois collocar-se em equação com o progresso numerico dos habitantes, e não só nos primordios da vida da sociedade, como até nos periodos mais avançados da sua existencia. Nas nossas cidades modernas, onde a população é densissima, é-o tambem o capital immobilizado n'um solo reduzido apenas ás funcções de lugar; nos nossos campos, onde a gente é mais rara, mais raro é tambem o capital fixo. E nos proprios campos, a immobilisação progride com o numero dos habitantes, quer se manifeste nas obras e trata-

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 99 e segg.

mento de uma agricultura scientifica, quer na somma de quantidades minusculas aggregadas pela paciencia de uma gente rude, quando chega a fazer de rochas escalvadas ou de dunas aridas hortos viçosos, á custa da economia accumulada do trabalho de todos os dias. O nosso Minho é um exemplo vivo d'esta ultima especie ; as nossas granjas do centro do reino, com os seus vinhedos e olivaeas, podem tomar-se como exemplos, sem duvida menos proeminentes, da primeira.

Transpostos, os periodos da lavoura rudimentar intermittente, observam-se quatro momentos ou graus de progresso agricola. No primeiro ara-se metade da terra explorada, e deixa-se em pousio a outra metade, alternando assim de anno para anno, e reduzindo a área productiva a metade da área total: era o antigo systema dos romanos ainda hoje em dia frequente nas regiões cerealiferas de população escassa e grande-lavoura no Meio-dia europeu. No segundo momento semeia-se a área inteira, deixando descansar a terra ao terceiro anno depois de ter dado nos anteriores, trigo primeiro, centeio ou aveia depois: a área util, que era de metade, sobe agora a dois terços. No terceiro momento suprime-se o pousio, e sem descanso, todos os annos, a terra inteiramente lavrada produz ceareas que se alternam rotativamente: este progresso que, como é sabido, produziu uma verdadeira revolução na economia rural da Inglaterra moderna, equipara a área aravel á área productiva.

Não pára todavia aqui a productividade do solo: a arte obtem d'elle maior rendimento, e como que amplifica a área multiplicando as colheitas em cada periodo annual. E' o que se chama a cultura intensiva, á moda do nosso Minho, á moda da Flandres e da Lombardia. Alimentada com adubos ve-

getaes e animaes, com o producto dos estabulos e com o matto e a palha fermentados, a gleba que deu trigo, milho ou linho, dá no mesmo anno herva ou legumes e raizes para o gado que engorda na *cortinha*. Elaborado no chão o alimento do boi-gordo, o animal que, vendido, augmenta o producto da exploração rural, é o laboratorio das secreções que, fermentando o matto e as palhas do leite, irão operar no seio da terra a germinação e crescimento das cearas minusculas d'essa lavoura horticola. Assim n'uma área de cultura intensiva, o chão que alimenta o gado para exportação, alimenta mais ou menos opiparamente uma população densissima: na Flandres oriental chega a haver 263 habitantes por kil. quadrado, e no nosso concelho de Braga a população rural excede ainda esse algarismo elevadissimo — é de 280.

A densidade da população compelle pois á vida sedentaria; a vida sedentaria obriga a immobilizações de capital que fomentam o progresso numerico dos habitantes, confundido-se e invertendo-se as causas e os effeitos. Do censo e do cadastro dos territorios dos Estados-Unidos em 1825 resultou calcular-se que nas tribus de pelle-vermelhas caçadores cada individuo carece de oito kilometros de área para subsistir, ao passo que na nossa Europa de hoje subsistem, em mais de uma região, cem, cento e vinte pessoas, na área de um kilometro: o capital immobilizado na terra augmentou-lhe a capacidade subsistente oitocentas ou um milhar de vezes. Se nos lembrarmos como o capital-instrumento multiplica a productividade do trabalho, como o capital-vehiculo multiplica a capacidade de translação, vendo agora como o capital-sobra, consolidado, multiplica a fecundidade da natureza, abrangeremos n'um relance o valor do pro-

gresso chrematistico, nos tres aspectos que o capital reveste: fixo, movel, circulante — ou nas tres modalidades da riqueza dos homens. Este volume quasi inconcebivel, e decerto irrepresentavel por algarismos; esta somma quasi incalculavel dos bens assimilados pelo homem, são o alicerce — mas o alicerce apenas — da sua liberdade. São a condição, sem serem a essencia, de uma autonomia que só se define na esphera do pensamento e do character. Por isso é tão frequente no mundo verem-se alliadas a riqueza e a mesquinhez, quer em individuos, quer em sociedades.

Já Montesquieu notou esta relação intima entre a fixação de capitaes e a densidade da população, quando disse que os paizes de povos pastorís eram pouco habitados, que as regiões cerealiferas occupavam mais gente, as vinicolas mais gente ainda: estas tres especies de exploração da terra mostram tres graus progressivos de consolidação de capital. Onde ha minas de combustiveis, accrescentava, podem lavrar-se todas as terras; onde ha arrozaes carece-se de grandes trabalhos hydraulicos. A lavra das minas, a direcção das aguas, que são, se não aspectos ou fórmãs de capital immobilizado? D'ahi a densidade de população n'esses lugares onde a intensidade productiva é superior, ou por se poder lavrar toda a terra, ou por se extrair d'ella uma porção maior de substancia alimentar.

Não é pois unicamente na lavoura que a capacidade productiva da natureza fomenta ou consente a multiplicação de gente, ou que, por outra, o augmento da população determina as consolidações de capital. As minas e as fabricas estão, para este caso, ao lado das granjas. Na mina a industria é extractiva, na fabrica transformadora, na granja partilha as duas funcções. Na mina o capital é o

poço, a galeria, osapparelhos; na granja as alfaytas, as obras os adubos, as plantações e as sementes, as irrigações e as drenagens; na fabrica o edificio, as machinas e as ferramentas. O mineiro valorisa o producto com o trabalho de o extrair; o lavrador procede como n'um laboratorio munido de retortas auto-creadoras: a terra sem adubos, nem cavas, nem sementes, apenas daria herva, mas sobre o valor das materias-primas, accrescido com o trabalho, o ar e o solo juntam sempre uma parcella. Na fabrica desaparece essa intervenção da natureza que é predominante na mina, e coefferente na lavoura. A mina é uma exploração natural, a granja uma fabrica applicada á natureza, a fabrica uma installação inteiramente artificial ou inventiva onde as materias-primas são sempre productos da mina ou da granja.

Eis ahi pois os tres nucleos de consolidação de capital, que nós estudaremos isolada e demoradamente no processo da sua constituição archaica. Em cada um d'esses tres typos encontraremos, sob aspectos eguaes ou differentes, as tres especies em que habitualmente se divide o capital: fixo, movel, e circulante; embora n'um ponto de vista mais largo a consolidação os inclua a todos em si, pois que o capital fixo seria infructifero sem o subsidio do movel e do circulante, e estes inuteis se se não applicassem ao primeiro. Moveis, pois, ou circulantes por essencia, são por funcção consolidados como os fixos: é este o facto eminente que a vida sedentaria dos povos determina — é ella que vem pôr ao lado das *mercadorias* que constituíam toda a riqueza anterior do nomada, as *propriedades* da gente sedentaria; ao lado de capitaes exclusivamente moveis, capitaes que se differenciam por especies.

A esses tres typos de consolidação — a mina, a granja e a fabrica — vão parar as pequenas capitalisações multiformes da industria rudimentar, congregando-se tambem, combinando-se, articulando-se e como que enraizando-se d'um modo cada vez mais consideravel. Assim tambem os povos, crescendo em numero e em consciencia, se congregam em cidades — typo que differe da aldeia em traços fundamentaes. ¹

Se a exploração da terra em intensidade ou profundidade corresponde á vida sedentaria que succede á nomada — caçadora ou pastora, — a instalação simultanea de minas, granjas e fabricas denuncia chrematisticamente a vida urbana. O facto externo e a causa immediata mais geral d'este movimento é, conforme dissemos, o augmento de densidade da população. A' maneira que o terreno é pouco para a gente installada n'elle, modificam-se os processos de exploração, buscando-se um rendimento mais forte que se obtem consolidando capital. Pede-se á intensidade o que antes se obtinha da extensão. Surgem primeiro as culturas intermitentes e temporarias: queima-se a vegetação natural do solo, semeia-se o grão nas cinzas. E' d'este modo que os tartaros colhem o trigo negro ou sarraceno, e que por tanto lugar ainda se lavram cearas: é a transição da vida pastoril para a agricola. Vem depois a cultura rotativa em que se lava cada anno apenas uma parte do solo ficando o resto para pastos e para lenha; vêm por fim a lavoura regular, com applicação de adubos, com a terra dividida, cercada por sebes ou muros, sarjada de vallas, secca ou regada — laboratorio e lugar onde o lavrador como que transforma o solo á

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 223-32.

medida dos seus desejos, compondo a gleba por meio de adubos, escolhendo e alternando as plantações e as cearas, conforme atraz deixamos dito. A terra que fôra primitivamente como uma mina — mina de productos alimentares — torna-se semelhante a uma fabrica.

Mina, granja, fabrica, sommadas, correspondem chrematisticamente ao factio politico da instituição das cidades onde se codificam as leis, onde a vida como que vegetativa dos periodos da consanguinidade cede o lugar á vida propriamente civil — social, politica. E' então que surgem problemas de uma nova especie; é então que, ao lado dos phenomenos naturaes-chrematisticos, apparecem os phenomenos da economia social, ou politica — de «polis», cidade. Depois da distribuição em área pela circulação, depois da distribuição em especies pela consolidação, vem a distribuição por pessoas. Porque? porque, de um lado, a consolidação do capital e a apropriação da terra crearam rendas e juros, e do outro lado a obliteração dos principios e formulas collectivistas do regime da consanguinidade, na tribu, no clan, na familia, tornou autonomos os individuos. Como se distribuirá entre elles, como se transmittirá, não o producto actual cuja propriedade é obvia, mas o rendimento das consolidações, a detenção da terra, os espolios jazentes dos fallecidos? Eis ahi o motivo da necessidade de intervenção d'essas leis que se elaboram nos senados das cidades á luz do principio da justiça, leis desconhecidas na aldeia remota de regime patriarchal; eis ahi definida a esphera dual ou mixta da economia-politica ou jurisprudencia chrematistica; eis ahi a razão historica e philosophica do papel eminente do Estado na distribuição da riqueza.

II

A mina

A' medida que a industria cresce no homem, augmentam-se-lhe os desejos em razão geometrica da efficacia do trabalho. Tem o lenho por ferramenta? quer o silex. Tem a pedra? quer uma substancia mais duradoura, menos fragil. A terra apparente dava-lhe madeira e pedra: mas a terra, nas suas entranhas, guarda os metaes. Cada dia crescem, de tal fórma, as apropriações que fazemos de materias-primas naturaes.

Já n'outro livro, ¹ ao depararmos com a chamada idade do bronze na Europa, e enquanto estudavamos as origens e a propagação d'essa metallurgia, notámos o character milagroso que a imaginação primitiva imprimiu á descoberta dos metaes. O inventor da metallurgia é quasi sempre um mytho do fogo: Twachtri, nos *Vedas*; Hephastos, entre os gregos; Vulcano, para os latinos; Tubalcain, para os hebreus.

A metallurgia precede em toda a parte a industria mineira, da mesma fórma que a utilização dos fructos espontaneos da terra precede a lavoura. Os metaes e minerios disseminados nos terrenos de transporte, os aerolithos, os affloramentos dos filões, foram os jazigos de exploração primitiva, an-

¹ V. *Raças humonas*, II, pp. 261 e segg.

tes que a arte e o desejo de mãos dadas permittissem satisfazer « a grande cubiça dos homens, que por haver as desventuras dos metaes, cavam tanto a terra que lhe tiram fóra as tripas, derribam grandes outeiros, abaixam asperas e altissimas serras no andar e olivel dos campos, e não contentes de estragarem tanto a terra, rompem e furam pelo mar por haver uma perla »: assim se exprime D. João de Castro. ¹

Os metaes que se encontram no estado nativo ou no de sulfuretos e oxydos facilmente reductiveis foram, apezar da raridade, os primeiros apreciados e manufacturados. Por isso o ouro se utilisou antes da prata, por isso o ferro entrou geralmente em scena depois do cobre e do estanho. Os azenegues d'Africa *resgatavam* o ouro em pó, e os hespanhoes acharam nos indigenas das Antilhas joias e alfaias analogas ás africanas: a prata só era usada nos estados civilisados do Mexico e do Perú, já dotados de uma escripta ideographica, ² de uma organização sacerdotal, de um calendario e de fastos historicos. Analogia a esta a condição do Egypto dez seculos antes de Homero, tambem ahi são frequentes como na sociedade hellenica da Illiada, o ouro, a prata, o bronze e portanto o cobre e o estanho: só é raro o ferro.

Dir-se-hia pois que ha universalmente uma serie na descoberta successiva dos metaes? Não; por fórma alguma. Porque não ha synchronismo, nem na passagem das edades de pedra para as metallurgicas, nem, dentro d'estas, ha regra na successão dos metaes utilizados. Os messagetas, barbaros, foram metallurgistas celebres; nos povos

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) I, pp. 46 e 280-4. — ² V. *Raças humanas*, I, pp. 134-45.

ugro-finnios o lavrar das minas começou em periodos sociaes primitivos. Todos os kurgans da Sibiria apparecem cheios de objectos metallicos, e no Ural e no Altai encontram-se vestigios de lavras remotas a dezenas de metros de profundidade. Por outro lado, os negros africanos apparecem-nos conhecedores do ferro a ponto de fabricarem aço, vivendo n'uma condição propria ou proximamente selvagem.

O ferro, entretanto, é bastante mais difficil de reduzir do que o cobre e o estanho, e os negroides e negros de quasi toda a Africa manufacturam-no sem terem conhecido o bronze, alguns desconhecendo até o uso do cobre. Os eskimós, ainda na idade de pedra, fabricam, sim, utensilios de ferro, mas como tantos outros manipulam o cobre e a prata e o ouro, isto é, sem fusão, redução ou metallurgia: destacam a frio pedaços dos nucleos de ferro meteorico, martellando-o sem o saber caldear. Mas os negros fundem o minerio e caldeiam o ferro: são metallurgistas e ferreiros, são fabricantes n'uma escala consideravel, por processos proprios, particularmente indigenas.

Esse ferro meteorico, d'onde o eskimó destaca os pedaços que trabalha a frio, parece dever ter sido a primeira materia-prima da siderurgia: são-no sempre, para os outros metaes, os que se encontram no estado nativo. Puro, o ferro meteorico bastava ser fundido para servir ás mais varias applicações; ao passo que para utilizar os minerios é necessario separar as gangas que o forno transforma em escorias. A etymologia confirma a opinião da prioridade do ferro meteorico: em egypcio, ferro dizia-se « ba-en-pe », ou materia-do-céu, d'onde vem o « benipe » da linguagem dos coptas; em grego « sideros » é affin do latim « sidus, sideris », astro,

raiz da palavra actual « siderurgia ». Os egypcios suppunham o firmamento uma abobada de ferro de que os meteoros seriam pedaços destacados.

Fundir e cosinhar, transformar pelo fogo os minerios e os alimentos, são invenções analogas ou correlativas. Os fornos primitivos, das duas especies, assemelham-se. O forno siderurgico do hottentote, reproduzido em Madagascar, e, para além do oceano indico, nos archipelagos orientaes, ¹ é uma cova; n'um plano inferior está outra escavação para onde corre o metal fundido. Aquecem o forno com lenha, introduzem-lhe o minerio, queimam sobre elle mais lenha, e o ferro vai correndo para a caldeira inferior que é como um molde. Ahi esfria, e frio o partem com pedras, armazenando-o.

Mas na cosinha basta que o lume arda com a intensidade ordinaria que lhe imprime o ar ambiente. Não é assim na siderurgia: para fundir o minerio é mistér uma temperatura excessiva, uma injeccão forçada de ar. D'ahi a invenção do folle, o instrumento essencial de metallurgia, a primitiva utilização do ar para servir ao rudimento da utilização dos minerios. O folle usual africano consiste em duas pelles cosidas com valvulas que se movem alternada e manualmente para obter uma tiragem contínua. Este folle da Africa é ainda actual tambem na India, foi o primitivo dos gregos e romanos, e ainda se observa no meio-dia da Europa. Tylor viu em Pœstum um caldeireiro ambulante com um par de pelles de cabra que comprimia alternadamente para atear o fogo, abrindo e fechando á mão as fendas que serviam de valvulas. Mas já na ferraria dos romanos se encontra o nosso folle ordinario, em que duas taboas, com valvulas, estão liga-

¹ V. *Raças humanas*, I, p. 90.

das por um forro elastico de couro, apresentando n'uma extremidade a saída do ar, na outra as orelhas ou mãos com que se imprime o movimento.

Identico o forno primitivo malayo e africano, o folle é todavia diverso no Oriente: é uma bomba premente de ar de dois cylindros, ou de um cylindro apenas com valvulas duplas. O primeiro typo consiste em duas cannas de bambu, occas, abertas em cima, e em baixo ligadas aos algaravizes da fornalha. Os embolos são ramos de pennas ou de uma substancia molle que, ao baixar se comprime fechando a secção do cylindro, e subindo se abre para deixar passar o ar. Um rapaz de pé move alternadamente as duas hastes dos embolos. Nos instrumentos primitivos não se encontra, que nos conste, o terceiro aparelho injector de ar: a ventoinha; e os tempos posteriores, aperfeiçoando o folle, abandonaram a bomba.

Eis aqui finalmente a descripção summaria da metallurgia dos cafres maravis: « Os mineraes aqui conhecidos são o ouro, o estanho em que se não cuida, e o ferro: este ultimo acha-se em tão grande abundancia, em pedaços á superficie da terra que para o haverem não precisam fazer escavações: apanham-o e lançam-o em um tubo feito de barro, da altura de quarenta palmos com um de diametro, e a parte inferior cheia de carvão, que, depois de acceso não cessam de soprar com folles feitos de pelle de cabra, á similhança dos de que usam os nossos caldeireiros volantes: o ferro sáe por uns buracos que estão na base do tubo; e com esta simples e unica operação vão tirando o metal derretido, que empregam nas suas obras; estas são principalmente enxadas, machados, facas, flechas e azagaias; para isto os unicos utensilios de que se servem são: um dos mesmos folles com que fazem

a forja no chão, uma pedra que lhes serve de bigorna, outra mais pequena de martelo, e dois páos que lhes servem de tenaz; e é com esta ferramenta que fazem todas as suas obras, que ficam tão polidas como se fossem manufacturadas com instrumentos europeos: os operarios que as fabricam são os ferreiros Maraves ». (Gamito. *Muata Cazembe*, p. 38)

De facto os tempos apenas aperfeiçoaram a ferramenta primitiva do ferreiro: de uma pedra fez-se a bigorna, conservou-se na fragua o folle; as tenazes, são ainda, mais ou menos, como os *forceps* dos romanos; o malho é o *malleus*, o martello o *marcus*. Entre um « medico do ferro », como os cafres chamam ao ferreiro, e um artifice forjador da Antiguidade e dos tempos modernos, não ha differenças essenciaes: ha apenas a escravisação triste do trabalho que faz do operario, esse privilegiado dos tempos remotos, um pária nas edades cultas. A condição privilegiada do ferreiro cafre é analoga á condição eminente das corporações de artifices que vimos constituídas na Roma primitiva.

Hoje o vapor move os ventiladores colossaes que injectam ar nos fornos onde ardem centenas de toneladas de minerios; hoje o vapor, substituindo o braço humano, levanta o *malleus* que bate grumos monstruosos de ferro rubro. Na nossa idade de ferro, o vapor é o grande operario. Elle aviva o fogo onde o minerio se funde; elle modela o metal que o forno gerou; elle se estorce no ventre da machina que levanta os wagons do poço da mina. Nas proprias entrânhas da terra circulam locomotivas, e o ar comprimido pelo vapor move as brocas com que se abrem as galerias e poços. A mina é uma cidade, a officina uma familia de gente negra gigantesca, homens-machinas cujos braços, alavancas descommunaes, malham com punhos do pezo de toneladas.

Quem reconhece, no palpitar vertiginoso e colossal de uma colmeia fumarenta como a de Essen ou de Anzin, esse nucleosinho remoto, esse recanto afastado do Ural, onde o finnio como uma formiga ia, vinha, sumia-se, apparecia á face da terra, entrando com a ferramenta simples, voltando com uma alcofa cheia de pedaços de pedra côr de sangue? Quem reconhece n'essas torres gigantescas cujo preço representa a vida de milhares de homens, n'esses altos-fornos em cujo ventre os comboyos vêm sibilantes vasar montanhas de pedra—quem reconhece o forninho humilde do hottentote, escondido n'uma cova, com a gente em roda acocorada, comprimindo com as mãos os folles palpitantes?

E já na mina do Ural, já no forno da Hottentotia, a analyse encontra todos os elementos chrematísticos d'esta especie nova de seres. A civilisação amplificou sem mudar; multiplicou sem alterar; apurou, melhorou, combinou porém e desenvolveu a um tal ponto, que muitos chegam a desconhecer nos gigantes de hoje a filiação remota e a constancia dos traços da phisionomia herdada.

Todavia, os phenomenos são identicos. Desde que se explorou um jazigo, houve alguém a chamar-lhe seu, da mesma fórma que ao lavrar da primeira terra nasceu a primeira propriedade. Surgiu pois o facto da separação e da apropriação de um lugar e de um thesouro utilizado. E surgiu porque? Porque n'esse lugar, para utilizar esse thesouro, o «alguém»—tribu, familia, pessoa; propriedade collectiva ou individual: é indifferente para o caso actual—consolidou e tornou *fixa* uma certa porção de capital, gastando trabalho em rasgar a galeria ou em construir o forno.

Esse trabalho assim consolidado é immovel, inseparavel do lugar onde como que se enterrou; não

circula como os vehiculos ou o dinheiro, nem se troca á maneira dos productos, embora possa permutar-se por cousas que o equivalham. Na mina temos pois o primeiro exemplo de capital *fixo*.

III

A granja

A exploração do solo apresenta caracteres semelhantes, senão identicos aos das minas, como de resto já anteriormente dissemos. Vê-se uma detenção ou apropriação determinada por uma consolidação de capital. Roçar, desempedrar, abrir, adubar, dissecar ou regar um terreno, equivalem, no nosso ponto de vista, a abrir as galerias e poços de uma mina construindo-lhe ao lado os fornos metallurgicos. Tambem ao lado do chão desbravado estão a casa e os estabulos; estão os graneis onde se guardam as sementes e alfaias que formam com o gado o capital-movel da exploração.

Moeda-typo da sociedade nomada e pastoril, o gado muda de funcções na vida agricola: era a riqueza unica e um laboratorio de alimentos; agora vemol-o tornar-se a primeira das machinas ruraes, já como motor, já como productora de adubos. Sustenta a terra, depois de ter exclusivamente sustentado o homem: um e outro, de nomadas, se tornaram adscriptos da gleba. Por isso alguns povos, em paga dos serviços inestimaveis do boi, o sanctificaram: os egypcios divinisaram os Apis e os Mnevis,¹ os hindus consideraram sacrilego matar e comer o companheiro do homem, penhor do seu destino.

¹ V. *Syst. dos mythos relig.*, pp. 84-5.

Gado, sementes e alfaias, eis-ahi o capital-movel da granja. No gado incluem-se os escravos.

O capital fixo exprime-se pela palavra arroteamento. E' esta a origem natural da propriedade. Arrotear é separar e assimilar — é adquirir. Por isso, á maneira que o arroteamento augmenta, augmenta a consistencia da propriedade na terra. Uma posse indeterminada é incompativel com a consolidação de um capital particular consideravel. Ninguém — tribus, clans, familias, pessoas, — ninguém irá desbravar um solo na incerteza de o possuir. Que esse solo seja mais fecundo ou menos, o caso é indifferente no acto primordial da occupação. De resto, sabe-se que uns povos preferiram os valles pingues dos grandes rios, como o Euphrates, o Nilo, o Indo, o Ganges e o Hoang-ho, outros, como os americanos, desdenharam-nos, escolhendo as chapadas elevadas da costa andina. ¹ Os terrenos que as cheias fertilisam são sempre, de resto, aquelles onde a immobilisação de capital é maior: carece-se de vallas que enxuguem, canaes que dirijam as regras fecundantes, de outro modo o rio, em vez de enateirar, açoria.

Ha porém terrenos de fecundidade extrema, que não reclamam bemfeitorias, arroteamentos, nem sequer adubos, como a terra-negra da Russia; e é obvio que a gente em demanda de um lugar onde assente, preferirá esses e os occupará se estão vagos, ou os arrancará das mãos dos occupantes se tiver força para tanto. Ahi, n'um regime de producção intensa, mas de cultura elementar, desnecessarias as consolidações de capital, ahi a propriedade poderá manter-se indecisa e indefinida.

Taes casos, todavia, além de excepçõaes, não

¹ V. *Raças humanas*, I, pp. xxiii e segg.

significam para o nosso estudo mais do que as diferenças climatericas, por exemplo. Assim um povo assentou na Italia ou na Hespanha benignas, outro na Escocia ou na Suecia agrestes : assim um clan teve em sorte um torrão pingue, outro uma gleba menos fecunda. Isto não destroe a correlação constante entre a capitalisação, a intensidade productiva do solo, e a definição da propriedade.

Emquanto a área abunda — já o dissemos — para que se accumulará trabalho n'um ponto, se as extensões dão o necessario com uma gratuitidade relativa? E se ninguem carece de applicar ao solo o seu trabalho ou os seus bens, como haverá quem chame seu a um espaço apenas trilhado? Tanto valeria chamar nosso ao ar que respiramos. A terra é então vaga. ¹ Começa a semear-se, começa a sortear-se, na transição da vida nomada para a sedentaria, da vida pastoril para a agricola. Se os tartaros que, de passagem, semeiam e colhem em tres mezes o trigo negro, iniciam actos agricolas no seio de uma vida nomada, outros povos, como por exemplo os khonds de Orissa, mantêm na agricultura vestigios de nomadismo : eram assim os germanos da éra de Tacito. As cinzas do mato servem-lhes de adubos da terra mas, insufficientes, não a restauram de todo : por isso a occupação é temporaria, maior ou menor conformè a resistencia productora do solo ; por isso a posse não é tão pouco permanente ou fixa.

O capital immobilizado no desbravamento do solo e no trabalho da queima do mato tem de ser amortizado no periodo de occupação, pois, terminado elle, com a terra exhausta, o seu valor é nenhum. Esse capital, pois, além de relativamente exiguo, funde-

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 77 e segg.

se, consome-se cada anno com os fructos que se consomem. No fim que resta? Nada. E' mistér abandonar outra vez as terras, deixando á natureza espontanea o trabalho gratuito de restaurar uma gleba que, por abundante, o homem não é forçado ou incitado ainda a fecundar com a sua arte.

A população cresce, desenvolve-se a arte, e os gados com os seus adubos, ou as obras hydraulicas encaminhando as cheias adubantes, poem sobre a terra o capital — movel n'um caso, fixo no outro — o capital necessario para que a gleba fructifique todos os annos. A' elaboração obscura e lenta da natureza addiciona-se a acção energica e patente da arte. Construe-se, irriga-se, enxuga-se; e se a terra já carecia de tudo isto para produzir annualmente os cereaes, agora augmenta-se-lhe a productividade plantando arvores e arbustos: pomares, vinhas, montados, olivae.

E' á terra occupada, explorada, apropriada, fecundada por tal modo, que o nome de Granja convém. Qualquer a distingue da Mina, onde o homem se limita a extrair o que a natureza produziu: por isso dissemos que a granja está entre a mina e a fabrica, sendo um thesouro como solo, mas tambem um laboratorio, pois a gleba, sempre mais ou menos artificial, não é raro que o seja de todo. Quando á força de plantações e adubos se transforma uma duna de areia esteril n'um horto viçoso, como é frequente ver, que papel tem n'isso a terra-natural senão o papel de lugar — todavia economicamente gravissimo? Chrematisticamente, o valor d'esse horto provém todo do trabalho accumulado de quem o fez.

E que trabalho tão longo, que historia tão lenta, essa do arroteamento do solo! Que series de invenções pacientes, de ensaios successivos! que monta-

nha de ferramentas e artes não foi necessario juntar para fazer um horto, uma granja, ou da areia secca, ou do paúl enxarcado, ou da matta cerrada cujas hastes dilaceram as mãos, cujas raizes devoram os succos da terra, tão impenetravel quanto é doloroso e ingrato o chão duro atulhado de pedras!

« Não costuma este gentio (tapuya) plantar mandioca nem fazer lavouras senão de milho e outros legumes porque não tem ferramentas com que roçar o matto e cavar a terra e por falta d'ellas quebram o mato pequeno ás mãos e ás arvores grandes põem fogo ao pé d'onde estão lavrando, até que as derrubam e cavam a terra com paus agudos para plantarem suas sementeiras». (*Not. do Brazil, na Coll. de Not. III, 315*) Por foice têm apenas as mãos, as unhas; por machado, para derrubar as arvores, têm o lume, por enxada um pau agudo. Eis a alfaiá do primeiro lavrador — se os não houve que com as proprias unhas abrissem a cova para enterrar a semente.

Essa enxada primitiva é cortante ou perfurante — uma pá ou um ponteiro: « e para plantarem na terra a sua mandioca e legumes (os amaipiras) cavam n'ella com uns paus tostados agudos que lhes servem de enxadas ». (*Ibid. 310*) E' duro o solo e resiste aos esforços violentos de um homem isolado? Eis ahi o que faziam os fidjis: reuniam-se tres ou quatro e com as enxadas-pás de madeira tostada formavam um pequeno circulo. A' uma! cravavam, obliquamente, em direcção do centro: eram tres, quatro cunhas que arrancavam um torrão. E' porém a gleba docil? Eis ahi o que faziam os senegambios, arranhando-a apenas: « O modo porque lavram é o seguinte: quatro ou cinco d'elles põem-se no campo com *baldes* ou pás pequenas á maneira de enxadões e vae cada um deitando a terra para

diante, ao contrario do que fazem os nossos... e não profundam senão quatro dedos. Este é o seu modo de lavrar e por ser a terra boa e gorda produz tudo o que lhe semeiam ». (*Nav. de Cadamosto*, 35)

Arado não havia em toda a Africa negroide e negra. O peruviano tinha adaptado á haste da enxada uma travessa: erecto, punha a enxada a prumo, punha o pé na travessa, e comprimia enterrando a ponta. Era assim o *bipalium*, uma enxada-pá em que o lavrador romano aproveitava com os pés e mãos o peso do corpo, em vez de utilizar o cabo como alavanca despedindo golpes. Não lhe faltavam porém enxadas baseadas, como as nossas, n'este principio: tinha a *ascia* ainda viva na *zappa* dos italianos de hoje; tinha o *bidens* e a *ligo*, enxadas dentadas longitudinal e transversalmente; tinha a *pala* e o *rastrum* — applicara á terra todas as descobertas feitas para as ferramentas de cortar e perfurar.

O mesmo conseguira para o matto, para as arvoredos, para aservas e as cearas. A's alfaias do solo juntava os instrumentos da matta — agudos, dentados ou afiados, segundo o destino. Esses instrumentos são quasi todos ainda nossos: *furca*, o garfo; *falx*, a foice, nas suas varias especies. A roçadoura, *fœnaria*, encabada, já os egypcios a conheciam; a *messoria* dos ceifeiros, com gume, sem dentes, era latina; a *dentata*, que cega o trigo puxada pelo braço, em vez de cortar horisontalmente, viera da Grecia, para onde acaso tivesse ido do Egypto; a *arboraria* para podar os ramos, e o podão do viticultor são geraes ainda em toda a Europa.

A *furca* era a principio um garfo de arvore como a enxada foi uma haste ponteaguda; garfo, enxada e foice, porém, não denunciam ainda sobre a terra

esse capital «semovente» como diz a jurisprudencia: o capital-movel do gado e do escravo. Haverá bois, mas não são motores ainda: o animal, antes de ser utilizado como machina, foi-o como laboratorio de estrumes e subsistencia — alimentos ruraes e humanos. Era o que succedia entre os germanos de quem Cesar diz: «agriculturæ non student, majorque pars victus eorum in lacte, caseo et carne consistit». A lavoura rudimentar d'essas tribus pareceria nulla a quem nascera entre as granjas da Italia. Entretanto, os germanos colhiam a aveia — a graminea que vem tão rapida nos terrenos tisnados pelas queimadas. Comiam leite, requeijões e carne, mas comiam a brôa que foi por muito o unico pão da Escocia, que o é ainda dos *highlandezes*, n'essas regiões frias em que a aveia semeada já na primavera cresce e fructifica antes do voltar das neves.

Laboratorio de alimentos, depois de estrumes, o gado, capital-movel, teve este character antes que a alguém occorresse a idéa de jungir bois a uma enxada. Quando isso se fez, a ferramenta tornou-se machina ou engenho (recorde o leitor o que no lugar conveniente dissemos a tal respeito) e com esta applicação nova dos animaes e dos escravos, appareceu um typo tambem novo nas alfayas ruraes. Da ferramenta-enxada fez o homem o engenho-arado, poupando o trabalho do seu braço e augmentando a efficacia da sua acção.

O arado primitivo sáe de um lenho como a primeira enxada e o primeiro garfo. A enxada foi uma haste, o garfo uma bifurcação de galhos — agora o arado é o dente poderoso da ramificação de um tronco. A enxada abria a terra penetrando, o arado abre rasgando-a: é uma *furca* horisontal, como a ancora dos navios: arrastam-na e dilacera. Na China atrelam ao arado escravos e mulheres;

nas Celebes fazem os braços de sócos de palmeira. O arado primitivo da Italia era de ulmo, tirado por bois. E' um ramo de que um braço faz o *vomer*, o socco, mais tarde vestido de ferro; outro braço a *stiva* ou rabiça, onde a mão do lavrador gradua a profundidade do sulco; outro braço a *buris*, a haste, onde se jungem os bois.

D'esta fórma primitiva deduziram-se varios typos, desde que, em vez do tronco macisso de arvore apenas adequado, a arte permittiu que se fizesse um apparelho construido e articulado de peças distinctas. O velho arado commum da Italia antiga tinha um dente longo, chato e horisontal, parallelo á haste ou timão, em angulo quasi recto com a *stiva*, ou rabiça. No arado usado ainda hoje pelos lavradores de Tarento, o socco é obliquo e o timão articulado entre os dois braços da rabiça que se apoiam nas aivecas. Depois apparecem os arados complicados, verdadeiros engenhos em que as peças combinadas são numerosas. N'um madeiro longo (*dentale*), estrada ou base que tem na extremidade o socco (*vomer*), levantam-se junto d'este, lateralmente, duas orelhas (*auris*) que separam os torrões abertos; depois o *fulcrum*, supportando o timão onde se jungem os bois; depois, na extremidade opposta á do *vomer*, erguida, a *stiva*. Esta estiva, a prumo, bifurca no alto para receber as duas mãos do lavrador e tem na extremidade inferior o socco agudo, [quando o timão, apoiando-se n'uma roda faz do arado uma charrua: entre a roda e a *stiva*, pendente do timão, uma faca vertical, *culter*, rasga a gleba que o socco vae abrir.

Os mesmos bois que arrastam o arado são os que, jungidos ao cylindro e á grade, *crates*, nivelam o chão enrugado pelos torrões dos sulcos. O *cylindrus* era simplesmente um tronco de ar-

vore desbastado sobre o qual o lavrador ia de pé, guiando os bois: ainda hoje é assim usado no Oriente; e a grade, levando tambem em cima o conductor, viu-se no antigo Egypto: no Bultistân dos nossos dias consiste apenas n'uma taboa carregada de pedras. O latino primitivo, desconhecedor d'estas alfayas, cruzava, multiplicava os sulcos do arado para alizar a terra.

Lavrado e gradado o chão, semeado, coberto de messes, chega em maio, depois da ceifa, outra faina para o gado: a debulha — nas eiras, construcção indispensavel da granja. Ainda hoje em todo o meiodia da Europa e no Egypto a debulha se faz com os bois, pisando em lentas viagens circulares os molhos estendidos no chão recalçado. Mas em mais de um lugar serve tambem ainda uma debulhadora archeologica: o *tribulum* — um pranchão, como a primeira grade, mas erriçado de dentes de ferro ou de pedra, estrado sobre o qual o lavrador vae de pé, guiando os bois jungidos, pisando e rasgando o tapete de espigas. Na Madeira, nos Açores, nas Canarias, na Syria, como que varrido para a peripheria meridional do mundo europeu, usa-se ainda o *tribulum* «lapidibus aut ferro asperata», como diz Varrão.

Mas se para destorroar o chão se usou de uma prancha e de um rolo, tambem para a debulha apparecem dois engenhos analogamente correspondentes: ao lado do tribulo, vê-se o trenó do Egypto — «traha», ou «plostellum punicum». Entre dois pranchões parallelos giram transversalmente rolos, primeiro lisos (traha), depois crivados de dentes de silex e de ferro (plostellum). Foram os carthaginezes que trouxeram á Italia o trenó debulhador, actual ainda no Egypto onde tem por nome «noreg».

Paremos um pouco a considerar a somma de ca-

pitaes aggregados á terra n'uma d'essas granjas simples dos tempos remotos. Vemos a casa onde reside a familia, onde se fabrica a farinha e o pão e se tece a lan e o linho, onde estão os lagares do vinho e do azeite; vemos além a eira, o curral e a nora — tudo adscripto á terra de um modo inseparavel, indispensavel, *fixo*. E no proprio seio d'essa terra, secca e limpa de raizes e calháus, revolvida, melhorada, restaurada ou alimentada por adubos; n'essa propria gleba onde cada anno se lançam as sementes, além do trabalho fundido obscuramente, vê-se, como efflorescencia dos desejos do lavrador, e como trabalho humano vicejante, a sepa alegre de cachos rubros, a figueira italiana com as suas folhas gigantescas e os seus fructos saccharinos e lacrimosos, a oliveira hellenica melancolica e grave a um tempo mosqueada de pintas negras em ramilhetes. Em torno estão as sebes, e sarjando o chão as vallas por onde se escoa a agua na estação das trovoadas. Sobre um retalho de terra, como quem desenha n'uma tela branca de linho, pintando as cousas mais variadas, assim o homem pôz o seu trabalho preparador, assim contornou a sua paysagem, construindo e plantando lá dentro casas e arvores.

Essa paysagem anima-se com os capitaes que se movem sobre ella: além mugem os bois mansos inestimaveis; para um lado ficam as enxadas e as foices, os arados e as grades, e as alfayas numerosas do trafego rural. Os passaros chilram em bandos, como nuvens de alegria viva, das arvores para o tecto colmado da casa — que ha lá dentro? o granel, com as fructas, e o vinho e o pão e o azeite: a porção de alimentos indispensaveis a quem só de anno a anno colhe da terra os fructos do seu trabalho. Ha lá dentro o que na eschola se chama «capital circulante», as *mercadorias*. Ha nas al-

fayas e no gado o «movel»; ha na terra, com as obras, as arvores e as casas, o «fixo». Essas distincções fizeram-se espontaneamente: estão na natureza propria dos bens chrematisticos, são as formulas da riqueza.

A vida é tambem natural, espontaneamente simples; é alegre e pacifica, é boa e quieta, sem febres, sem ambições, nem crises. Florescem as arvores, amadurecem os fructos, o boi trilha a ceara na eira, o ar é limpido, a consciencia pura, o ceu azul — a terra submettida e dir-se-hia domesticada pelo trabalho de toda a familia, essa terra onde se agitam as almas dos mortos, dá cada anno o que se lhe pede. A quem? a ella, ou aos avós? Quem sabe se as messes e os fructos das arvores sagradas não serão dons dos parentes que morreram? Não é a lavoura um culto? a casa um templo? o campo um sacrario? A cepa e a oliveira tornam-se as duas columnas da cidade; o romano plantou-as no Fôro, pondo esses symbolos do seu trabalho na arena dos seus debates, como punha no Capitolio, junto aos deuses, as velhas arvores da floresta latina, deuses dos tempos remotos. ¹

A granja é o chão proprio de uma familia — o que ella póde lavrar com os seus membros e dependentes: assim na divisão e apropriação fecunda do espaço que a natureza deu para todos entram todos, cada qual com o seu quinhão. De dez a vinte geiras, eis a quota parte da familia romana: cada geira recebe cinco *modii*, cinco alqueires de semente, e dá o quintuplo, mais o vinho das parreiras, a azeitona do olival, e os figos e fructas do pomar. «Jugerum», a geira, era o espaço que um jugo de bois lavrava n'um dia: o trabalho que fe-

¹ V. *Syst. dos mythos religiosos*, pp. 227-9.

cundava a terra, media-a. Também na Germania o arepenio (arpen) era a lavra de um dia: «tage-werk» ou «mannewerk». Lavrador e não commerciante como os povos de instinctos nomadas, phenicios e arabes, o romano, á maneira do egypcio, pede e espera tudo da terra em que pôz o seu coração. Vae aós mercados semanaes (*nonæ*) vender as sobras, comprar as faltas: o mercado é puramente uma dependencia da granja — o centro onde periodicamente as moleculas da nação agricola se combinam, penetrando-se, permutando. Descansa nos dias festivos, continuando o trabalho na oração, depois de ter orado trabalhando. Não é a lavoura um rito? Depois das lavras e sementeiras, vem o mez das férias — «feriæ sementivæ» — durante o inverno, quando os deuses mandam descansar, para que a terra, em socego tambem, possa ir germinando, elaborando as cearas que os mortos abençoam — se acaso não fabricam!

Que melhor culto, que honra maior ha do que a communhão perenne com essa terra sagrada e fecunda? Cincinnato, deixando o governo depois de salvar a patria, volta á stiva do arado. As mulheres fiam e tecem, os homens lavram, semeiam, amassam.— «Panem faciebant quirites», diz Plinio. A familia é uma sociedade de trabalhadores.

... Saturabat glebula talis
Patrem ipsum, turbanique casæ qua feta jacebat
Uxor, et infantes ludebant quattuor, unus
Vernula, tres domini.

Das quatro creanças de Juvenal, uma era *verna* — escravo? Sim, mas a escravidão, n'esses tempos de simplicidade feliz, estava longe de ser cruel. ¹

¹ V. *Insti. primitivas*, pp. 276 e segg.

O escravo era um membro da familia, um filho adoptivo: não era ainda o que foi depois — gado, capital-movel, ou semovente, como os bois, os cavallos, os carneiros, as mulas; gado de carga e trabalho, ou motor-de-sangue. Regulo, commandante do exercito de Africa, demittiu-se, allegando que a morte do seu escravo e a infidelidade do seu mercenario lhe deixavam o campo inculto e a familia ao desamparo.

Foi da terra que veiu a Roma a força com que venceu Carthago e dominou o mundo: era uma sociedade de gente trabalhadora. Ser «colono excelente» constituía o melhor titulo do cidadão. Mas veiu a conquista e corrompeu a propria gente que soubera civilisar assimilando a si toda a Italia, a Gallia e a Hespanha; veiu a conquista e vieram do Oriente os escravos, o luxo e os vicios. Quem póde preferir ás orgias o culto suave da terra? Quem respeitará o trabalho? Quem terá saudades da granja antiga onde a familia reunida, trabalhando, orava? Para o trabalho fez-se o escravo: o campo é doce, mas apenas para o descanso depois das orgias. Ha então idillios, em vez de lavoura. Disputa-se, usurpa-se a terra, não para commungar com ella, mas para a explorar sem dó, regando-a com as lagrimas do trabalho escravo. Possuir esse laboratorio da riqueza, accrescentar dia a dia o dominio sobre o chão usurpado, é a ambição dos que voltam a Roma com o saque das terras estranhas. Ao lado dos usurarios, apparecem os «lucupletes», mas a terra vingá-se da sua oppressão, e, desdenhada como o proprio homem, condemna os seus possuidores bastardos. «Latifundia perdidere Italiam», disse Plinio.

De tal modo o desvairamento dos costumes, a desordem das instituições e idéas economicas reage

sobre os factos chrematisticos. Quando o homem, corrompido na alma e na intelligencia, fere os principios racionaes-moraes da civilisação, soffre logo as consequencias nefastas do seu erro, protestos espontaneamente mudos da natureza que o pensamento não faz mais do que interpretar na sua pureza ideal. A terra, diz o Senchus Môr, é «o homem perpetuo» — como se manteria a perpetuidade da especie, se se fizesse da terra um privilegio?

IV

A fabrica

A' lavoura e ás minas chama-se habitualmente industria extractiva, e com razão, porque, embora as preparações dos minerios e dos productos agricolas sejam operações transformadoras, embora até o seja naturalistamente o proprio facto da elaboração das sementes no seio da terra, o character chrematistico essencial é o extractivo. Na fabrica dá-se o inverso: o character exclusivo é a transformação dos objectos extraídos da terra, na sua gleba, nos seus filões, nos animaes que lhe povoam as campinas, as aguas e os ares, nas substancias utilisaveis de que os seus elementos se compoem, nas mattas e florestas que vestem as suas montanhas.

Por isso, n'esta terceira especie de nucleos de riqueza consolidada nós não encontramos os caracteres communs á mina e á granja. Aqui o trabalho é tudo: construcções, engenhos, ferramentas, materias-primas, representam inteiramente sobras accumuladas de trabalho anterior. Não vemos a natureza collaborar, como nos filões onde a sua acção foi a authora dos metaes mineralizados, nem como na terra em que, apezar de todos os artificios do homem, resta sempre um tal ou qual grau de fecundidade espontanea. A fabrica é inteiramente uma invenção; o trabalho e a arte ergueram-na; á

natureza deve apenas o lugar onde está transitoriamente, porque as materias-primas sobre que operam são já productos de um trabalho extractivo precedente.

Se na mina e na granja observámos pois que, além do capital nas suas tres modalidades — fixo, movel, circulante — havia um thesouro, necessariamente apropriado, pois que se o não fosse, jámais o capital se teria consolidado para o utilizar e explorar; se isso dissemos das duas especies precedentes, convém dizer agora d'esta terceira e ultima que na fabrica não ha similhante factor chrematistico. Toda ella, inteiramente, se compõe de capital, nas suas modalidades conhecidas.

Lembremo-nos do indio selvagem que com as suas ferramentas — uma vergonlea, agua, uma pouca de areia — ia consumindo os dias a perfurar e a polir o cylindro de cristal de rocha para o collar do seu chefe. Façamos d'esse homem um cento, d'essas ferramentas engenhos, da choça um palacio: amplifiquemos — eis ahi a fabrica. Porque motivo, porém, se dá essa amplificação? Dá-se porque, no desenvolvimento da sua arte, o homem reconheceu a effiçacia dos principios essenciaes do regime do trabalho productivo: a divisão e a cooperação. Na officina separam-se os mistéres e articulam-se as funcções; e a este motivo essencial e intimo vêm juntar-se as causas externas determinantes: o progresso das invenções que, creando os engenhos augmentou a productividade do trabalho, forçando tambem á centralisação fabril; o augmento da riqueza que permite a consolidação de capitaes nas construcções e machinas necessarias á industria; o desenvolvimento do commercio e da circulação em geral, por fim, que a seu turno permite e aconselha a centralisação da actividade productora de um certo

objecto n'um determinado lugar, por mãos de certa gente mais nas circumstancias de o fabricar, entregando-o para ser distribuido.

N'este caso, pois, achamos que se combinam as duas naturezas de distribuição a que alludimos mais de uma vez: por área e por especies. A circulação (vehiculos-commercio-moeda) distribue a riqueza geographicamente; a consolidação distribue-a por varias especies de capital; a industria fabril é o producto de uma distribuição pela outra, ou da especie pela área. Surge onde o capital e a circulação o indicam; em vez de subordinar a si a distribuição por área, subordina-se-lhe — porque? porque a fabrica não depende inicialmente, como a granja ou a mina, do « thesouro » natural intransladavel cuja exploração determina as lavras e as lavouras.

Eis ahi os traços particulares que distinguem uma fabrica d'uma granja e d'uma mina. Em todos estes typos é commum a acção, identicas as modalidades do capital; mas, se nos precedentes a primeira das immobilisações como que se funde na terra, quer em galerias e poços, quer em desbravamentos, esgotos, irrigações e plantios, n'este ultimo a immobilisação principia com as construcções. Salvo os edificios, cujos materiaes são ainda assim deslocaveis, tudo o mais é relativamente movel. Observam-se n'isto, pois, differenças, sem se verem alterações essenciaes.

Mas já não é o mesmo quando consideramos as funcções particulares de cada um dos typos do nosso estudo. Exploração mais ou menos adiantada ou scientifica de um « thesouro », na mina e na granja o regime do trabalho é subsidiario; na fabrica esse regime é o proprio motivo da sua existencia, pois ella não provém senão da conveniencia de baratear a

produção. Assim, ao passo que a lavoura é sempre inclinada á conservação, á tradição, chegando a ser retrograda nos seus processos e no espirito da gente que vive da terra, a industria é por indole progressiva e innovadora nos processos tambem e no genio das populações fabrís. A fabrica, segundo vimos, nasce de tres condições de desenvolvimento — do saber technico, do commercio e da riqueza. Levantase para centralisar a produção, barateando-a com o emprego de engenhos ou machinas; e isto que é a sua propria razão de ser, é na granja e na mina grave sem duvida, mas subalterno, pois a razão de ser de ambas está no «thesouro» natural dos filões, ou de uma gleba fertil, ou de um local preferido.

Só muito recentemente, em nossos dias, os motores mecanicos se começam a introduzir na lavoura, quando, ha muitos seculos já, o vento e a agua tocavam os moinhos — typo e até denominação generica das fabricas. Se o lavrador pôde bem depressa substituir a enxada pelo arado e fazer dos bois e dos escravos motores-de-sangue dos seus engenhos, já o vento e a agua tocavam moinhos quando ainda nas velhas minas do Laurio a extracção da galena argentifera se fazia ás costas de escravos que tambem ás costas, em baldes, traziam á superficie a agua das galerias subterraneas. Hoje o vapor eleva os minerios, esgota os subterraneos e move os dentes agudos das charruas nas planicies das lavouras cerealiferas. Substituiu as velas que tinham substituido os remos das naus, tocados pela chusma dos captivos: ¹ pois tambem nas orgias desvairadas da historia, as conquistas, arrebanhando os vencidos, amesquinhavam a valia do motor-homem.

¹ V. *Historia de Portugal* (3.^a ed.) I, pp. 243-5.

Em Athenas, no tempo de Demosthenes, um cavallo custava dois escravos.

Na abundancia dos captivos, o pequeno valor do homem, embora a mais intelligente e util das machinas-animaes, é em si uma causa de paralyção social: assim os ataques ás normas moraes-rationaes se tornam motivos de empobrecimento. Columella dá a cada lavrador tres escravos, isto é, quatro ou cinco vezes mais operarios do que ha meio seculo necessitava a agricultura ingleza para uma área egual de terreno — segundo diz Roscher. Na Antiguidade um pastor guardava entre vinte e oitenta ovelhas, hoje guarda tres ou quatro centos. A' maneira que o homem vale mais, mais se excita o genio inventivo da humanidade para substituir aos motores-humanos os mecanicos, ou á força-de-sangue as forças elementares da natureza — vento, agua, vapor.

O vapor é recente, mas o vento e a agua são remotos. A roda gira com a corrente da levada, o eixo move-se com o girar das velas que o vento bate: agua e vento, escravos que não pedem pão, revolvem as mós, girando, rodando, em circulos successivos, moendo o grão que chegou da granja onde, circulando tambem, o lavrador e os bois ruminam o seu trabalho. O moinho é um automato, a fabrica um machinismo artificialmente vivo. O moinho é a primeira fabrica: moer o grão foi de certo a primeira industria, a roda o primeiro engeho-motor. Ainda hoje em Inglaterra uma fabrica se chama um moinho — « mill »; ainda na primeira metade do seculo os allemães usavam do mesmo termo « mühle » com o mesmo valor; e « moulin » diz-se em França de toda a machina que, tocada por um motor, contunde, amassa, tritura, cunha, forja, um determinado objecto.

Ora que foi, como foi, o moinho primitivo — ou antes, de que modo se transformou em pó o grão das cearas, ou as sementes de que já fazem pão os povos que ainda não lavram? Esmagando-o á mão, com uma pedra sobre uma lage, percutindo em vez de friccionar, por meio de golpes verticaes em vez de movimentos rotatorios — esses movimentos circulares que são a formula de todos os machinismos. Não são tambem a formula do movimento sideral do mundo? e o symbolo de toda a existencia?... Esmagando-o á mão, dissemos: ainda hoje muitas populações sudanianas ignoram a mó, e até o almofariz. Como os italos, antes de conhecerem os seus « pistores » e « molitores », esses negros, triturando sobre uma lage a sua *murhaga*, esmagam os grãos com uma pedra semelhante áquella com que os latinos faziam a « mola salsa » dos sacrificios. São tambem d'este genero as mós dos celtas, descobertas pela archeologia moderna: uma lage, onde o attrito ou a arte fez uma depressão concava dentro da qual trabalha, a « mão » — isto é, a pedra sobre que a mão do moleiro actua.

Actua, como? percutindo e friccionando: o moer vem espontaneamente da successão dos golpes. Da proto-mó nascem, divergindo, dois engenhos — a mó verdadeira, e o gral ou almofariz « pilum » ou « mortarium » em que o latino esmagava o trigo antes de ter moinhos. A mó kabyla apresenta um typo transitorio entre a lage e a « mola » romana: é uma pedra circular e convexa que assenta no chão e sobre a qual veste uma outra pedra, conica exteriormente, concava no interior, adaptando-se á superficie convexa em que assenta. Essa pedra circular superior tem no vertice um furo por' onde o grão entra, e n'um lado outro orificio onde se engasta um cabo. O kabyla, sentado, com a mão di-

reita faz girar pelo cabo a mó, com a esquerda vae deitando o grão que é esmagado pela fricção entre as duas pedras.

A « mola » romana é este mesmo apparelho aperfeiçoado. A pedra inferior « meta » é um cone, a superior « catillus » veste-a, mas continua em altura, escavada, para formar o recipiente do trigo que um orificio deixa passar grão a grão para a camara de fricção. Por fóra, a « mola » é como um cippo, onde estão engastados dois braços horisontaes: por ahi o escravo andando imprime ao « catillus » a rotação sobre a « meta », moendo o trigo que se escôa pouco a pouco do recipiente superior para o moinho inferior.

Jungiam-se tambem animaes aos braços da « mola »: nos engenhos ou moinhos primitivos e ainda actuaes o motor-de-sangue é animal ou humano quasi indifferentemente. Bois ou homens movem o parafuso « cochlea » das prensas dos lagares onde a vara esmaga as uvas, ou as mós de pedra trituram a azeitona. Na Kabylia usam mulheres. O moinho consiste n'um tanque macisso, circular, sobre o qual gira rodando empinada uma mó; atravessa-a um eixo, articulado n'uma extremidade ao prumo erigido no centro do macisso ou tanque e apoiado n'uma viga que a distancia duas escoras mantém, prolongado na outra extremidade onde as mulheres, passando-o contra a cintura com os braços retrahidos, lhe imprimem o movimento. Andam, anda a mó, e, cantando no seu trabalho, fazem côro ao gemer das bagas negras esmagadas, espremidas. O « trapetum » romano era como o moinho kabyla, mas duplo: no prumo articulavam-se dois eixos, com as suas mós, « orbes », e cada eixo era tocado por seu motor.

Temos aqui a percussão simples transformada

em compressão pela mó circular — pela roda que unifica e como que eterniza os golpes, dando unidade e continuidade ao movimento. A roda é o primeiro elemento de todos os engenhos. O parafuso é o segundo. A mó torna em instrumento mecânico o acto da percussão, o parafuso regularisa a propulsão: gradua a marcha operando verticalmente. Se com a mó a arte inventou um malho ou martello permanente e sempre igual nos seus golpes, com o parafuso o homem normalisou o movimento, dominando e por isso utilizando o peso, propriedade dos corpos.

Primitivamente, o vinhateiro da Italia mettia a massa das uvas esmagadas pela pisa n'um cesto (fiscina) ou n'um cinto de regoas de pau (regulæ) como ainda se usa hoje. Uma pedra suspensa com uma vara comprimia a massa. Depois, a essa vara, para a mover, ligou-se o parafuso — e o engenho vulgar das nossas adegas appareceu construido; ao mesmo tempo que na prensa, « torcular, torculum », onde se comprime a massa de azeitonas do « trape-tum » e o bagaço do lagar de vinho, o parafuso como propulsor e compressor substitue as cunhas primitivamente usadas, mettidas a marro.

O parafuso não é senão uma successão de circulos, que em vez de se encerrarem, se desdobram progredindo; a roda, unificando os momentos, normalisava a acção: o parafuso torna indefinido e progressivo esse movimento já normalisado. Os elementos dos engenhos são estes: o homem que com as ferramentas — os buris e alavancas, os gumes e serras — como que creou para si outros tantos membros artificiaes, dominou com os engenhos as propriedades activas das cousas, extrahindo do seu pensamento mecanismos absolutamente novos — n'este sentido que nem são complemento, nem imitação dos

seus membros naturaes. Por isso a fabrica é o typo das invenções materiaes: um raciocinio em acção.

Uma machina é um corpo automatico, e o automatismo é o primeiro grau da autonomia. Falta aos engenhos mecanicos o que os animaes têm: a propriedade de se restaurarem a si proprios, digerindo os alimentos. E' mistér que um propulsor externo, um « motor » os ponha em actividade. O sangue vivo, animal ou humano, depois a agua e o vento, eis os primeiros motores que a machina-de-vapor, organismo mecanicamente quasi animal pois digere, veiu em nossos dias subalternisar. Substituir-se a si pelo gado é uma idéa simples para o homem, tão semelhante dos animaes que desde que teve escravos logo confundiu com os brutos os seus semelhantes. Substituir, porém, a força motriz animal pela força que a natureza desenvolve nos seus movimentos, eis ahi o que reclama uma construcção mais adiantada do raciocinio. Mas esse esforço da invenção, reclamado pela multiplicação dos desejos, era servido pela accumulacção da riqueza. O homem sentiu-se pequeno, fraco, insufficiente para mover engenhos cada vez mais poderosos, ao mesmo tempo que sentia cada hora uma repugnancia maior por um trabalho tanto mais fatigante, quanto não dispertava o seu interesse. Moera o grão manualmente, mas desde que inventara o moinho não se sentiria deprimido tocando o braço da mó? O trabalho fatiga tanto mais quanto o producto é menos pessoal: no moinho já não sou *eu* quem móe — é elle, o moinho, são ellas, as mós, de que me sinto o servo! Não é isto o que se vê hoje que o vapor *mecanisa* tantas industrias?

O desejo de inventar motores de emancipação cresceu pois, cresce, em razão directa do desenvolvimento mecanico. Desde que a ferramenta ma-

nual se substitue por engenhos movidos pelo homem, torna-se logo necessario substituil-o por forças naturaes de outra especie — mortas. De um lado o proprio homem protesta, do outro são as proprias machinas que o reclamam. Os engenhos tornam-se pesados e complexos, e sente-se a escassez da força humana ou animal, sentindo-se ao mesmo tempo a falta de uma continuidade, de uma uniformidade incompativeis com a acção de seres voluntarios. O animal e o homem tornam-se insufficientes e inadequados. E' mistér vender os olhos ao boi que anda á nóra; é mistér deprimir o homem que move o engenho: o boi entonteceria, o homem revolta-se, protesta, e insurge-se.

Mecanisar o animal e até o proprio homem tornando-os « motores » é simples; mas inventar os meios de utilizar o vento e a agua é um d'estes factos a que não chegou a capacidade de muitos dos homens: por isso tantos ficaram eternamente escravidados! Nós proprios occidentaes não chegámos a tirar da nossa observação e do nosso raciocinio essas descobertas. Os moinhos de vento mais simples só foram conhecidos depois das Cruzadas; e as azenhas, ou « hydraletes », só se introduziram em Roma no tempo de Cesar.

Todavia, os romanos que possuíam engenhos hydraulicos bem semelhantes, nunca tiveram a idéa de os applicar como motores aos moinhos — tal é a difficuldade de transpôr ás vezes um passo breve! A alimentação e as regas tinham provocado a descoberta de aparelhos variados — o « tolleno », ou cegonha, « ciconia » como os hespanhoes chamavam a essa vara apoiada n'um garfo, tendo um balde n'uma ponta, um peso na outra, e ainda tão commum pelos nossos campos; — a « rota aquaria » e a « cochlea » ou caracol-d'agua actualmente vulgar

na Allemanha, ainda usado no Egypto: um cylindro longo revestido por um tubo delgado em helice, obliquamente immerso na parte inferior, e tocado por um torno braçal.

Se o «tympanum», ou tambor, era movido internamente por escravos andando, para erguer pesos ou agua, a «rota» movia-se a si propria, ou antes movia-a a agua corrente e com o movimento levantava, no seu cinto de baldes, uma porção da propria agua motriz. Como não occorreu applicar a «rota aquaria» ao moinho, tornando motor esse instrumento de irrigação? Facto é que não occorreu: a azenha só veiu da Asia para Roma no tempo de Cesar. E o moinho de vento só veiu seculos depois, com as Cruzadas.

A roda e as velas, a agua e o vento, libertavam milhões de homens. «Se cada ferramenta, dizia Aristoteles, podesse desempenhar as suas funcções, como as obras primas de Dedalo movendo-se por si proprias, ou as tripodes de Vulcano malhando espontaneamente; se a lançadeira do tecelão marchasse por seu pé, e se o plectro vibrasse por si só as cordas da lyra, não careceriamos de escravos.» Foi até certo ponto assim quando a agua veiu mover os moinhos. Antipater cantava: «Poupae os braços ao trabalho das mós e dormi socegadas, ó moleiras! Deixae cantar o gallo annunciando o dia! Ceres impoz ás nymphas o trabalho das moças: não as vês saltando loucas na roda? não vês o eixo girando levar comsigo o raio, arrastando a mó pezada? Vivamos pois a vida de nossos paes e ociosos cantemos os dons da divindade!»

Ai! choremos nós, que a cada passo andado no caminho da liberdade, andamos outro na estrada da perdição. Com um braço impomos o nosso dominio á natureza — com o outro ao nosso semelhante.

Como o mundo seria uma harmonia, se ao desenvolvimento progressivo da nossa riqueza correspondesse um desenvolvimento paralelo do nosso character! Não é assim. A propria força, a propria riqueza, a propria victoria, pervertem. Aprendemos a utilizar o animal? logo fizemos o escravo, explorando do mesmo modo o homem e o boi. Soubemos quanto o capital fructifica a terra? logo a usurparam os que o podiam. Ensinaram-nos a usar do vento e da agua, a usar do vapor? dir-se-hia que a paz, a liberdade e a riqueza saíriam d'esses dons da « divindade », como o grego dizia. E não foi, não é assim. Cada passo victorioso é uma nova desgraça. A industria antiga tinha escravos; a moderna tem um proletariado — escravos investidos em direitos civis mais ou menos positivos, e em direitos politicos irrisorios. A Antiguidade acabou afogada pela sua riqueza; os nossos tempos debatem-se na orgia de uma opulencia incomparavelmente maior. Porque será que a cada passo chrematistico, a cada progresso da riqueza corresponde uma crise, e de cada victoria sobre a natureza nascem motivos de revoluções ou cataclysmos?

Tambem hoje ha quem entôe os hymnos optimistas do grego: cantam-nos os que no ocio doirado não ouvem com o silvar das novas machinas os gemidos das turbas miseraveis.

O segredo d'estas contradicções está na propria natureza dos nossos instinctos humanos. Umas paginas de attenção ainda, e ver-se-ha o motivo de tamanhos contrastes.

V

A cidade da riqueza

Visitámos isoladamente cada um dos tres edificios que a compoem : a mina, a granja, a fabrica ; sabemos qual e como é a sua pulsação : vehiculos, commercio, moeda. Resta-nos observar agora estes phenomenos no seu conjuncto, para estudarmos as consequencias que produzem.

Vimos no desenvolvimento da população a causa das consolidações de capital nos varios typos observados ; veremos agora os resultados d'essas consolidações no seio da cidade cuja existencia provém, como sabemos, do crescer de uma população que os vinculos familiares ou consanguineos não bastam já a ligar.

Vimos ainda que, n'esses typos complexos de aggregação social, a riqueza, caracterisada como capital-sobras ou capital-instrumentos, apresenta tres modalidades : fixa, movel e circulante. Convém insistir de novo no character apenas formal d'estas denominações, para encetarmos por ahi a serie de considerações e estudos a que somos chamados.

Não ha na realidade capitaes fixos, moveis ou circulantes, exclusiva e propriamente ditos : ha capital que dynamicamente se fixa, se move ou circula. Assim um mesmo objecto póde ter alternadamente varios caracteres. Um ferreiro toma um pedaço de barra que é, como materia-prima ou

mercadoria, um capital movel, e faz d'elle um cravo onde pendura as suas tenazes: eil-o capital fixo. Volta depois, e d'esse mesmo cravo ou escapula faz um buril: eil-o outra vez movel como ferramenta — se é que as ferramentas não devem antes incluir-se no capital fixo da officina, pois lhe são tão inherentemente indispensaveis como a forja. Torna ainda o ferreiro, e do buril-ferramenta faz uma cavilha para a roda de um carro: eis que o ferro, incorporado n'um vehiculo, se torna capital circulante. O mesmo objecto, em varios estados e até no mesmo estado sob funcções diversas, reveste caracteres diferentes. O buril do ferreiro agora é ferramenta: logo, quando para o aguçar o artifice o mette ao lume e levando-o á bigorna o martella, logo, esse buril é manufactura: sem mudar de estado, mudando apenas de funcção, foi n'um breve lapso de tempo capital de duas especies.

Eis aqui outros exemplos :

OBJECTOS	MODALIDADE DO CAPITAL	
	FIXO	MOVEL
Terra }	como gleba agricola produtora ;	como grés, hulhas, cal, etc. materias-primas fabris ;
	—	—
	MOVEL-INSTRUMENTO OU FERRAMENTA	MOVEL-MERCA- DORIA
Animaes. }	como machinas de trabalho ou reproducção ; v. g. — o boi de carro — o cavallo de padreação	como materia-prima de alimentos ; v. g. — o boi-gordo — o poldro de remonta.
	—	—
	MOVEL-MERCADORIA	CIRCULANTE
Metaes... }	além dos exemplos antecedentes, v. g. o ouro em barra ou pó ;	os mesmos animaes na tracção de vehiculos ; e com elles o ouro em barra ou pó, quando servem de moeda.

Até aqui temos usado das denominações fixo, movel e circulante n'um sentido apenas phisico ou material; temos chamado fixos aos capitaes que, immobilisando-se, se tornam intrasladaveis; moveis aos que são susceptiveis de trasladação; e circulantes, por fim, aos vehiculos, não só positivos como ideaes, não só aos carros e navios como á moeda. Póde já agora, no desenvolvimento do nosso estudo, conhecendo as funcções activas do capital, satisfazer-nos esta distincção exterior e material, como dissemos? Não.

Chrematisticamente, é tão fixo o capital « terra » como o capital « gado », sem o qual essa terra seria improductiva; tão fixa a galeria de mina ou a installação da machina-motriz e do forno, como todas as alfayas e ferramentas sem as quaes nem a mina nem a fabrica poderiam laborar. Na cidade da riqueza, para a producção de objectos, é fixo todo o capital que, sendo indispensavel, « se não transforma immediatamente » por ser apenas instrumental. Transforma-se mediatamente, ou antes soffre uma usura, pois não ha capitaes eternos nem gratuitos n'este sentido, e é isso o que determina a necessidade da amortisação no calculo do preço dos productos. A terra, typo de capitaes fixos, a propria terra soffre uma usura que annualmente se repara com adubos; os animaes têm um periodo limitado de existencia, as ferramentas e engenhos uma epocha de duração.

Chrematisticamente, só é capital movel aquelle que « se transforma inteira e immediatamente »: o seu typo é o alimento. O boi, como machina de trabalho, era pois capital-fixo: agora, levado ao açougue para carne, é movel. O grão, considerado como provisão de sementes indispensavel á exploração rural, era capital-fixo; agora, depois da colheita, levado

ao mercado para ser vendido e panificado, é movel. Capital-movel é pois o objecto que se transforma, fixo o instrumento da transformação.

Resta-nos porém uma terceira especie: o circulante. Mas basta o enunciado precedente para reconhecermos que essa especie, embora caracterizada particularmente, ha de por força incluir-se em uma das anteriores. E' objecto ou instrumento? A resposta é obvia: os vehiculos não são objecto; o capital circulante, embora phisicamente seja o typo da mobilidade, é chrematisticamente fixo. Como se valorisaria a producção, se se não pudesse transportar? como se multiplicariam as trocas do commercio se não houvesse moeda? No conjuncto dos capitaes chrematisticamente fixos havemos pois de distinguir tres especies:

- a) os que o são também phisicamente;
- b) os que, sem o serem, são para a riqueza como se o fossem, podendo n'um momento dado transformar-se de instrumentos em objectos; e finalmente
- c) os circulantes que, entrando na categoria precedente, se distinguem todavia d'ella por caracteres proprios.

Esses caracteres provêm da sua funcionalidade e não da sua natureza. O capital-fixo *gera*, o movel *muda*; um cria, o outro transforma-se. O circulante nem gera, nem se transforma — transporta. Está entre a criação e a transformação como um medianeiro, phisico nas deslocações como vehiculo, abstracto no commercio como moeda. A estas tres funcionalidades do capital correspondem, como se vê, as tres grandes zonas da cidade da riqueza: Producção, Circulação, Consumo. Os capitaes fixos produzem, os circulantes transportam e trocam, os moveis consomem-se; mas os dois primeiros expri-

mem o lado activo da vida chrematistica, o terceiro o passivo, e por isso, n'um ponto de vista mais abstracto, as tres especies reduzem-se a duas: fixo e movel.

Ora desde que nós principiámos a vêr o homem distrahir uma parte do seu trabalho diario para construir uma ferramenta, instrumento de economia de trabalho ulterior, descortinámos logo o principio vital do organismo chrematistico. Esse principio é a consolidação de capitaes moveis. Progresso póde n'este sentido restricto definir-se como transformação crescente de objectos em instrumentos, ou de bens moveis em fixos. Por isso, na cidade chrematistica, á maneira que a consolidação cresce, diminue o consumo proporcional dos capitaes moveis: as cousas obtém-se por menos preço, os desejos satisfazem-se com menos custo. No fim do seculo passado, para fabricar uma tonelada de ferro gastavam-se nove de carvão; ha dez annos gastavam-se tres; hoje basta menos de duas. Mas se o consumo de capital-movel se reduziu assim á quinta parte, quem póde comparar a immobilisação necessaria a um alto-forno de hoje com o que era ha um seculo? Ha trinta annos, para ir de Lisboa ao Porto, gastavam-se tantos dias e tantos pintos quantas horas e tostões se gastam hoje: mas a esta economia de tempo e dinheiro, a este consumo menor de capital movel, corresponde a immobilisação correspondente a umas centenas de kilometros de via ferrea.

Assim, no dynamismo chrematistico, o consumo dos capitaes moveis está em razão inversa da consolidação e do rendimento dos capitaes fixos; quanto maiores estes forem, quanto mais poderosos e efficazes, menor será o dispendio d'aquelles, menor por isso o trabalho immediato do homem, mais longa a vida, mais livre o tempo. E, se tal é a summa dos

desejos do homem, como se não ha de exprimir a sua existencia progressiva por uma tendencia permanente a converter o que é movel em fixo? Assim, na cidade da riqueza, cada dia que passa no seio da paz e do trabalho, junta uma pedra ao edificio tão antigo como o homem, uma parcella ao thesouro accumulado pela humanidade.

Mas essas pedras successivamente aggregadas soffrem a acção do tempo: não ha edificio eternamente duradouro. E' mistér, pois, que no decurso do periodo de duração de um capital fixo, o seu custo, esse valor immobilizado que vae dia a dia consumindo-se, se distribúa pelo preço dos objectos que elle, funcionando, produz ou transforma. Chama-se a isso amortisação: esse é o elemento primordial, essencial, do rendimento dos capitaes fixos, — do Juro. Não é todavia o unico, nem praticamente o mais grave.

Considerando até aqui abstractamente a conversão de capitaes moveis em fixos, determinada pela natureza dos desejos humanos, esquecemos na cidade da riqueza o seu habitante: esquecemos o proprio agente d'essa conversão incessante. Os mesmos desejos que se exprimem objectivamente na consolidação, presidem particular ou subjectivamente ao acto da conversão. Quando eu, dispondo de uma quantidade determinada de capital-movel, o immobilizo, obedeço deliberada e individualmente aos motivos que espontanea e collectivamente fazem progredir as sociedades. Consolido para d'ahi tirar uma renda ou um juro, porque esse juro ou renda virá diminuir o meu trabalho, augmentar a minha liberdade. Em tal caso, que é o juro? E', como Jevons diz, « a razão do augmento do producto dividido pela totalidade d'esse producto ». Com o meu capital fui abreviar ou baratear uma determinada

especie de producção, e o juro d'esse capital exprime essa economia. Será tanto maior, quanto maior fôr a economia.

Assim, o juro apparece como uma amortisação sommada a um lucro; mostra uma origem objectiva e outra origem subjectiva; denuncia um elemento constante e outro alteravel — pois, se a amortisação ha de forçosamente dividir-se pela totalidade dos productos e não ha nas leis da riqueza motivo capaz de o impedir, o lucro, isto é, a vantagem particular de um certo acto, póde alterar-se ou deslocar-se sem que isso importe destruição de capital. E' o que praticamente se observa quando vemos que por via de regra o juro é tanto menor quanto são maiores as immobilisações n'uma sociedade.

Qual é a theoria d'este phenomeno? E' a mesma que deixámos exposta ao tratar da valorisação das cousas. Não póde haver consolidações abundantes sem que o sejam os capitaes-moveis, e quanto mais abundante uma cousa é menos vale. Dissemos que para um homem faminto um primeiro pão era inestimavel, um segundo tinha ainda apreço, um terceiro era desdenhado, um quarto aborrecido: da mesma fórma, na cidade da riqueza, um primeiro capital que vem consolidar-se para satisfazer desejos urgentes se pagará pelo juro de 10, um segundo pelo de 6, um terceiro pelo de 2 — até que a offerta seja demasiada. Não vemos já hoje os bancos em procura de collocações para os seus fundos, em vez de vermos industrias famintas a desejar por todo o preço o capital-movel?

Ora se o progresso chrematistico se exprime por consolidações, se as consolidações são progressivamente barateadoras e creadoras de productos ou capitaes-moveis, se na superabundancia as cousas deixam de ter um valor só proveniente da escassez —

é absolutamente incontestavel que na plenitude da riqueza, na superabundancia do capital, o juro, considerado n'este seu elemento essencial que vimos analysando, desaparece tanto como o valor do ultimo pão para o homem saturado de alimento. Por isso, salvas condições particulares que actuem sobre a amortisação, sobre o risco, sobre os elementos subalternos do preço do capital, o juro, n'este seu elemento nodal ou visceral, baixa em razão directa do augmento da riqueza, e desaparece na plenitude d'ella. Superabundante, o capital perde a valorisação e torna-se tão gratuito como o ar que em condições normaes é illimitado para nós, ou como o lume desde que a serie das invenções collectivisou ha muito essa riqueza que fôra onerosa em tempos remotos.

Esgotámos porém a serie dos elementos componentes do juro? Não. Observámos apenas os que provém da consolidação ou fixação do capital: ha um outro elemento proveniente da circulação. No commercio, as trocas de mercadorias exprimem-se por dinheiro:

$$\begin{array}{c} M - D - M \\ D - M - D \end{array}$$

Estas duas formulas incluem toda a especie de transacções. O dinheiro é mediador, sendo tambem como que mercadoria. Indispensavel á circulação e por isso essencial para a valorisação dos productos, a moeda, sendo como é em si um producto — e até um producto preferido pela sua escassez, — sujeita-se como todos os objectos analogos á lei da offerta e da procura, ou ao principio do valor inverso no sentido da abundancia. Limitada como objecto, a moeda tem como capital um preço, uma renda: eis

ahi o terceiro factor do juro. Se aos elementos analysados accrescentarmos o risco eventual que torna indeterminavel a amortisação, podemos formular assim :

$$A \times R + L + P^d = J$$

A amortisação pelo risco, mais o lucro, mais o premio ou o preço da detenção do dinheiro, compoem com effeito na sua totalidade o juro, exprimindo os onus da consolidação e da circulação.

Mas, se na plenitude da segurança o risco é nada (para tanto se inventaram os seguros), se na plenitude da riqueza o lucro desaparece, como vimos, tambem no pleno desenvolvimento da circulação desaparece o premio do dinheiro, pois o credito, nas suas variadissimas modalidades (notas, cheques, letras, etc.), torna-o tão superabundante quanto a civilisação em geral torna superabundantes os capitaes moveis. Do juro fica apenas o elemento da amortisação — indestructivel, pois só é fecunda aquella consolidação cuja usura se distribua com economia pela somma dos productos obtidos.

Eis ahi os traços mais geraes da structura elementar da cidade da riqueza. Abrangem essas leis, no seu conjunto, todos os typos ou todos os edificios que a compoem: a fabrica, a granja, a mina. Mas, emquanto os analysavamos isoladamente, vimos que, se a fabrica era uma creação plenamente industrial ou inventiva do homem, tanto na granja como na mina descortinavamos, para além de todos os capitaes consolidados, um fundo, um « thesouro » primitivo apropriado pelo homem, não porque o tivesse creado com o seu trabalho, pois fôra a natureza o seu author, mas apropriado para o fructificar

explorando-o. O conjuncto das leis do capital e do juro, bastante para conhecermos o regime da fabrica, não basta portanto para conhecermos inteiramente o da mina nem o da granja. Se ha ahi « thesouros » que não provém do trabalho humano, como podem as leis do capital incluir em si os productos da elaboração gratuita da natureza? Não fomos nós que fizemos os filões, nem os jazigos de hulha, nem as glebas ferteis da terra-negra. Para além, pois, dos rendimentos do capital, necessitamos analysar o rendimento dos thesouros naturaes: depois do juro, a renda.

Se o juro é, como vimos, historicamente inherente ao capital, a renda é tambem inherente á terra, quer como gleba, quer como filão ou jazigo. Dizemos historicamente n'este sentido, que para o desenvolvimento da exploração da terra é indispensavel que o capital se lhe applique mais ou menos, que ella seja por isso dividida e apropriada, conforme por mais de uma vez temos notado. Não dizemos chrematisticamente, pois se na plenitude da riqueza não ha juro, menos ainda póde haver rendas fruidas por donos de terras ou minas.

Não confunda pois o leitor o nosso modo de discorrer com as opiniões temerarias que fazem hoje, em nome de um idealismo socialista que atacaria as origens da riqueza, o mesmo que fizeram hontem os moralistas christãos. Para o juro desaparecer é mistér que a riqueza seja plena e a ordem social perfeita: da plenitude estamos ainda longe, e tambem da ordem; mas se podemos actuar sobre esta de um modo directo, sobre o desenvolvimento da riqueza podemos apenas actuar indirectamente.

Eis ahi a legitimidade historica, e não chrematistica nem abstracta, do juro e da renda.

Esta ultima, que ninguem póde negar nas minas

(e por isso a legislação mantém ainda n'esta especie reservas particulares), negou-se todavia na terra com argumentos mais ou menos paradoxaes. Confundindo-se a funcção com a substancia, disse-se que a terra em si não possui valor, que todo o seu merito actual vem do capital consolidado no seu seio: doutrina só verdadeira no sentido de que a terra, como todas as cousas, só tem com effeito valor quando, por escassa, custa trabalho (ou capital) a utilizar; doutrina, porém, evidentemente erronea pois, por enorme que seja o capital consolidado n'uma terra (ou n'uma mina), esta propria expressão está dizendo que terra e mina eram anteriormente alguma cousa. Esse « alguma cousa » é aquillo a que nós temos chamado « thesouro ».

Thesouro a terra, porque? por ser sempre relativamente escassa, como área; por ser desigual na utilidade das suas parcellas como distancia; por ser tambem desigual como fecundidade. Diz-se que a terra é como o ar: será, quando, por exemplo, ha oito kilometros quadrados para cada homem, como na America dos indios; mas não é quando sobre um kilometro vivem vinte ou trinta como Humboldt viu nas veigas de Guanaxuato, ou quando esse numero se quadruplica á maneira do que succede em mais de um ponto da Europa. Assim o ar é tambem superabundante como a terra quando nos achamos sobre um campo, e é como a terra escasso quando nos achamos na galeria profunda de uma mina ou dentro de uma camara pneumática escavando o alicerce do pilar de uma ponte. As cousas, e com ellas a terra e o ar, têm ou não têm valor conforme são abundantes ou escassas. A terra pois valorisa-se com o augmento da população, independentemente da intensidade maior ou menor de capital consolidado para a explorar utilmente.

Valorizada de tal modo, como se concebe que seja identico o valor de cada parcella? Ou seguiremos a opinião extravagante dos que pretendem achar na acção do capital o meio d'essa identificação, dizendo que são exactamente as terras mais naturalmente fecundas as que exigem mais capital; e que por isso a utilidade productiva do «the-souro» primitivo, por se não differenciar, não cria rendas? A perspicacia do leitor dispensa a analyse de tamanho desproposito.

Dissemos, parece-nos, tudo o que ha a dizer ácerca do papel do capital na terra. E' tão grande, que n'uma lavoura scientifica, ou na exploração intensiva das regiões hortícolas de população densissima, póde dizer-se que o solo se reduz ás proporções de lugar ou laboratorio. A sciencia com os adubos exóticos ou artificiaes, com as drenagens e irrigações, e a paciencia com o trabalho incessante, com os adubos naturaes, com os matos fermentados, com as algas e mariscos do mar, ou dão á gleba arida uma fertilidade que não tinha, ou restauram-lhe as substancias que incessantemente a vegetação exhaure. Mas ainda n'estes casos extremos, ainda quando primitivamente houvesse apenas rocha ou areia secca, ainda assim, entre duas parcellas semelhantes valerá mais aquella que estiver mais proxima do mercado de abastecimento e de venda. E' que a renda não provém apenas da fecundidade primitiva: nasce igualmente das condições do local.

Entretanto, qual é a terra absolutamente desprovida de substancias uteis? qual é a gleba em que a fecundidade seja exclusivamente capitalista ou artificial? Toda a terra, póde dizer-se, é mais ou menos como uma mina; toda contém substancias que a natureza, e não o trabalho humano, elaborou. Não serão como filões metallicos ou jazigos

de hulha, a argila, a areia, o nitrogenio, a potassa, o phosphoro, a cal—essa enorme serie de substancias mineraes que se transformam em louças, em vidros, em cearas e em arvores? Toda a terra é pois, n'este sentido, um «thesouro» ou um jazigo; sendo toda ella um laboratorio que tambem gera o producto no seu seio, de um modo natural que a industria humana não póde reproduzir.

Como se concebe, pois, que na variedade indefinida, infinita, das condições e combinações naturaes se possa dar uma constancia de quantidade no «thesouro» e uma constancia de actividade efficaç no «laboratorio»? Aqui abunda a cal e a gleba é humida, além a areia e é esteril; aqui escasseia o enxofre, além o ferro; n'um lugar sobram, n'outro faltam substancias como o nitrogenio ou o phosphoro necessarias á vida organica.

A renda nasce pois d'estes dois elementos que temos estudado: *a*) o local, pela distancia e difficuldade variavel de conduzir o producto ao ponto de consumo; *b*) a fertilidade, variavel tambem, da terra como «thesouro» e «laboratorio».

Ainda quando a applicação indefinida do capital á terra podesse annullar este segundo motivo, ainda assim restaria o primeiro que com effeito é tão commum á mina e á granja como á fabrica—quando ella pede ás forças naturaes fixas o seu motor: por isso a machina de vapor, transportavel, ganha por toda a parte a primazia sobre os motores hydraulicos. Mas a producção da terra não augmenta, não póde augmentar sempre em proporção do dispendio consolidado, conforme tão lucidamente o expôz Mac-Culloch. Não augmenta em relação com o desembolso, embora possa crescer indefinidamente, mas em proporção menor. Um primeiro capital é como o primeiro pão do fa-

minto, um segundo *vale* menos, o terceiro menos, etc. Nas successivas consolidações que faço n'uma terra cada uma d'ellas é menos productiva do que a anterior: qual será pois a ultima? Aquella que me produza o equivalente do juro ordinario ou actual-normal do capital: ahi paro, pois proseguir seria prejudicar-me. D'onde resulta que o excesso de rendimento das consolidações precedentes, superior como é ao juro actual-normal, se torna uma renda; concluindo-se de tal fórma que, independentemente das origens primordiaes da renda, a applicação do capital á terra, em vez de a annullar, vem adicionar-lhe uma causa de outra especie.

E' por isso que, sempre que se observa desenvolvimento de população e riqueza, observa-se uma progressão no valor das terras e na importancia das rendas fruidas pelos seus proprietarios. Por isso uma terra que ha cem annos valeria a renda de dez, hoje, sem que houvesse consolidações novas de capital, sem que se alterassem as condições, vale vinte, trinta; por isso tambem nos contractos de aforamento, sem laudemios, em que a renda se mantém eternamente inalteravel (essa é a sua excellencia), vemos ser hoje uma importancia minima, quasi ridicula, a quantia que ha seculos representava o juro actual-normal da importancia em que a terra era avaliada.

Construida por consolidações a cidade da riqueza, como a cidade civil se construe com leis, achamos a convergencia das duas correntes — a chrematistica e a juridica — que se desenvolveram espontaneamente. Ha capitaes? ha propriedade. Ha rendas é juros? ha imposto. Ha trabalhadores? ha cidadãos. Ha riqueza? tem de haver governo e codigos. N'este momento, com o começar dos perio-

dos conscientes da historia, apparece uma especie de cogitações novas, denunciam-se as regras de uma sciencia pratica ou de uma arte — a Economia social ou politica, na qual as leis chrematisticas se ponderam, chegando a subordinar-se á jurisprudencia, porque antes da riqueza está a justiça, antes do lucro a moral; e se é excellente ser-se rico, é indispensavel ser-se bom. Na maldade a propria riqueza é funesta, sendo todavia má a moral falsa que condemna a riqueza: ella é a base da liberdade pratica do homem e um dos alicerces da sua liberdade ideal.

Congregados os homens, authores da propria riqueza, surgem os problemas economicos da conservação e da distribuição — não já em área, nem em especies, anteriormente estudados — da distribuição por pessoas. De quem serão os «thesouros» naturaes, pois é mistér serem de alguém para que fructifiquem? D'ahi a variedade infinita de fórmulas de propriedade e successão; d'ahi os impostos reguladores da distribuição. Como se conservarão, fomentando-se, os elementos collectivos da riqueza, as obras, os diques, as pontes, as estradas, as florestas, os canaes? D'ahi a authoridade economica do Estado, e a constituição dos dominios collectivos nacionaes. Basta, porém, conservar e consolidar a ossatura do corpo economico? Não; é mistér avigorar os musculos e os nervos, o capital e o trabalho, para que nem se destruam as sobras e instrumentos, nem se atrophie o agente das produções futuras. D'ahi as leis protectoras dos pobres e defensoras dos ricos; d'ahi o poder que, levantando os miseraveis, os castiga nos seus impetos desvairados; d'ahi as fórmulas infinitamente variaveis com o tempo, com o lugar, com os habitos, com as tradições, com as idéas dominantes, com a

sciencia, com a moralidade e com a força do poder: as fórmulas infinitamente variaveis das instituições economicas.

Póde haver norma absoluta, molde constante, na variedade omnimoda? Não. Por isso são egualmente chimericas a cidade communista e a cidade do individualismo: são abstracções equivalentes. Mas é facto que, se observamos summariamente o decorrer dos tempos, vemos na economia dos povos o mesmo que se vê na jurisprudencia: separam-se os poderes, delimitam-se as funcções, distinguem-se as esferas respectivas do Individuo e do Estado. Assim como a authoridade do patriarchado é, além de absoluta, universal, incluindo a legislação e o governo, a propriedade e a justiça, confundindo a familia e a nação: da mesma fórmula na economia da cidade primitiva da riqueza o Estado incluye no seu fôro as attribuições mais variadas e mais espezias.

O pontificado da velha Roma enraizava o seu poder religioso na funcção eminente da construcção das pontes do Tibre; a irrigação era na India uma das attribuições do poder soberano: foi-o no Egypto, na Lombardia, na Hollanda, na Hespanha meridional — por toda a parte onde a distribuição das aguas correntes constituia o grande «thesouro» colectivo fecundador dos campos. Não pára todavia nos limites que a sciencia de hoje reconhece naturaes e necessarios — embora de facto em nossos dias recuados pelo idealismo individualista! — a intervenção do poder na cidade primitiva.

Quereis exemplos? Eis aqui o dos nossos concelhos medievaes. A cidade economica é ahi tão exclusiva e tão hostile como a politica. Ao mercado da Guarda não podia vir vinho de fóra:

Todo homem que na Guarda ou no termo vinho de fóra do termo meter, peite cem maravedis e tomem-lhe as bestas e o vinho. — Todo visinho da Guarda que houver vinhas suas fóra do termo da Guarda e as per si aproveitar e quizer aduzir vinho á Guarda, jure primeiro pela festa de Sam Miguel nos Santos Evangelhos de outro vinho não aduzir, salvo o que houver em suas vinhas. (*Foros da Guarda*, nos *Ined.* v, 420)

Além de exclusiva, a cidade é cuidadosa em que não se commettam erros, nem abusos na lavoura, nem no commercio, nem no trabalho :

Las vinhas das aldeyas non nas vindimem até a festa de Santo Miguel e quem antes vindimar peyte cinco maravedis ; e os da villa non vindimem até oito dias depolla festa do Samiguel e quem ante vindimar senon por mandado dos alcaýdes, peite cynco maravedis. (*Ibid.* 421)

Oito dias seria naturalmente o bastante para compensar as distancias medias desde o termo ao mercado. Os foros de Castello Rodrigo (*Port. Mon. hist.*, 879-83) multam o homem de fóra que pescar nas aguas concehlias ; multam o regatão que fôr vender fóra do concelho a pesca e a caça, a lenha, as gallinhas ; mandam que o taverneiro ganhe o quarto e não mais ; mandam que só se venda e compre no mercado ; prohibem ao carniceiro vender rez viva ; marcam o preço dos objectos essenciaes : quatro relhas de arado por um morabitino, outro tanto por tres duzias de ferraduras, etc. ; condemnam o artifice desleixado ou burlão : « se a ferradura quebrar ou cair antes de nove dias, ferre de novo gratis », e todos os artifices que *lavrarem e mal ho fezerem* façam-no outra vez *sin precio*.

Como nos parecem barbaras, rudes, anti-cientificas, anti-liberaes, anti-economicas estas disposições ! Tal doutor-economista diria que essa gente,

privada dos beneficios do livre-cambio, se afundava de queda em queda nos abysmos da miseria — e entretanto essa gente enriqueceu no seu erro a ponto de vir a ser o Portugal abastado e populoso do seculo XIV. E' que na Economia-politica não ha formulas absolutas: ha apenas formulas historicas; e sempre se enriquece quando taes formulas não atacam as leis como que phisicas da Chrematistica.

Applique-se adequadamente o trabalho, circulem como convém os productos, consolidem-se productivamente as sobras, e a resultante será sempre uma riqueza progressiva — ordenada, se o seu fomento se der no seio de instituições historicamente adequadas ao grau e á extensão territorial da solidariedade de um povo; anarchica e desorganizadora da sociedade, primeiro, e depois d'ella propria riqueza, se se esquecer que os bens são um meio ou um instrumento da liberdade e não a essencia d'essa propria liberdade. A riqueza não póde ser um fim, e a pena de destruição esteve, estará sempre reservada para as sociedades que se envenenam com semelhante doutrina. Sermos ricos é necessario apenas para que sejamos livres, e sermos livres só nos serve para sermos justos. A riqueza é o instrumento que nos prepara o meio de attingir o summo fim da nossa existencia...

Tornando ao nosso assumpto, se nós vemos, com effeito, uma « separação de poderes » ou uma definição de funcções, quer na economia, quer na jurisprudencia, quando observamos como um todo o desenvolvimento das instituições de um povo; se vemos, com effeito, retrair-se a esphera de acção da authoridade, não é porque essa authoridade seja ou fosse uma aberração: é porque ao desenvolvimento da cultura collectiva cor-

responde um desenvolvimento expansivo e extensivo dos vinculos da solidariedade. O exclusivismo mercantil das communas da Edade-media, manteve-se, mantem-se ainda e talvez para sempre, amplificado na legislação economica das nações, desde que estes organismos mais vastos supprimiram a autonomia das communas, fazendo de cada nação o que ha seculos era cada cidade e cada aldeia — um gremio humano solidario. A authoridade reguladora do Estado, na circulação e no trabalho, circumscripta sim e definida, conservou-se; e se hoje, com o desvairamento doutrinario a temos deixado obliterar, surgem por toda a Europa os factos symptomaticos de uma restauração cada dia mais urgente para mitigar as orgias do capitalismo e prevenir as consequencias funestas da miseria de milhões de homens.

Resta agora perguntar d'onde vem, que motivo determina o apparecimento da authoridade economica na cidade da riqueza? Pois não é a natureza uma harmonia? e como uma phisica a chrematistica? E'; mas a attracção d'essa phisica são os « desejos », são as ambições do homem: d'ahi a riqueza nasceu. Póde manter-se por ahi? Não; porque esses « desejos » são instinctos apenas voluntarios, não são moraes, nem racionaes, nem juridicos. Esses outros instinctos que o homem tambem possui, são esses o fundamento da authoridade com que elle, nas leis que redige, impõe a si proprio uma norma. Assim, na machina, o vapor que move o embolo activo do cylindro, move ao mesmo tempo o volante que normalisa a marcha e o regulador que gradua a passagem do vapor.

Chrematisticamente ha uma formula unica de distribuição por pessoas — a concorrência. Toda a concorrência é uma guerra, e a harmonia natural é

o « combate da vida » como disse Darwin, « bellum omnium in omnes » como antes d'elle dissera Hobbes. Essa guerra, com as suas ruinas e as suas catastrophes, com os seus vencedores e os seus escravos, os seus ricos e os seus pobres, offende o instincto moral-racional do homem: d'ahi a instituição da Authoridade que é o regulador da passagem da força motriz chrematistica; d'ahi o Estado, volante da machina social.

CAPITULO QUINTO

A concorrência

I

A conquista

Resta-nos estudar agora, de um modo tambem objectivo, real ou historico, a ultima das phases naturaes da distribuição chrematistica: a distribuição por pessoas, conforme se dá no regime espontaneo da força entre povos hostís, e na economia interna de cada um d'esses povos. O principio das duas fórmulas de distribuição estudadas nos capitulos precedentes, conhecemol-o já: as exigencias da producção e do consumo determinam a distribuição por áreas ou circulação; a consolidação occasiona a distribuição por especies. A distribuição por pessoas, sem intervenção do direito, n'um regime natural e exclusivamente chrematistico, dá-se pela concorrência.

Os mesmos motivos de desejo ambicioso, de liberdade instinctiva, esses motivos, que nós vimos presidirem á formação da riqueza, são, nem podiam deixar de ser, os que presidem á sua distribuição. O desejo de augmentar a minha independência e a minha força, o instincto de expansão da minha personalidade, são exclusivos e absolutos. Actuei com elle sobre a natureza passiva, actuo sobre o meu semelhante desde que posso reduzil-o á passividade:

assim o vapor, entrando alternadamente nas duas metades do cylindro da machina, impelle o embolo em sentidos oppostos, expandindo-se. Mas, alternadamente, porque? porque a propria machina alterna a compasso e com egualdade o movimento da gaveta por onde o vapor ingressa, graduando a passagem com o regulador e o movimento com o volante. Repitamos pois: volante, regulador e sobretudo a gaveta que alterna a passagem, são na machina como são na sociedade economica as instituições e as leis. Desprovida d'estes apparatus a machina pára, estacando o embolo contra um dos tampos do cylindro: a concorrência, actuando por si só, é como o vapor. Expansiva, impelle diante de si tudo o que não póde resistir-lhe; mas como tambem na sociedade ha obstaculos indomaveis, assim a machina pára, assim tambem os povos em que a conquista deu plena expansão á concorrência estacam de encontro á escravidão, ás castas, por fim á miseria e á morte.

Todavia, nem o regulador nem o volante se moveriam, nada tendo a normalisar, se acaso os não movesse a elles a força expansiva do vapor agitando-se no cylindro: assim tambem na sociedade, paralyzada a força expansiva da concorrência pelos despotismos, pelos mysticismos allucinados, pelo desespero da miseria ou pela embriaguez da extrema opulencia, na machina social, dizemos, se observa um estacionamento, uma paralyzação e no fim a morte.

Não se atacam pois impunemente as leis da producção, da circulação, da consolidação, essas leis como que phisicas da chrematistica, entre as quaes é necessario incluir a da concorrência. Esta palavra exprime os desejos humanos, não em relação ás cousas, mas em relação aos homens entre si.

Normalisar porém a relação d'esses desejos é tanto uma necessidade jurídica, quanto mantel-os é uma necessidade chrematistica: só n'estes termos a machina social funciona. Atacada em qualquer d'elles, pára e decompõe-se.

Eis ahi o que nós vamos observar nos factos eminentes da conquista — formula da concorrência entre os povos. Veremos realistamente as consequencias da expansão desordenada d'esse como vapor, alastrando o solo de ruinas e reduzindo os vencidos ás condições miseraveis; veremos, depois, os vencedores, para manterem um estado de cousas que satisfaz as suas ambições dando expansão plena á sua personalidade particular, supprimirem a *passagem*, abafarem os desejos das populações submettidas, e d'ahi paralysem com a escravidão a machina social, conduzindo-se a si e ás suas victimas e bens a uma cova de miseria.

«Vencer na guerra, diz um personagem de Menandro, é proprio de homens; cultivar a terra, é o officio do escravo.» O escravo ha de, pois, com o seu trabalho alimentar-se a si e ao guerreiro. Ora o leitor sabe que esta divisão primitiva do trabalho é fecunda, é indispensavel — até ao ponto em que a guerra se limita á defeza e ainda á conquista assimiladora e iniciadora dos visinhos, como foi a dos romanos na Italia e no Occidente europeu. ¹ Então, o trabalho do escravo troca-se pelo do guerreiro, quando se não attinge esse estado ainda superior cujo typo é Cincinnato. A guerra, porém, desvaira e a embriaguez da conquista sobe á cabeça: guerreia-se por instincto e loucura, conquista-se para devastar e gosar. Os vencidos, escravizados, trabalham, não para si, mas para amos que apenas lhes

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 256-7.

dão o indispensavel á subsistencia. Senhores da terra e dos seus fructos os donos têm nos escravos rebanhos de nova especie: *terra vestitus*, vestuario da terra, como se dizia na Edade-media.

Já n'outro lugar, por outros motivos, ¹ notámos traços d'esses quadros desoladores da escravidão: é facil repetil-os; é sempre util lembrar as miserias cruas da nossa ascendencia. Diodoro, o siculo, viu os mineiros escravos da Ethiopia e da Arabia, «esses desgraçados que nem sequer podem manter o aceio do corpo, nem cobrir a sua nudez, nem chorar a sua sorte miseranda. Nem para os enfermos ha compaixão, nem para os mutilados, nem para os velhos, nem para as mulheres frageis. A golpes de açoite, os infelizes trabalham até que a morte vem pôr termo aos seus soffrimentos». Que são elles senão gado? Que motivo os reduziu a esse estado, senão a concorrência na sua fórmula typicamente primitiva da guerra e da conquista? Lavram a mina, aram a terra, povoam os harems, enchem as escadas dos palacios da Assyria e do Egypto, servindo os ricos e os vencedores — os mais fortes, já todavia enfraquecidos pela propria riqueza na embriaguez da victoria. A' crueldade junta-se o requinte, á avidez o luxo: o homem é o mais bravio e concupiscente dos brutos, quando o desvairamento oblitera no seu cerebro os instinctos racionaes-moraes. No Egypto os ricos tinham monstros e anões — não os tinham ainda os palacios medievaes? tinham cosinheiros e moços de palanquim; tinham corêas de mulheres para dançarem semi-núas em volta das mesas dos banquetes. Nós temos de tudo isso, nas casas e nos theatros.

Já na familia antiga havia escravos, mas sob

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 280 e segg.

um mesmo nome incluem-se condições inteiramente diversas. O escravo latino ficava em casa arando o campo, enquanto Regulo combatia em Africa a cidade inimiga da republica. Era como um filho adoptivo, senão do mesmo sangue, vinculado a um mesmo lar, a um mesmo tumulo. Ainda em Homero o escravo apparece podando a sebe no horto de Laercio; e em Hesiodo partilhando, como « verna », companheiro, os trabalhos do campo. Os homens feitos lavram, os adolescentes pastoreiam os rebanhos defendendo-os das feras e dos bandidos, os velhos trabalham em casa com as mulheres. Na tenda de Achilles vêem-se as suas captivas; na nau de Nestor a bella Hecamedes que a sorte das armas roubou a seu pae Arsinoo.

Essa escravidão primitiva é suave por ser natural: a divisão do trabalho não ataca os preceitos da justiça vinculados no regime da familia patriarchal. Sempre que as situações se repetem, reproduzem-se os phenomenos: assim dos Estados-unidos se sabe como era feliz a condição dos negros, enquanto o regime como que patriarchal dos colonos limitava a vida chrematistica á lavoura. Appareceu o commercio, propagou-se a cultura do algodão, alteraram-se as condições de uma producção agora destinada á exportação, e desde logo o dono passou a *avaliar* o escravo, incluindo no calculo do custo do producto venal da terra o custo do alimento de sete annos, vida media de um negro. Guiado por taes motivos, que motivo senão o interesse, como com um boi ou um cavallo, podiam presidir á manutenção do escravo? Gado, é um capital; machina viva, morrerá todavia se a não alimentarem: d'ahi o não o matarem á fome, d'ahi o tirarem-lhe do corpo todo o trabalho que é capaz de dar. D'ahi tambem o dizer-se com funda-

mento que a condição do escravo é ainda assim por vezes preferivel á do proletario livre — cidadão grotesco, machina sem ser capital. A sua morte não prejudica, pois não é um *valor*: que me importa que o salario lhe não chegue para a subsistencia? No grande rebanho da humanidade *libertada* abundam cabeças!

A concorrência, formulada como guerra, usurpou a terra, reduzindo a sua povoação humana a uma condição semelhante á da sua povoação animal: d'ahi a servidão agraria. Da servidão agraria, por analogia de causas e condições, vem a fabril. Se o escravo me é necessario para lavrar a terra e as minas, mais necessario me é ainda para os trabalhos da officina e para mover os engenhos que a arte inventou e a minha riqueza construiu. A' conquista, pois, junta-se o capital, no regime phisico ou chrematistico da concorrência, para pôr ao lado dos vencidos na batalha guerreira os vencidos nas guerras da riqueza. A victoria e a posse tornam-se exclusivos titulos de fruição, quando na mente dos homens, obliterado o direito, ha apenas idéas chrematisticas.

O leitor que sabe como era o escravo no seio da familia primitiva, viu como era o artifice ao desabrochar da cidade. Homero canta o operario que fez o arco de Pandaro e o que forjou o escudo de Ajax; o architecto e o carpinteiro hombraiam com os medicos, os adivinhos e os poetas. Os officios são nobreza; e em Roma o pontificado, que depois se tornou um lamismo nos tempos modernos, vem da arte da engenharia. Mas já na Grecia homerica a industria é escrava; já são escravos os que fiam, cardam e tecem a lan. No palacio-officina` de Alcinoos ha cincoenta mulheres que se dividem entre os teares e as mós. No de Ulysses ha outras

tantas: doze tocam os moinhos, vinte carretam agua, outras servem á meza nos banquetes, levam o hospede ao banho, despem-no, vestem-no, servem-no. Nada é pouco para os senhores e guerreiros a quem a fortuna escolheu: na officina e no leito os escravos são cousas suas. Instrumentos de prazer, compete-lhes tornar suave e facil a vida a quem soube vencel-os. Ha os engenhos que gemem produzindo: o escravo é a engrenagem motriz que junta ao ranger morto das madeiras o gemer vivo do peito fatigado. Como poderá o homem victorioso, augmentado por uma personalidade expandida, como poderá consumir o tempo no tedio e na pena de um trabalho monotono? Para isso existe o escravo. Em Roma, sob os imperadores, chegou a havel-os para o officio de relogios: iam, vinham, observando a clepsydra e o quadrante, e dizendo em voz alta as horas, para tirar esse fastio aos felizes.

Não vamos, todavia, arrastados pela razão juridica, esquecer a realidade historica, nem obscurecer os motivos de necessidade pelos de justiça. Capitalisar a terra e a sua renda era indispensavel ao progresso da exploração agraria; applicar certos homens ao papel de motores era inevitavel para o progresso fabril. Sem a intervenção efficaç das leis chrematisticas da producção, não teria havido expansão de riqueza, nem portanto liberdade; e sem a intervenção da concorrência, o systema das leis chrematisticas não funcionaria: a machina da riqueza social, parada, ficaria inerte qual se vê entre os povos que, por não saírem da selvagerie primitiva, não conhecem desigualdades mas tambem nenhuma especie de liberdade.

Barbara, a sociedade formúla a concorrência como guerra; e quando mostra ser insusceptivel

de um grau de justiça superior ao que tal estado exprime, estaca para morrer afogada em escravos. O leitor sabe que foi essa a sorte dos imperios orientaes e da propria Grecia aryana: ¹ apenas o romano soube conquistar sem escravisar, nem saquear. Soube porém manter seguro o fiel da justiça, para regular a distribuição da riqueza, não segundo a formula espontanea e empyrica da concorrência chrematistica, mas segundo regras normaes de economia social? Não; e por isso Roma, que não morreu á mão dos escravos, morreu á mão dos proletarios transformados em pretorianos dos Cesares.

Mais de um escriptor tem notado a analogia de condições economicas da sociedade imperial romana e d'esta sociedade néo-romana de que fazemos parte, nós europeus; mais de um, indicando as analogias, tem indicado os problemas e os perigos. A Europa é uma Roma amplificada por seculos de expansão, de desenvolvimento, de accumulção de riqueza. Entre os latifundia antigos e modernos, entre o capitalismo, entre a concorrência e o proletariado industrial e rural das duas epochas, ha differença de proporções, não ha diversidade de condições essenciaes. As revoluções recentes do nosso tempo aboliram os direitos feodaes, os direitos de conquista e a servidão mais ou menos temperada que as invasões germanicas nos tinham imposto; e desde então ficámos n'um regime de egualdade civil, de quasi egualdade politica, e com um regime de concorrência quasi tambem franca. Essas instituições da conquista eram simultaneamente protectoras; abolidas, viu-se um caso analogo ao que observamos na escravidão colonial contemporanea. Se o trabalho servil é mais cáro pois o dono têm inte-

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 259 e segg.

resse em manter o seu capital-escravo, sendo-lhe indifferente que o salariado rebente ou morra; tambem quando a lei intervinha no regime do trabalho e a propriedade tinha deveres sociaes, tambem então o trabalho era mais caro, o homem mais feliz, e a riqueza, menor sem duvida, mais equitativamente distribuida.

Assim, no regime natural da concorrência, embora ella se não formule politicamente em guerras, conquistas e escravidões, volta a dar-se o que sob essas formulas se deu: a accumulção da terra e do capital para um lado, a constitução de plebes proletarias cada vez mais numerosas e relativamente mais famintas para o outro. Da mesma fórma que na anarchia politica surgem espontaneamente as clientelas ou *gens*, sociedades de exploração bravia a que se chama partidos; ¹ da mesma fórma, na anarchia economica, no regime da concorrência chrematistica, desvairadas as noções do direito economico, surgem os conluios que novissimamente se chamam syndicatos. E se a liberdade politica definha e morre ás mãos dos partidos, a distribuição da riqueza preverte-se á mão do capitalismo.

O producto, diz Stuart Mill, é hoje distribuido em razão inversa do trabalho: a maxima parte vae parar ás mãos dos que não trabalham; depois, os mais favorecidos são aquelles cujo trabalho é quasi nominal; de sorte que, de grau em grau, a retribuição diminue á medida que o trabalho é mais desagradavel e mais penoso, até que, por fim, o trabalho extenuante não chega a ter seguro o meio de adquirir com o salario as cousas indispensaveis á vida.

¹ V. *Portugal contempor.* II, pp. 32-3.

Assim ha de forçosamente succeder quando um principio superior ao da concorrência não intervier, regulando a expansão natural do instincto absorvente da personalidade. Assim ha de succeder tambem, sob o regime exclusivo das leis chrematisticas, quando as consolidações progressivas de capital mecanisam cada dia mais a producção, dividindo e mecanisando o trabalho. Observações fecundas têm mostrado que o homem é incapaz de aturar uma diuturnidade egual de trabalho em especies varias. Doze horas que não extenuam nem embrutecem um trabalhador no campo, bestificam um homem preso a uma machina, n'um supplicio de Sisypho, fatigando exclusivamente certos musculos do corpo.

Extenuado e bestificado, esse homem a que a lei, por uma ironia cruel, chama cidadão e soberano, é tão facil de manter na escravidão capitalista como o foi o vencido da batalha na escravidão guerreira. O mesmo principio da concorrência não podia dar de si consequencias diversas, porque os effeitos correspondem sempre ás causas.

A differença unica está em o trabalhador ser ou não ser um capital. Sendo-o, vende-se ; não o sendo, tem a liberdade de morrer de fome. Dispôr de si, estender a sua personalidade ás cousas — n'isso está a liberdade!—vedava-lh'o antes a lei, hoje veda-lh'o o facto. Todavia, n'esta simples differença ha um progresso enorme. Quando a lei já não sanciona a escravidão, é porque o espirito da justiça, embora ausente ou obliterado na esphera economica, se estende já á humanidade como especie condemnando para qualquer dos seus membros um estado juridico semelhante senão egual ao das bestas.

Restaurada nos tempos modernos, com a descoberta e conquista dos paizes ultramarinos, a escura-

vidão tende a acabar de desaparecer para sempre do seio das nações aryanas. Esses quadros repugnantes que a concorrência-conquista desenhou, pertencerão á historia. Contar-se-ha como transacto o tempo das piratarías e das razzias colóniaes dos gregos e dos modernos. Entre nós, entre os gregos, quem não batalhava, comprava e trocava escravos. Achilles vende ao rei de Lemnos o moço Lycaon filho de Priamo: conta-se de um barão colonial nosso que vendeu a rainha negra com quem casara e a côrte inteira. As lévas de escravos egypcios fizeram os canaes e as drenagens do valle do Nilo, os diques e aterros, os templos, agulhas e monumentos: «nenhum braço egypcio se fatigou em taes obras!» diz orgulhoso o chronista; e da mesma fórma nenhum braço portuguez tocava os engenhos de assucar nas roças de S. Thomé ou do Brazil. A Syria e os paizes da Asia-menor, o Ponto, a Phrigia, a Lydia eram a procedencia dos escravos gregos — a Africa foi o deposito que abasteceu o mundo inteiro. ¹ Havia revoltas: Adulis nasceu como Palmares; ² havia mercados em que os compradores observavam, emquanto os ciganos d'essa especie de gado bruniam, picavam o syrio ou o negro, para que corresse e saltasse, mostrando a sua força e agilidade. Luciano, e Planudio na sua vida de Esopo, pintam essas feiras na Grecia. Uma bella escrava, habil nas artes do seu sexo, avalia-a a *Illiada* em quatro bois. Laertes comprou uma rapariga na flôr da idade por vinte bois: valia mais uma negra no Brazil?

O guerreiro grego, senhor de escravos, diz na canção do cretense Hybrias: «Com a minha lança lavro, ceifo e vindimo!» Assim dizia, se não diz

¹ V. *O Brazil e as colon. port.* (2. ed.) pp. 47-58.—² *Ibid.* pp. 62-3.

ainda o fazendeiro, batendo no bolso: « Com o meu ouro planto, môo e fabrico o assucar! com elle colho, descasco e ensacco o café! » Não diz o mesmo o fabricante de hoje?

E' que, no regime da concorrência chrematistica, se a principio vemos como formula barbara a guerra, vemos depois como formula historica a usura.

II

A usura

Eis ahí a segunda fórma espontanea e rudimentar da concorrência. Primeiro, com a sua lança, o guerreiro usurpa a terra, confisca em seu proveito o rendimento liquido e reduz a gente á condição de gado. Incapaz de trabalhar, o guerreiro, inebriado pela victoria e pela riqueza, despreza o commercio, como desprezou a lavoura. Mesquinho, humilde, submisso e perfido, confundido entre a creadagem dos palacios principescos, foi ao judeu que no Occidente moderno coube desempenhar o segundo papel na historia da concorrência economica.

Avido e brutal, o capitão ganhava a risco de vida os bens conquistados; dissimulado e astuto, o judeu ia-os herdando á custa de habilidade. Um tinha uma couraça de ferro, o outro de perfidia; um era ingenuo e ás vezes bom, o outro felino e sempre perverso: uma aguia perante uma hyena. Um era temido, o outro desprezado; um inspirava amores, o outro odios: por isso desde a Edade-media até hoje, o povo, condemnando o judeu como carrasco de Jesus, confirmou a sentença aggravando-a com o crime de usura. A raça dos barões sumiu-se já, mas a dos judeus alar-

gou-se por adopção: ha judeus de todos os sangues!

« E posto que de todos sejam zombados, possuem a grossura da terra onde vivem mais folgadamente que os naturaes: porque não lavram, nem plantam, nem edificam, nem pelejam, nem accitam officio sem engano. E com esta ociosidade corporal, n'elles se acha mando, honra, favor e dinheiro: sem perigo das vidas, sem quebra das suas honras, sem trabalho de membros: sómente com o seu andar miudo e apressado que ganha os fructos de todos os trabalhos alheios.» Assim João de Barros retratava o nosso judeu da Renascença: ¹ « ganha o fructo de todos os trabalhos alheios », usurpa com a bolsa, á maneira do que o guerreiro faz com a espada; vence com a astucia e o calculo, onde o capitão vencera com a violencia e a força.

Á inferioridade de energia chrematistica d'esta primeira fórma da concorrência observa-se no predomínio universal do capitalismo succedendo ao patriciado proprietario. As terras, com os seus gados, alfayas e escravos, as fabricas e os seus engenhos, ou passam do capitão para o judeu, ou, quando a lei o não consente, ficam apenas nominalmente pertencendo ao primeiro, de facto servo do crédor. O rendimento ou producto do trabalho, usurpado pelo conquistador, é-lhe confiscado pelo usurario. Depois de escravizado o trabalhador, o proprietario fica dependente e como que escravo, até que, alteradas as leis n'um sentido liberal, seja expropriado.

Os patricios romanos, judeus da Antiguidade, emprestavam sobre hypotheca a juros de entre doze

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) I, pp. 10-8.

e trinta por cento, e como a terra não podia dar semelhante producto liquido, choviam as execuções: feliz do dono quando a insolvabilidade o não reduzia á escravidão! Os ricos tiveram sempre por si o governo; e ao producto da usura juntava o capitalista romano o da usurpação das terras e serviços publicos. Formado um nucleo, armado um homem com um instrumento de combate, a sua victoria é certa na lucta contra quem não dispõe senão dos braços. « Todos os rios correm para o mar », diz o povo confirmando a agglomeração fatal da riqueza no regime d'essa concorrência espontanea que por ser cega é anti-social.

Oito ou dez seculos depois dos patricios e argentarios de Roma terem destruido a civilisação antiga, dizia da moderna Boisguillebert: « O dinheiro é o algoz de todas as cousas. A finança é o alambique onde se distilla uma somma enorme de bens e generos, para se obter esse extracto fatal. O dinheiro declarou a guerra ao genero humano »; e Montesquieu accrescentava: « Os financeiros sustentam os estados como a corda sustém o enforcado ». Veiu d'ahi a maior revolução dos tempos modernos — a revolução franceza, uma revolução de fome.

De mãos dadas, a usura e a conquista, usurpando o rendimento liquido dos capitaes e das propriedades, reduzem as populações a uma condição miseravel — escrava ou livre — d'onde não ha na concorrência natural forças que as emancipem. O pobre é cada vez mais pobre, o rico dia a dia mais rico. Venha embora a lei dizer que os homens são politica e civilmente eguaes: se a lei não fôr como os reguladores e volantes da machina da distribuição, as leis naturaes chrematisticas farão d'essa egualdade decretada uma irrisão cruel.

Todavia, se nós já sabemos que a apropriação da terra é indispensavel á criação da riqueza contida ou immanente n'ella; se, por isso, factos como a conquista e a escravidão chegam a legitimar-se como phenomenos evolutivos economicos — é necessario dizer o mesmo da usura. Tampouco sem a intervenção do capital é possível o progresso chrematistico, e por isso tambem historica ou evolutivamente se legitíma o seu despotismo na usura. Usura e conquista são as duas fórmãs de aberração da propriedade e do capital: exprimem o desvaivamento de duas formulas instrumentaes progressivas, provocado pela capacidade limitada dos homens para a comprehensão da ordem e da justiça.

Ainda em nossos dias a revolução mecanica da industria fabril veiu mostrar a antinomia que ha entre as leis da producção chrematistica e as da distribuição social. Ao passo que as machinas tocadas pelo vapor, o mais poderoso e mais movel de todos os motores conhecidos, provocavam um barateio e um augmento imprevisto da producção, determinavam tambem a formação de um proletariado semelhante ás escravidões das conquistas remotas. Miseraveis, os trabalhadores, no seio de uma opulencia que mais crua lhes torna ainda a miseria, pervertida a familia pelo trabalho das mulheres arrebanhadas nas fabricas, corrompida a descendencia pela exploração barbara das creanças: esse grande passo dado na conquista da riqueza, tornou-se uma grande queda no sentido do desenvolvimento moral das sociedades.

Os capitaes, fecundos como nunca tinham sido, encontraram na exploração dos rebanhos de trabalhadores lucros ou juros maiores, mais importantes do que todos os lucros antigos da usura monetaria;

e os argentarios, que n'outro tempo viviam da ruina do lavrador, congregaram-se na exploração mais fecunda do trabalho humano. Calcula Marx que noventa e nove centesimas partes do producto do trabalho pertence ao que o executa no regime primitivo dos indios americanos, e que na Inglaterra moderna essa quota se reduz a sessenta e seis partes: será assim, mas é mistér calcular tambem o valor em si da somma de producção obtida pelo trabalho de um indio e pelo de um inglez; é mistér calcular a somma de capital que n'um caso e n'outro intervem na realisação do producto.

E' por isso que, se nós sabemos já que na plenitude da riqueza o capital não terá juro ou renda, pois tornando-se superabundante se tornou colectivo, sabemos tambem que no regime de uma escassez relativa esse juro ou renda é o preço legitimo pago a quem o detem — e legitimo pois ninguem desistiria d'elle gratuitamente. E' por isso que a evolução da usura se póde representar por um triangulo, tendo n'um dos angulos basilares (A) o estado primitivo em que, por quasi não haver capitaes, o producto é quasi inteiramente do trabalhador; tendo no vertice (B) o momento em que, dado o desenvolvimento dos conhecimentos para a exploração da natureza e dadas as necessidades como que illimitadas do consumo, o capital, por ser mais reclamado, é mais relativamente escasso e por isso relativamente menor a parte do trabalhador; tendo no outro angulo basilar (C) aquella epocha em que a propria productividade progressiva do capital o tornou tão abundante que lhe aboliu a renda, dando ao trabalhador o producto total ou quasi (a amortisação é inevitavel) do seu trabalho.

tornar hereditaria a opulencia de poucos e a miseria de quasi todos.

As leis de usura pretendiam fazer para o capital o que as da herança, do vinculo e do imposto faziam para a propriedade. O dizimo sagrava a posse da terra associando os pobres, como membros da nação, no gozo de bens individualisados; mas o dizimo, ou o imposto em geral, não podia ou não póde ser efficaz contra uma riqueza movel, fluida, e como que incoercivel. Na insufficiencia dos seus conhecimentos, os legisladores pensaram pois moralisar ou normalisar a detenção e o uso do dinheiro punindo como crime a usura e marcando o limite á taxa dos emprestimos.

Empreza duplamente van! porque a taxa dos emprestimos ha de regular-se pelo premio ordinario das consolidações. Se a lei me prohibe emprestar a mais de 5 e um fabricante me pede dinheiro para uma industria que renda 10, eu, em vez de lh'o emprestar, emprego-o n'essa industria. Empreza van, porque são innumerous os meios de illudir a lei. Disposição insufficiente, filha da noção imperfeita do que é o capital.

Com a sua tendencia ingenita para abstrair e como que mythificar as cousas mais positivas, o homem viu primeiro a riqueza exclusivamente na terra, quando a concorrência espontanea se formulava na conquista. Depois, formulada como usura, quando os commercios e os capitaes se desenvolveram, viu-a realisada no dinheiro. A moeda, vehiculo, symbolo e denominador apenas da riqueza, apparecia como a substancia d'essa riqueza: regular-lhe o preço de aluguer não seria moderar, regular, normalisar a propria distribuição da riqueza?

A allucinação do ouro enchia todas as cabeças: o mundo inteiro era judeu. Uns condemnavam o

dinheiro como um demonio, outros adoravam-no como um deus. O desenvolvimento da riqueza, dramatisado, ganhava caracteres tragicos: a usura desvairada provocava as condemnações das almas candidas. Todos enthesouram, todos adoram de joelhos o ouro divino

Gold, yellow, glittering precious gold!

como diz o Timão de Shakespeare. No templo grego, ao lado da cella do idolo estava a « episthodomia » — a cella do ouro. Sophocles geme assim na *Antigone*: « As peiores leis e os peiores costumes vieram-nos do dinheiro. Elle accende a discordia nas cidades e expulsa de suas casas os habitantes; elle arrasta as mais bellas almas ao cumulo das vergonhas e das desgraças, ensinando ao homem a extrair das cousas o que ha n'ellas de peor e de mais impio ».

Assim nós procedemos, não só com o dinheiro, como com tudo o que augmentar a nossa força e expandir a nossa personalidade; assim procede sempre a força viva que ha em nós, oppondo-se á do nosso semelhante no regime solto da concorrência natural. Utilisou-se a terra? veio a conquista. Inventou-se a moeda? veio a usura. Se a terra tem seducções, tem-nas egualmente o ouro; se o lavrador casa mysticamente com a gleba, que é senão outro casamento o amor do avarento pelos seus thesouros? Se a ambição dos territorios foi ao ponto de identificar a nobreza com a posse de umas courellas, a ambição do dinheiro arrastou os europeus para os mundos ignotos, movendo sobre o mar as naus e caravellas dos descobridores. « El oro es excelentissimo: del oro se hace tesoro y con el, quien lo tiene, hace cuanto quiere en el mundo y llega á

que hecha las animas al paradiso!» Assim Colombo escrevia da Jamaica aos reis catholicos.

Illusão, fatal como todas, para os que se embriagaram com ella! illusão que nos descarnou a nós, peninsulares. Essa paixão do ouro foi a queda da nossa fortuna. ¹ Depois, vendo na usura um crime, e condemnando o judeu a esse crime; depois tarifando o aluguer do dinheiro, e escravizando a circulação dos productos á chimera da thesaurisação monetaria; depois, as nações paralyzaram o desenvolvimento da riqueza, sem conseguirem nada em favor da sua distribuição pelas pessoas.

Vieram idéas e conhecimentos novos, e rasgaram-se essas leis, ao mesmo tempo que as descobertas da mecanica destruiam os antigos engenhos da industria. De que serve tarifar o dinheiro, um instrumento unico entre tantos? De que serve limitar o juro, quando se não podem limitar os lucros das consolidações? De que serve armazenar o ouro, se cada parcella de moeda custa o seu triplo, o seu quadruplo, em preço dos generos não-amoe-dados? Erro, illusão, tudo isso!

A moeda definiu-se como o que é: um vehiculo, um instrumento, um denominador, um symbolo; e bastou esta definição para reduzir a pó as velhas theorias da usura e da balança mercantil. Vehiculo do capital, só como instrumento a moeda póde influir no augmento progressivo da riqueza. Se escasseia, de certo embarça: resta pois apenas inventar maneiras de a multiplicar de um lado, e de prescindir d'ella pelo outro. Eis ahi o que se chama credito—essa flôr da arvore da riqueza desabrochada, essa ultima e incomparavel invenção dos homens.

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (2.^a ed.) pp. 235 e segg. e *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) 1, pp. 18-30.

Mas, se a moeda fez progredir o desenvolvimento da riqueza, generalizando e facilitando as trocas, vieram os instinctos egoistas do homem e fizeram d'esse instrumento o peor dos males.

A roda nova accrescentada á machina chrematistica, destinada a accelerar-lhe o movimento e a amplificar-lhe a acção, essa nova roda que deveria ser como o volante — se houvesse harmonia entre os instinctos animaes e as noções moraes humanas — tornou-se um freio, empunhado pelos vencedores na concorrência espontanea. Em vão a lei clamava: o judeu « com o seu passo miudo e apressado » era mais forte do que a lei.

Descobre-se um dia o erro das idéas consagradas; vê-se quanto era inutil buscar por esse caminho a formula de ponderação entre as leis chrematisticas e a ordem social, e proclama-se a excellencia do credito — mas proclamando-se ao mesmo tempo a desnecessidade de volante, de regulador para a expansão da concorrência. Eis que logo succede ao credito o que succedera á moeda: a machina social adquire uma velocidade e uma potencia inauditas, mas a sua marcha descompassada, desigual, abandonada aos saltos e explosões irregulares do vapor, procede como um monstro, levantando montanhas de riqueza e abrindo abysmos de miseria, maravilhas e catastrophes, opulencias e crises — uma orgia feita de cubiças e lagrimas!

Já se não enthesoura, joga-se: joga-se em permanencia, tudo, em toda a parte. Shylock já não póde reclamar a libra de carne do devedor, mas o Baal das fabricas e das bolsas devora cada dia o sangue vivo das populações, e o peculio das familias. Soltos os diques da lei, armado o mar dos homens com instrumentos de uma energia inaudita, as ondas dos especuladores ruem, coroadas de es-

puma orgulhosa, e lambem, alastrando a praia inteira. Passam por sobre os governos, passam por sobre os povos, galopando. A tudo impoem o seu dominio irresistivel no seio da anarchia tempestuosa. São onda; são agua; são, porém, espuma! tão depressa galgam como cáem desfeitos em nada. São ephmeros como a vaga, mas como ella terri-veis. Incham, erguem-se em conluios e emprezas: logo cáem, desfazendo-se em banca-rotas e suicidios. Ostentam hoje o luxo de mau gosto dos seus palacios improvisados: amanha mendigam intrigando, sem a nobreza dos andrajos tecidos pelo infortunio. Provocavam a inveja? depois provocam o tedio. Nem merecem na fortuna o respeito e amor conferidos á força legitima, nem na desgraça o dó e a compaixão que a desventura immerecida reclama. No vaivem tempestuoso da onda, envolvem e despedaçam os fracos, os simples, os pobres...

Quem ouve, porém, os gemidos dos naufragos? Quem teme pelo que ainda resta das muralhas da cidade que o temporal ameaça arrasar?

III

Castas e classes

(CONCLUSÃO)

Assim, as invenções chrematísticas são na sociedade como as cheias: apparecendo, caminhando, invadem e alagam. Catastrophe? São-no muitas vezes. Arrancam arvores, derrubam casaes, levam cadaveres no seu lançol turvo. Mas vão ahi suspensos os limos que fecundarão a terra quando a estiagem voltar. Assim foi a invenção da propriedade, assim a dos capitaes, assim a da moeda, assim a do credito; assim a posse da terra originou a escravidão, assim da divisão do trabalho vem o regime das castas, assim finalmente da mecanisação da industria e do capitalismo antigo e moderno o proletariado.

Mas as cheias só fecundam o solo quando a arte do homem dirige a corrente, moderando-a, encaminhando-a, coarctando-lhe os impetos e afastando essas revoluções em que as aguas fervendo cavam na terra, deixando, em vez de nateiros, açoriamentos de areia esteril. Succede tambem o mesmo na economia de um povo, quando as cheias da riqueza não são normalisadas pela arte da justiça. Se as consequencias da revolução bravía ficam á maneira barbara consagradas em leis, a sociedade, petrifi-

cada em castas, definha, apodrece e morre. Se á maneira de hoje, a lei, indifferente, deixa os elementos agitarem-se e debaterem-se á solta, a sociedade anarchisa-se, dividindo-se em grupos oppostos de ricos e pobres, e anarchisada caminha para a sua ruina em razão directa da sua riqueza. Não ha exemplo mais eloquente do que o da França contemporânea — nova Roma em que os argentarios e os fabricantes desempenham o lugar dos proprietarios ruraes da antiga.

Não será mistér voltar a insistir sobre o que tantas vezes aqui se tem notado: isto é, a funcção efficaçmente activa d'essas forças individuaes expansivas creadoras ou inventoras da riqueza. Os tempos não são um rosario de crimes, nem os homens um batalhão de bandidos. Os erros vêm do limite da nossa capacidade intellectual e moral como especie, mas o processo pelo qual a riqueza se desenvolve não é um erro. Quando a utopia nos apresenta como typo essas communas archaicas da India, da Serbia, ou da Russia, ¹ onde não ha pobres, onde tudo é familiarmente commum, onde a vida se desenrola simples e poetica — é mistér lembrarmo-nos de que em taes sociedades nem ha riqueza, nem portanto liberdade. Vive-se dia a dia, consumindo-se cada anno aquillo que a terra deu; e quando chega a occasião de uma sécca ou de uma d'essas cheias terriveis do Indostão, a fome ceifa populações inteiras que por não terem capitaes não podem conservar a existencia. A falta d'elles é tambem a causa da sua fraqueza, e por isso tanto morrem passivas perante uma catastrophe, como se têm curvado sempre perante as conquistas.

A força e a liberdade desenvolvem-se com a ri-

¹ V. *Instituições primitivas*, pp. 89-98.

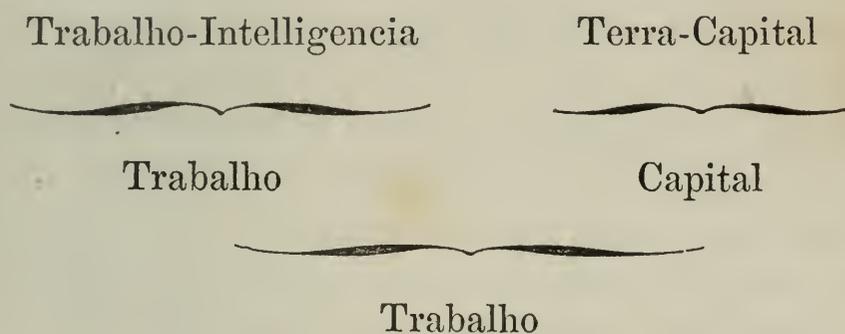
queza: a riqueza nasce da concorrência-vital dos individuos e dos povos, incitados pelas ambições e pelos desejos; a posse é a consagração da personalidade vencedora por selecção. Eis ahi, para utilisarmos uma ultima vez uma comparação suggestiva, o vapor da machina chrematistica. Eis ahi a legitimação de todas as conquistas, de todas as usurpações, no fôro particular exclusivo da economia da riqueza.

N'um dialogo philosophico, o poeta Goethe põe esta pergunta na bocca do mestre-escôla: « Dize-me, d'onde veiu a riqueza de teu pae? » A creança responde: « do avô »; e a d'este? « do bisavô »; e a do bisavô? « Tomou-a! » D'ahi alguns inferiram que a riqueza é um roubo, dando com um tal erro o character de uma reivindicação ás reclamações actuaes dos pobres. A creança podia ter respondido: creou-a! em vez de responder: tomou-a! mas quer o avô creasse, quer usurpasse a riqueza já creada, o facto é que, de um ou do outro modo, a sua origem seria limpa e legitima sempre que não ferisse as leis que exprimem as noções juridicas de uma epocha determinada.

N'este sentido são legitimas todas as usurpações, e são fecundas, pois que a expansão da personalidade é o processo historico da formação da riqueza. Tornam-se porém illegitimas quando o progresso do conhecimento, da cohesão e da propria riqueza de uma sociedade consente que se formulem doutrinas analyticas da ordem d'estas que temos vindo estudando. Consciente dos principios abstractos das cousas e conhecedora das condições ou razão historica d'essas mesmas cousas, a sociedade principia então por consagrar nas leis a abolição d'esses privilegios de casta ou classe que a conquista e a riqueza consequente crearam para conservação dos

vencedores. Democratisada no fôro juridico, lança-se á analyse scientifica, e formúla abstractamente os termos da economia da riqueza.

Por isso nós hoje sabemos que o Trabalho e a Terra, a Intelligencia e o Capital, são os factores cooperantes do enriquecimento de um povo, sabendo tambem em que serie, de que modo, em que relações, esses factores apparecem e funcionam. A' maneira que surgem, isolam-se ou separam-se, e d'ahi nascem os conflictos que se vêem concretamente na agitação economica das sociedades. Profundando a analyse, observamos que esses factores diferenciados se reduzem a um principio unico: o trabalho, medianeiro do casamento supremo do homem com a natureza:



Não é mistér, parece-nos, voltar a insistir sobre o valor d'esta expressão — o trabalho — cuja analyse fizemos no principio da nossa obra. Se o trabalho é incapaz de *criar* riqueza, pois o apreço, valor, ou merecimento das cousas vem do desejo que temos d'ellas e não do esforço empregado para as obter, é tambem certo que sem trabalho coisa alguma se adquire, coisa alguma se utiliza, e por isso elle, sem ser a origem, é a causa efficiente da riqueza.

Completando e resumindo o que a tal respeito

temos escripto, podemos formular d'este modo as nossas conclusões :

I

MOTIVO, ou origem

O Desejo

ambição expansiva da personalidade, instincto de liberdade, ou como se prefira dizer.

II

MEIO, ou acção

O Trabalho

III

RESULTADO

os productos, fungiveis ou reproductores, objectos ou instrumentos, mercadorias ou capital:

A Riqueza

O trabalho, medianeiro entre os motivos e os resultados, é pois a causa efficiente da riqueza, conforme dissemos, sempre que funcione em equação com os desejos creadores ou motivadores da riqueza: quando o não faça deixa de ter merito. Eis os termos em que, scientificamente, se devem collocar as reivindicações democraticas dos nossos dias quando erigem o trabalho em fonte exclusiva da riqueza, para d'ahi protestarem contra a fórma espontanea da divisão, reclamando o producto integral.

O desvairamento de doutrinas originadas n'uma observação verdadeira tornou-se já hoje o grande perigo da civilisação europêa. Dando valor positivo a definições abstractas, erigindo em regras praticas ou politicas, noções cujo character é sómente critico ou ideal, reclamando a realisação de normas con-

cebíveis, mas inexequíveis por serem apenas normas: a democracia, entontecida pela ambição de uma egualdade positiva, pretende que o trabalho receba como salario o producto integro, sem se lembrar que a historia reclama ainda, reclamará sempre, em maior ou menor grau, a intervenção do capital individualisado na producção, e da propriedade pessoal na consolidação da riqueza; pretende que a divisão do salario se egualise, sem se lembrar de que em taes termos a egualdade é uma utopia; allega que o trabalho é omniparo, quando elle só é productivo se opera para satisfazer desejos que, n'um regime de egualdade forçada (se tal regime podesse realisar-se um instante) seriam atrophiados.

A egualdade legislada seria na esphera chrematistica a legislação da miseria: ferido o instincto de ambição de riqueza pela impossibilidade de a fruir, faltaria á machina social o vapor que actua sobre o embolo-trabalho, e a industria cairia, reduzindo-se ás proporções elementares do que é indispensavel á subsistencia. Eis ahi o que é mistér dizer, propagar, no seio d'essas plebes infelizes que nas afflicções da fome confundem a felicidade com a riqueza, vendo nos bens alheios a causa da sua miseria, materialisadas nas suas ambições, amesquinhas nos seus desejos por uma anarchia utilitaria que põe a fortuna acima de todos os motivos da existencia.

Com effeito, o veneno que as perverte, o alcool que as embriaga, propinam-lh'o as theorias dos ricos acclamando o exito — *beati possidentes!* Pois se a riqueza é tudo, e a vida apenas um combate para a conquistar, como quereis que ensarilhemos as armas? Dizem que o instincto da desigualdade como motivo, a concorrência como fórmula, são as

engrenagens exclusivas da machina economica : pois tambem o miseravel quer concorrer ! tambem quer lutar — como ? com as *grèves*, com as Communas, com as insurreições da fome desvairada, polo opposto das orgias da opulencia exuberante.

Ora a doutrina cujas consequencias se vêm já hoje claramente, é uma utopia tão grande, mas menos nobre do que a da egualdade pratica. O homem, como animal chrematistico, tem uma alma apenas feita de ambição de gozo e de instincto de desigualdade — mas esse não é inteiramente o homem. A analyse do character apresenta-nos, ao lado d'esse instincto, o da egualdade que inspira o fôro da religião e o da jurisprudencia. Scindir o homem, estudando-o apenas como animal chrematistico, é fundar sobre uma abstracção um castello de chimeras degradantes. Trabalhando, nós queremos sem duvida differenciar-nos, enriquecendo ; mas ao mesmo tempo que somos trabalhadores, somos inventores da piedade e das leis. A analyse divide em nós as nossas funcções para que nos possamos estudar a nós mesmos em cada uma d'ellas, mas o saber desvaira-se quando d'essas abstracções pretende extrair regras praticas e systemas reaes.

Os instinctos chrematisticos e os religiosos e juridicos são simultaneos no nosso espirito : a realidade economica provém da cooperação de todos, e não do funcionar exclusivo de um só. E' utopia o subordinar as leis da riqueza ás da piedade ; mas é utopia, e por sobre isso crime, excluir do regime das riquezas a correcção dos instinctos juridicos. Se n'um regime de egualdade forçada a riqueza desappareceria, n'um regime de anarchia materialista os desejos creadores d'ella paralyam-se — nos ricos pelos ocios embrutecedores da opulencia excessiva, nos pobres pelo entorpecimento da miseria

negra. Assim como nos climas excessivos a civilização se não desenvolve, assim também na desigualdade excessiva a riqueza se atrophia. Civilização, riqueza, importam uma ponderação.

Determinal-a, eis o papel das leis e da piedade, do instincto juridico e do instincto moral, que, formulando-se como preceitos de norma e de egualdade, se contrapoem á concorrencia e á desigualdade, formulas espontaneas dos instinctos chrematisticos. Estas mantém-se no fôro particular dos individuos, aquellas no fôro collectivo do estado : são, ainda n'este ponto de vista, a authoridade e a liberdade :

A. NO INDIVIDUO

o instincto de desigualdade; expansão de personalidade; ambição de riqueza — na concorrencia livre e como força creadora activa;

B. NO ESTADO

ou collecção individuos socializados, em que os instinctos moraes-juridicos exprimem em leis o principio de ponderação e de protecção, ou de justiça.

Nós vimos que o desejo, o trabalho e a riqueza, expressões concretas dos motivos, da acção e do resultado das funcções chrematisticas, se relacionam como causas e effeitos; e esta analyse basta a mostrar-nos que a normalidade do desenvolvimento da riqueza só póde encontrar-se na perequação dos seus factores. A lei, a authoridade, o governo, o Estado, ou como se quizer dizer, eis ahi o instrumento d'essa perequação irrealisavel no regime simples e a-social da concorrencia espontanea. Por isso, a anarchia economica, ou o regime de classes concorrentes, se torna até chrematisticamente obno-

xio. Vêem-se desejos e trabalho sem possibilidade de resultado; vêem-se desejos sem possibilidade de acção ou trabalho; vê-se riqueza ou resultado sem trabalho nem desejos. Ha milhões de homens, como que escravos, ambiciosos e extenuados sem conseguirem obter sequer o necessario; ha com frequencia gente capaz e desejosa de trabalhar sem ter em que empregar a sua força activa; ha gente indifferente na ociosidade, fruindo as rendas que a concorrência creou em seu proveito.

Por isso ha no nosso tempo uma questão social, mais evidente, mais grave ainda, depois que os instinctos juridicos se desenvolveram ao ponto de se legislar a egualdade civil e a universalidade dos direitos politicos.

Abolidas as castas ou simili-castas aristocraticas provenientes da conquista e cujos privilegios se consagravam na detenção do solo, franqueada a terra, democratisadas as instituições, nem por isso as classes deixam de distinguir-se hereditarias n'uma sociedade cuja economia se abandona á concorrência do regime capitalista livre. O destino das democracias modernas está escripto na historia das democracias antigas, diz um publicista eminente. Foi a lucta dos pobres contra os ricos o que as perdeu — e nos perderá a nós se não se evitar o perigo corrigindo o mal. Tambem na Grecia os cidadãos gosavam de egualdade de direitos, mas os legisladores antigos tiveram de reconhecer esta verdade fundamental que Aristoteles se não saciava de repetir — que a liberdade e a democracia não subsistem sem egualdade de condições, ou, por outra, sem desaparecimento de classes. « Cada estado grego, dizia o stagyrita, inclue pelo mênos duas nações: uma composta de ricos, outra de pobres ».

Dividam-se as heranças, confisque o Estado uma parte d'ellas sob fórma de imposto, fragmente-se a terra, mobilise-se toda a riqueza, distribuam-se esmolas : esses processos são incapazes de resolver por si sós a dualidade que o capitalismo agrava diariamente pela concorrência espontânea ; e são-no, porque não emanam d'uma compreensão clara do principio de solidariedade, coesão ou justiça social, provindo apenas do principio de individualismo e limitando-se a tratar os symptomas com medicamentos empyricos.

Por isso, quanto maior é a liberdade doutrinaria nas sociedades democraticas individualistas, tanto maior é a separação real das classes, ou a divisão dos estados em dois, como Aristoteles dizia. E' que a verdadeira liberdade só póde existir no seio de instituições equalisadoras. Liberdade, egualdade, são inseparaveis e correlativas. ¹

E assim, quando no regime pseudo-livre da concorrência franca as sociedades enriquecem, como n'este seculo as descobertas da mecanica e da chimica as tem feito enriquecer, observa-se a constituição de um estado de industrialismo e capitalismo em que se denunciam todos os vicios e desordens dos estados historicos de aristocracia territorial e de argentarismo usurario. A terra é accessivel a todos ; o capital, barato como nunca foi (pois nunca a riqueza foi tanta), não se nega a ninguem. Dir-se-hia que nada mais é necessario para equalisar as condições economico-sociaes. E todavia a linha divisoria dos dois estados de Aristoteles, em vez de se obliterar, afunda-se cada vez mais : cada vez é maior a divisão dos dois grupos de classes, e assistimos já á guerra declarada dos

¹ V. *Instit. primitivas*, p. 189.

ricos e dos pobres, como nas democracias mercantis das republicas medievaes.

E' que no regime do capitalismo absoluto e do individualismo franco, a concorrência espontanea condemna o trabalhador a uma condição analoga em tudo, sob um ponto de vista chrematistico, á condição do escravo — e porventura agravada ainda pelo facto do patrão já não ser dono, nem o proletario um capital que demande attenções conservadoras para diminuir a taxa da amortisação.

Resta ainda saber, pergunta Stuart Mill, se as invenções mecanicas de até hoje alliviaram o trabalho quotidiano de um só homem. Alliviaram, respondemos nós; alliviaram o trabalho, chegando a supprimil-o para todos aquelles a quem a concorrência dispensou o capital; alliviaram, pois o capitalista vive sem incommodo das sobras da producção, não por crueldade ou crime, mas por consequencia necessaria do regime de uma concorrência livre que extrema progressivamente os pobres e os ricos.

Trabalho é o exercicio mental ou corporal, agradável ou penoso, praticado com a vista n'um fim ou na satisfação de um desejo. O trabalho do escriptor é mental, o do ferreiro corporal. O trabalho do escriptor cuja pena é livre tem prazeres acaso incomparaveis a nenhuns outros, mas o do jornalista escravizado á machina capitalista e politica de uma folha periodica é dos mais repugnantes. O trabalho do ferreiro na sua loja, com os seus filhos, malhando o ferro na sua bigorna, ganhando um pouco mais do que o indispensavel, podendo folgar e economisar, é alegre; mas é tristissimamente funebre o do operario de uma fabrica, especie de caserna ou convento em que a jorna absorve o dia inteiro, e de inverno parte da

noute; em que não fica um instante para repouso do espirito, apenas as horas indispensaveis á reparação das forças; em que não resta uma migalha de sobra — oxalá que o salario chegue para não estalar de fome! — em que o operario e a sua familia, se acaso a póde ter, vão descendo cada dia na estrada da miseria até baterem ás portas do hospital, da cadeia, ou do prostibulo.

O inglez Jennings diz assim: « Fixemos n'um ponto medio a media de trabalho (pondo de parte a natureza d'elle) que corresponde á media de enfado; supponhamos que esse ponto está no jornal de dez horas. E' evidente que, se a duração diaria do trabalho se reduzisse a cinco, a sensação de enfado transformar-se-hia n'uma impressão de gozo pois o homem detesta a ociosidade, — ao passo que a producção só se reduziria em metade (em menos, pois a productividade da hora é inversa em razão da extensão do jornal). Se, ao contrario, a jorna se elevasse a vinte horas, a producção seria dupla (menos de dupla, pela razão allegada), mas a sensação de enfado intoleravel ».

Vê-se pois que, para além d'aquelle ponto em que a porção diaria de trabalho coincide com a disposição do homem, um mesmo exercicio, até ahi agradável, se torna penoso; de humano torna-se bestial, reduzindo-se o homem á condição dos animaes — não porque as leis a isso o obriguem, como succede na escravidão, mas porque lh'o impõe outra lei de ordem natural ou phisica: a lei da concorrência chrematistica. E' ella que determina a formação do proletariado — essa simili-escravidão no proprio seio da liberdade juridica.

Allegam os anarchistas, radicaes, individualistas, para os quaes não ha conflictos entre as leis da natureza phisica ou chrematistica e as leis ra-

cionaes-moraes ou economico-sociaes, allegam, defendendo a theoria da harmonia espontanea, que, franqueada a terra a todos, franqueado e barateado o capital, basta a economia e a previdencia do trabalhador para o libertar da sua sorte. Dizem mais que a divisão das fortunas, com a desvinculação de toda a especie de bens, dispersam á morte de um homem a somma de riqueza que elle durante a vida podesse ter accumulado. Concluem que ahi termina a missão do direito, franqueando tudo a todos, desmanchando dia a dia as accumulações de riqueza, abolindo a hereditariedade da fortuna. Abertas de par em par, universalmente, as portas do templo da riqueza, entrará n'elle todo o que tiver conseguido reunir um peculio de economias; e é absurdo fallar-se em classes quando a lei não vê senão individuos eguaes nos seus direitos.

Ha n'esta doutrina do capitalismo duas contradicções evidentes. Em primeiro lugar, se o mundo economico é uma harmonia espontanea, se a lei nada tem que ver com a distribuição da riqueza, se a concorrência natural funcionando livremente basta para repartir equitativamente os productos — porque ha de a lei mandar que, de vida em vida de homem, se dividam os bens deixados? porque intervem de mil modos o Estado, fatigando-se os economistas na procura dos limites de uma intervenção para a qual a doutrina não fornece principio? Em segundo lugar, se para que o proletario passe á condição de capitalista é indispensavel juntar á sua pessoa individual um peculio, não lhe sendo sufficiente a intelligencia e o braço, n'isto mesmo se vê como as classes são duas e os homens (aparte a questão da desigualdade ingenita) deseguaes, conforme têm ou não têm

capital, embora as leis affirmem e a doutrina proclame o nenhum valor da distincção.

E' mistér porém accrescentar que o regime da concorrência, influindo no do trabalho e do salario, sujeita-os exclusivamente á lei fundamental da valorisação pela escassez, ou da offerta e da procura. Abundem braços que o salario baixa e as horas de trabalho crescem, indo além do ponto em que a natureza o consente, como o prova a mortalidade excessiva das classes proletarias e a depressão miseravel das suas condições de vida moral e intellectual. Para o capitalista que obedece exclusivamente aos motivos chrematisticos, o trabalhador é um instrumento ou um engenho: se debate o preço de custo da machina e o reduz ao minimo, que fará com o preço do trabalho? Não lhe compete a elle conhecer, não é das attribuições do seu fôro individual saber se esse preço basta para manter ao trabalhador a condição de homem livre.

Como ha de pois o proletariado economisar, se a força das cousas impõe limites de tal natureza ao salario? Dada uma capacidade, um genio, uma sorte e condições excepçionaes, ha proletarios que enriquecem: vê-se, nem podia deixar de se ver, todos os dias. No regime da concorrência o proletario de hontem é o capitalista de amanha, o capitalista da vespera é proletario no dia seguinte. Mas, qualquer que seja a condição mudavel das pessoas no decurso da sua existencia individual, nem a condição do proletariado nem a do capitalismo se alteram respectivamente. Os nomes dos individuos mudam, ou mudam os individuos componentes dos grupos: não se altera porém o regime de qualquer d'esses grupos, nem a natureza das suas relações. Se d'essas mudanças de condições

podesse sair uma assumção progressiva do proletariado ao capital, então a economia seria com effeito espontaneamente harmonica. Mas, em vez de assumção, a concorrência determina uma depressão. As leis repartem a riqueza, a concorrência concentra-a. A revolução franceza, as leis de Stein na Prussia, as de Alexandre II na Russia, distribuiram a terra pelos servos e colonos ruraes; ao mesmo tempo que o capitalismo e a concorrência, na Inglaterra, concentravam o solo em dezenas de mãos e creavam ao lado de umas centenas de milionarios muitos milhões de proletarios. E se no continente a lei democratizou a terra, o capital movel, em cujo regime a lei se póde dizer não intervem, funciona em concorrência franca, e procede como na Inglaterra accumulando montanhas de riqueza e cavando abysmos de miseria.

O proletariado é a onda negra de gente faminta e desvairada que põe em risco o futuro da civilização confiada a mãos ou inhabeis ou ávidas. Os instinctos de ambição desenfreada applaudidos e consagrados por doutrinas inconsequentes ou ineptas, criam assim espontanea e chrematisticamente as duas grandes classes de pobres e ricos — os dois estados que Aristoteles denunciou nas democracias antigas. Tambem de lá tinha desaparecido a hereditariedade de condições e privilegios; mas apesar das leis dizerem os homens eguaes e terminarem a personalidade civil com a morte, tambem lá succedia o que succede hoje: manter-se hereditaria a condição das classes. Póde um pobre enriquecer, póde um rico empobrecer, podem esses factos ser mais do que frequentes na classe media que raia entre capitalistas e proletarios; mas ainda em regra o filho do rico é rico, e o do pobre pobre. Ha dynastias do capital como as havia da terra e da

espada. Ha servidão hereditaria de facto, como a outra o era de direito.

Ha pois classes, embora a jurisprudencia as não reconheça; e ha classes mantidas, divididas cada dia mais pelo regime da concorrência capitalista. Se, dentro d'elle, o proletariado como classe não pôde attingir o capital, da mesma fórma que os servos e colonos jámais teriam obtido a terra a não serem as leis que lh'a outorgaram: como poderão os proletarios, impossibilitados de mudar de condição, preparar uma sorte diversa para seus filhos? O filho do operario é operario. O pae era pobre e ignorante? o filho cáe com frequencia na mendicidade e no vicio, a filha na prostituição. Para supprir as urgencias da fome, o pae manda as creanças á fabrica; e a fabrica definha-as e corrompe-lh'as. Eis ahi como os soldados baixam de estatura e força n'um exercito cujas fileiras engrossam todos os dias, cada dia, em cada geração, pela influencia exclusiva do capital e da concorrência espontanea.

A hereditariedade da classe é pois um facto natural, fatal, que se caracteriza por uma depressão dos pobres por uma elevação dos ricos. As leis da natureza animal actuam francamente desde que não são coartadas pelas leis da natureza moral. A concorrência-vital classifica, a adaptação fixa, a transmissão mantem. Se Darwin descobriu a sociologia, o nosso destino é entredevorarmo-nos. E é esse destino que a jurisprudencia radical ingenuamente prepara com a sua idolatria da liberdade. Os polos sociaes afastam-se, e a riqueza olympica de uns é a miseria averna de outros. De pobre passa-se a faminto, e os filhos da fome são monstros: povoam-se as tabernas e os prostibulos; o proletariado, exercito do trabalho, torna-se um re-

banho de gado humano — como os escravos foram.

Mas, ao mesmo tempo, os juristas e economistas dizem em voz alta a esse gado que é gente, a esses escravos que são soberanos — tal e tanta é a ingenuidade do homem! tanto podem as illusões de uma doutrina!.. N'elles está a origem de toda a authoridade, o fundamento de toda a riqueza. Soberanos, esmolando famintos um dia de trabalho? Thesouro, elles que tiritam com frio e sede? Se entre os escravos houve Sparthacos, admira acaso que do proletariado sáiam revoluções desvairadas? que n'esse lodaçal de miserias em fermentação, se gerem fructos morbidos de communismo?

Dissipando todas as chimeras doentias, não nos recusemos pois a reconhecer o que ha de real nas tendencias de que essas chimeras são a expressão indiscreta e exagerada. Quanto mais a machina da riqueza cresce, maior, mais poderoso ha de ser o volante, o regulador que lhe compasse a marcha. Quando se destruíram os moldes das classes historicas, acabando com as corporações de officios, lamentava-se a sorte do pobre operario desprovido de meios de pagar a patente, choravam-se os males das restricções da concorrência. Eis que porém grandes capitalistas centralisam em vastas fabricas a factura, armazenagem e venda dos productos da industria, de modo a encaminhar-nos para a supressão de toda a especie de concorrência e para o regime como que feudal de monopolios. Assim a descoberta do vapor fez tambem aos transportes; e se nos caminhos de ferro o Estado julga necessario intervir regulando a circulação e os preços, avocando a si o dominio: como se pretende que não haja necessidade egual de proceder com as fabricas, as granjas e as minas? Aqui a lei fra-

gmentou o solo a ponto de prejudicar as lavouras, além a concorrência congregou-o a ponto de crear latifúndios; n'um ponto o colono arrasta uma vida precaria, n'outro o jornaleiro enfileira-se nas columnas do exercito proletario. Regiões inteiras gemem sob a hypotheca, de outras zonas fogem aldeias em globo.

A crise denuncia-se por toda a Europa, e tanto mais bravia quanto é maior o progresso da riqueza das nações. Não fosse a America, para onde fogem os desesperados, a America nossa fornecedora de pão — não fosse ella, e a Europa, ou arderia já hoje em revoluções tremendas, ou teria entrado n'um caminho de reformas imperscriptiveis e urgentes — porque em poucos seculos essa propria America, densamente povoada, estará nas condições da Europa.

Os processos de taes reformas são dois: o da tradição latina pela jurisprudencia e pela authoridade, e o processo empyrico saído da propria concorrência anarchica. Os symptomas de renovação surgem omnimoda e universalmente.

Aqui propõe-se um systema de instituições que diffundam a instrucção, barateiem o capital, moralisem as condições do trabalho, assegurem a infancia e a velhice do prolétario, mantenham ou reivindiquem ao dominio social os serviços collectivos, restaurem a cooperação, regularisem a concorrência, tornem equitativa a distribuição por via do imposto, sem ferir os direitos legitimos nem a propriedade de ninguem, buscando apenas recompor as engrenagens da machina social desorganizada, creando reguladores novos, restaurando volantes partidos, n'uma faina laboriosa e pacifica, sem revoluções nem catastrophes, n'uma empreza condigna da extensão e profundidade dos nossos conhecimentos e da nossa critica.

Além, povos mais barbaros, menos dotados de espirito juridico, parece preferirem outro processo: o da concorrência. As plebes operarias voltam contra o capital a arma com que o proprio capital lhes impoz o dominio. Aos conluios respondem as *grèves*; á cooperação capitalista, a cooperação dos trabalhadores para a resistencia. E' o processo natural-empyrico da guerra, perante o processo racional da paz. São as catastrophes, as jacqueries, os incendios, o petroleo, a dynamite, o picrato — um côro de blasphemias, um exercito de labaredas; são a anarchia e as ruinas contra a ordem e a paz, e a demagogia funebre perante o cesarismo protector. Qual preferiremos? Essas preferencias vêm da idiosincrasia e das tradições dos povos; mas não se compara o empyrismo com a razão, nem a ordem com a guerra. As guerras do capital e do trabalho são sempre ruinas — e toda a perda é chrematisticamente má — embora d'essas ruinas se levante como se tem ido levantando a emancipação do trabalhador.

Esta ultima expressão póde traduzir-se por est'outra na linguagem particularmente chrematistica: diminuição da parte do producto liquido do trabalho afferente ao capital no regime da concorrência espontanea. Ora o leitor viu que na relação distributiva do producto do trabalho está o principio da evolução social-economica. A abundancia da riqueza, a egualdade tão plena quanto é dado á natureza humana, a liberdade positiva sancionada a um tempo pelo direito e pela riqueza, exprimem-se por esta formula: Supressão progressiva das rendas que cerceiam ao trabalhador o producto do seu trabalho; perequação dos desejos, do trabalho e da riqueza, ou dos motivos, da acção e do resultado.

Só assim deixará de haver classes e condições

hereditarias, de privilegio de um lado, de dependencia do lado opposto. Não basta que a lei proclame uma liberdade e uma egualdade abstracta ou metaphisica: é mistér que o organismo social torne positiva e pratica a abstracção. Formularam-se os principios, resta hoje ao mundo constituir os moldes. Disse a jurisprudencia, diz a consciencia que somos eguaes e livres — que o devemos ser! Diz o facto que o não somos, mas, dado o grande passo da affirmacção juridica, o segundo da realisacção pratica, embora obvio, é mais difficil. Roma deu o primeiro, não pôde dar o segundo: morreu por isso. Oxalá seja outra a nossa sorte!

Pulverisou-se, destruiu-se quasi completamente o thesouro da civilisação antiga por ella não saber conservar o primeiro instrumento de riqueza — o trabalho. As revoluções são a usura da machina social. A esphera social economica actua reflexamente sobre a chrematistica, e se a principio o funcionar desordenado da machina apparenta resultados deslumbrantes, conquistas singulares, opulencias maravilhosas — pouco a pouco, roida, gasta a alavanca-homem, de catastrophes em catastrophes, de orgias em orgias, de fracturas em fracturas, a machina affrouxa o movimento, decae, pára... ainda gyra, lentamente, com esforço; ainda respira, a espaços, com intervallos... a menos, a menos, até acabar como um ser agonisante.

Depois, fica um chão alastrado de ruinas — o lugar onde foi Troya!

INDICE

Introdução.	v
---------------------	---

CAPITULO PRIMEIRO

A natureza

1. A terra	1
2. O lume	11
3. Os alimentos.	20
4. Inventario das riquezas.	29

CAPITULO SEGUNDO

O trabalho

1. A divisão	39
2. As ferramentas	51
3. Os productos	62

CAPITULO TERCEIRO

A circulação

1. Os vehiculos	73
2. O commercio	89
3. A moeda	103

CAPITULO QUARTO

A consolidação

1. A população	115
2. A mina.	123
3. A granja	131
4. A fabrica	145
5. A cidade da riqueza	157

CAPITULO QUINTO

A concorrência

1. A conquista	177
2. A usura	189
3. Castas e classes	202

ERRATA

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
x	30	socialisção	socialisação
15	11	empregou	applicou
34	3	lhe	lhes
43	30	especiaes	particulares
72	7	aniquilamento	aniquilamento,
86	30	rostos	rostros
117	11	Transpostos, os	Transpostos, os
122	16	Hephastos	Hephastos
174	17	d'ella propria	d'ella da propria
193	5	pertence	pertencem

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional :

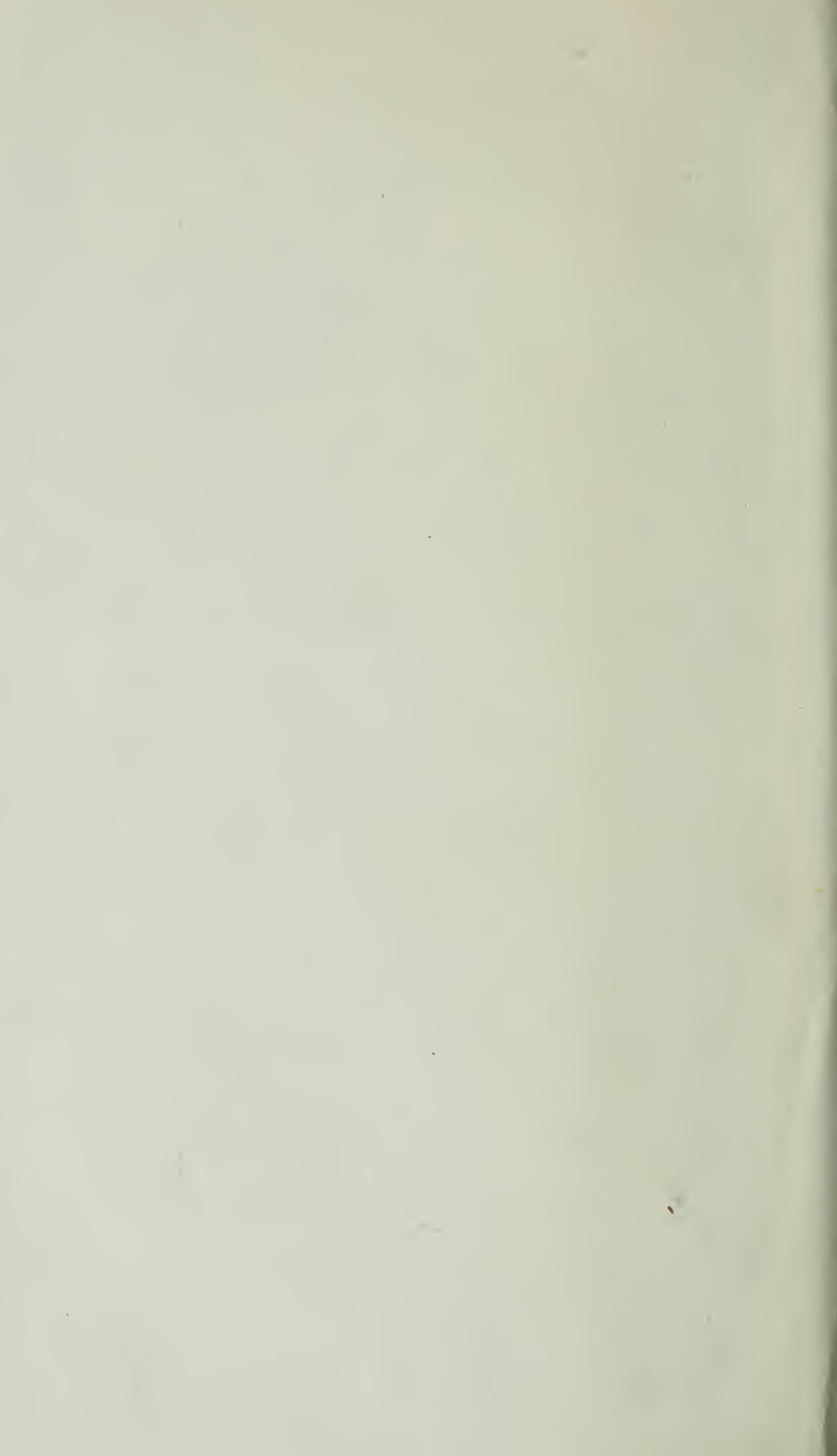
- Historia da civilisação ibérica, 3.^a ed. (1886), 1 vol.
Historia de Portugal, 4.^a ed. (1888), 2 vol.
O Brazil e as colonias portuguezas, 3.^a ed. (1888), 1 vol.
Portugal contemporaneo, 2.^a ed. (1883), 2 vol.
Portugal nos mares (1889), 1 vol.
Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal (1891), 1 vol.
Navegaciones y descubrimientos de los portugueses, (ed. do Ateneo de Madrid, (1892), 1 vol.
Os filhos de D. João I (1891), 1 vol.
Vida de Nun'Alvares, 1 vol. illustrado, *no prelo*.

II. Historia geral :

- Elementos de anthropologia, 3.^a ed. (1885), 1 vol.
As raças humanas e a civilisação primitiva, 2.^a ed. (1893), 2 vol.
Systema dos mythos religiosos, (1882) 1 vol.
Quadro das instituições primitivas, 2.^a ed. (1893), 1 vol.
O regime das riquezas (1883), 1 vol.
Historia da republica romana (1885), 2 vol.
O hellenismo e a civilisação christan (1878), 1 vol.
Taboas de chronologia e geographia historica (1884), 1 vol.

III. Varia :

- A circulação fiduciaria, *memoria premiada com a medalha de ouro no concurso de 1878 pela Academia real das sciencias de Lisboa* (1883).
A reorganisação do banco de Portugal, *opusculo* (1877).
O artigo «Banco», no *Diccionario Universal Portuguez* (1887) 1 vol.
Politica e economia nacional (1885), 1 vol.
Projecto de lei de fomento rural, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol.
Elogio historico de Anselmo José Braamcamp, *ed. part.* (1886), 1 vol.
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo*, (1869).
O Socialismo (1872-3), 2 vol.
As eleições, *opusculo* (1878).
Carteira de um jornalista : 1. *Portugal em Africa* (1891), 1 vol.
A Inglaterra de hoje, *cartas de um viajante* (1893) 1 vol.





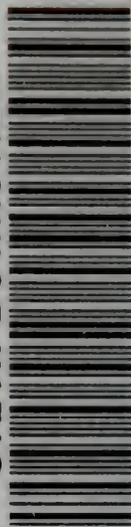
HB
179
P6
045

Oliveira Martins, Joaquim
Pedro
O regime das riquezas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C

39 12 05 02 14 003 2